

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO MARCOS BORGES AVELAR

A ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA E SEU IMPACTO NA
PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE DO POLO DO VESTUÁRIO DE
CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007

CURITIBA
2009

JOÃO MARCOS BORGES AVELAR

A ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA E SEU IMPACTO NA
PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE DO POLO DO VESTUÁRIO DE
CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Departamento de Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Frederico Camargo Rolim.

CURITIBA
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO MARCOS BORGES AVELAR

A ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA E SEU IMPACTO NA
PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE DO POLO DO VESTUÁRIO DE
CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Econômico no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Cássio Frederico Camargo Rolim
Departamento de Economia, UFPR

Prof. Dr. Maurício Aguiar Serra
Departamento de Economia, UFPR

Prof. Dr. José Chotguis
Setor de Ciências Agrárias, UFPR

CURITIBA
2009

À minha esposa, Andrea, e às minhas filhas, Kattia e Andrieli.
Aos meus pais, Adão e Juliana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelas oportunidades permitidas.

Ao professor Cássio Frederico Camargo Rolim, pelas aulas ministradas na FECILCAM e pelas valiosas orientações para a realização desta pesquisa.

Aos professores que nos acompanharam durante esta trajetória.

Aos colegas de curso que sempre souberam motivar nos momentos mais difíceis.

À direção da FECILCAM que colaborou em todos os sentidos para a realização do Mestrado em Desenvolvimento Econômico.

Aos amigos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

À Sr. Paula Maria Bandeira Costamilan, coordenadora de assuntos econômicos da Secretaria de Estado da Fazenda do Paraná.

RESUMO

A indústria confeccionista demonstrou um desempenho positivo na maioria das microrregiões do Estado do Paraná no período de 2003 a 2007, consolidando-se como um importante setor para as economias regionais e para a geração de empregos, principalmente nos pequenos municípios do estado. Contudo, a escassez de mão-de-obra especializada tem sido um dos principais problemas para a indústria têxtil confeccionista do Paraná, em especial, às indústrias de confecções que fazem parte do Polo de Confecções de Cianorte, localizado no noroeste do estado. O objetivo do trabalho é analisar o desempenho do Polo de Confecções de Cianorte no período de 2003 a 2007 e identificar as principais causas da falta de mão-de-obra no setor. A hipótese em estudo é que a deficiência de mão-de-obra especializada é decorrente dos baixos salários praticados no Polo de Cianorte, em relação a outros setores de trabalho da região e em relação a outras regiões produtoras de confecções do sul e sudeste do Brasil. Foram analisadas 27 microrregiões produtoras de confecções no sul e sudeste do Brasil e os seus respectivos níveis salariais, sendo possível a partir disso, estabelecer comparações com os níveis salariais praticados na microrregião de Cianorte. Os principais resultados obtidos são que o Polo apresentou no período estudado crescimento tanto no número de empresas como na geração de empregos, e que os salários praticados não são capazes de atrair trabalhadores de outras regiões. Isso pode ter agravado o problema da falta de mão-de-obra especializada para as indústrias confeccionistas do Polo, impedindo a ampliação da sua capacidade produtiva, e com isso, afetando sua competitividade no mercado nacional e internacional. A pesquisa identifica também a fragilidade de muitas empresas no aspecto gerencial e que a microrregião de Cianorte teve o pior desempenho em termos de produtividade entre as demais regiões analisadas no estado do Paraná.

Palavras-chave: Escassez de mão-de-obra; produtividade; Confecções de Cianorte.

ABSTRACT

The industry manufactures has made a positive performance in most of microregions of Paraná State in the period from 2003 to 2007, consolidating itself as an important sector to regional economies and to generate Jobs, mainly small municipalities in the state. However, the shortage of a specialist labor has been one of the main problems for the textile industry of Parana, specially, for confection clothing industries of Cianorte's Polo, located in the northwestern state. The work's objective was to analyze Cianorte's Confection Polo from 2003 to 2007 and to recognize the main causes for lack of labor in the sector.²⁷ micro clothing producing have been analyzed in south an southeastern of Brazil and, from this, it's possible to compare their wage levels to the ones offered in the microregion of Cianorte. The main results showed that in the studying period, the Polo have grow in the companies numbers and in the generation of jobs and that the wages can not attract workers from other region, worsening the lack for specialist labor's problem to the confection clothing industries, preventing the entrepreneurs expand their productive capacity and thus, affecting their competitiveness in national and international market. The research also identified the weakness of many companies in the management aspect and the microregion of Cianorte had the worst performance in terms of productivity among the other regions examined in the state of Parana.

Keywords: lack of labor, productivity, confection of Cianorte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 COMPETITIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL	18
2.2 COMPETITIVIDADE REGIONAL	20
2.3 DIMENSÃO TERRITORIAL	26
2.4 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A COMPETITIVIDADE DAS REGIÕES	31
2.5 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS E A COMPETITIVIDADE	39
2.6 MUDANÇAS TECNOLÓGICAS, REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	41
2.7 O USO DA PALAVRA POLO E A TEORIA DOS POLOS DE CRESCIMENTO	42
3 A INDÚSTRIA TEXTIL	45
3.1 A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL	45
3.2 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS INDÚSTRIAS TÊXTEIS NO BRASIL	49
3.2.1 Principais Polos confeccionistas do Brasil	50
3.3 A INDÚSTRIA TEXTIL NO PARANÁ	52
3.3.1 Distribuição geográfica das indústrias têxteis no Paraná	53
3.3.2 Principais Polos confeccionistas do Paraná	54
3.3.2.1 Polo confeccionista de Terra Roxa	54
3.3.2.2 Polo Confeccionista do Sudoeste do Paraná	55
3.3.2.3 Polo confeccionista de Maringá	55
3.3.2.4 Polo confeccionistas de Imbituva	56
3.3.2.5 Polo confeccionista de Cianorte	56
3.3.2.6 Polo confeccionista de Londrina	57
4 O POLO CONFECCIONISTA DE CIANORTE	58
4.1 O DESENVOLVIMENTO DO POLO DE CONFECCÇÕES DE CIANORTE	58
4.2 CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS QUE COMPÕEM O POLO DE CIANORTE	59
4.3 PROCESSO PRODUTIVO DAS EMPRESAS	65
4.4 EVOLUÇÃO DAS INDÚSTRIAS CONFECCIONISTAS LIGADAS AO POLO NO PERÍODO DE 2003 A 2007 E A RELAÇÃO COM A GERAÇÃO DE EMPREGOS	66
4.5 MERCADO CONSUMIDOR DOS PRODUTOS FABRICADOS EM CIANORTE	71

4.6 PERFIL DA MÃO-DE-OBRA PARA AS EMPRESAS CONFECCIONISTAS.....	72
4.7 POLÍTICAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EXISTENTES NO POLO DE CONFECÇÕES DE CIANORTE	73
4.8 NÍVEIS SALARIAIS DOS TRABALHADORES DO RAMO DE CONFECÇÕES	76
4.9 VALOR ADICIONADO GERADO PELAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES NAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS NO PARANÁ.....	82
4.10. PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS POLOS CONFECCIONISTA DO ESTADO DO PARANÁ	84
5 RESULTADOS.....	86
5.1 DESEMPENHO DO POLO DO VESTUÁRIO DE CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007	86
5.2. NÍVEL SALARIAL DAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS E SEUS REFLEXOS NA ESCASSEZ DA MÃO-DE-OBRA EM CIANORTE.....	95
5.3 IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS REGIÕES CONCORRENTES	112
5.4 IMPACTO DA ESCASSEZ DA MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA NA PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS.....	114
CONCLUSÃO	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXOS	127

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - MÃO DE OBRA EMPREGADA NA INDÚSTRIA CONFECCIONISTA POR REGIÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL.....	46
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES FABRIS POR PORTE DAS EMPRESAS, MÃO DE OBRA EMPREGADADA E PRODUÇÃO	47
TABELA 3 - PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO EM 2006.....	48
TABELA 4 - PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO 2006.....	49
TABELA 5 - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO EM 2006.....	49
TABELA 6 - UNIDADES FABRIS INSTALADAS POR REGIÃO	50
TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES NA PRODUÇÃO TÊXTIL (EM %)	50
TABELA 8 - ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PARANÁ.....	52
TABELA 9 - EMPREGOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PARANÁ.....	53
TABELA 10 - ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TEXTIL DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS POR MICRORREGIÕES	66
TABELA 11 - EMPREGOS NA INDÚSTRIA TEXTIL E CONFECCIONISTA NO ESTADO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 2003 A 2007	67
TABELA 12 - EMPREGO TOTAL DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ	68
TABELA 13 - TAXA DE DESEMPREGO NAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ – 2000	69
TABELA 14 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ	77
TABELA 15 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS	

PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE.....	78
TABELA 16 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DA REGIÃO SUDESTE, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE	79
TABELA 17 – SALÁRIOS MÉDIOS NO PARANÁ NAS PROFISSÕES QUE MAIS ADMITIRAM, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES A PREÇOS DE 2007	80
TABELA 18 - VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS NO PARANÁ, COM VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES A PREÇOS DE 2007	83
TABELA 19 – PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ.....	84
TABELA 20 - EVOLUÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TEXTIL DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NAS MICRORREGIÕES EM ESTUDO	86
TABELA 21 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCINISTAS DO PARANÁ NO PERÍODO	88
TABELA 22 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS NOS PRINCIPAIS POLOS CONFECCIONISTAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007	88
TABELA 23 - EVOLUÇÃO DOS EMPREGOS NA INDÚSTRIA TEXTIL E CONFECCIONISTA NO ESTADO DO PARANÁ NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES PRODUTORAS NO PERÍODO DE 2003 A 2007	90
TABELA 24 - AUMENTO DO NÚMERO DE EMPREGOS NO SETOR CONFECCIONISTA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES PRODUTORAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007	91
TABELA 25 - AUMENTO DO NÚMERO DE EMPREGOS NO SETOR CONFECCIONISTA NO PERÍODO DE 2003 A 2007	91

TABELA 26 - MÉDIA % DA EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007..	94
TABELA 27 - MÉDIA SALARIAL CORRIGIDA DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS TEXTÉIS, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PERÍODO DE 2003 A 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ.....	96
TABELA 28 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	100
TABELA 29 - NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	104
TABELA 30 - NÍVEL SALARIAL DE TODAS AS MICRORREGIÕES EM ESTUDO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	107
TABELA 31 – NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE, NO PERÍODO DE 2003 A 2007.....	116

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – DIFICULDADES PARA ENTRADA DE NOVAS EMPRESAS NO POLO DE CONFECÇÕES DE CIANORTE.....	65
GRÁFICO 2 – AUMENTO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO DE 2003 A 2007 NO PARANÁ.....	89
GRÁFICO 3 – AUMENTO PROPORCIONAL DE CADA POLO.....	89
GRÁFICO 4 – AUMENTO DOS EMPREGOS NO PERÍODO DE 2003 A 2007.....	92
GRÁFICO 5 – AUMENTO PROPORCIONAL DO EMPREGO EM CADA MICRORREGIÃO.....	92
GRÁFICO 6 - EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO NA MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES EM R\$, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	93
GRÁFICO 7 - MÉDIA DA EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007..	94
GRÁFICO 8 – DESEMPENHO DA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007.....	95
GRÁFICO 9 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 63215, COSTUREIROS, À MÁQUINA, NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007.....	97
GRÁFICO 10 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 763210, COSTUREIROS NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007	98
GRÁFICO 11 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 763320 OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007.....	99
GRÁFICO 12 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 63215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	101

GRÁFICO 13 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210, COSTUREIRO NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007.....	102
GRÁFICO 14 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO BO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	103
GRÁFICO 15 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 63215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	105
GRÁFICO 16 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210, COSTUREIRO NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	106
GRÁFICO 17 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	107
GRÁFICO 18 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	109
GRÁFICO 19 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210,	

COSTUREIRO NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	110
GRÁFICO 20 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	111
GRÁFICO 21 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2003.....	117
GRÁFICO 22 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2004.....	117
GRÁFICO 23 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2005.....	118
GRÁFICO 24 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2006.....	118
GRÁFICO 25- UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2007.....	119
GRÁFICO 26 - PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES DO POLO DE CIANORTE, CONSIDERANDO O VALOR EM R\$ DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, POR HORA TRABALHADA	121
GRÁFICO 27 – PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS POLOS CONFECIONISTAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007	122

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco o estudo da microrregião de Cianorte, que se consolidou nas últimas décadas como um dos principais Polos Confeccionistas do Brasil. A indústria do vestuário projetou a região no cenário nacional a partir da década de 1980 e foi um fator de extrema importância para a expansão urbana ocorrida nos últimos anos no município. Cianorte autodenomina-se como “A Capital Nacional do Vestuário”, utilizando-se desse slogan em todas as suas ações mercadológicas.

A indústria confeccionista brasileira experimentou uma fase de grande crescimento, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. A partir da década de 1990, com a abertura do mercado aos fornecedores estrangeiros, as indústrias confeccionistas foram obrigadas a realizarem altos investimentos para modernizarem seus parques industriais e sua forma de gestão, visando ao aumento da produtividade e qualidade dos produtos e assim assegurar a competitividade do setor, tanto no mercado interno como no mercado externo.

O Polo Confeccionista de Cianorte também seguiu essa tendência, expandindo suas atividades e modernizando suas indústrias. A expansão das atividades do Polo oportunizou a geração de novas empresas no município e na região, promovendo a ampliação da oferta de empregos no setor.

Além da confecção de suas próprias marcas, o Polo Confeccionista de Cianorte também se especializou em serviços terceirizados de facção para empresas confeccionistas de outras regiões, devido a grande demanda por esse tipo de serviço.

A partir de 1994, com a abertura do mercado iniciada no governo Collor e com a implantação do Plano Real, o ramo confeccionista de Cianorte vivenciou uma profunda crise financeira. Algumas empresas tradicionais não suportaram a crise e faliram, provocando um alto índice de desemprego na região.

Como forma de superar essa crise, os funcionários desempregados começaram a constituir empresas próprias, aumentando a participação de micro empresas formais na aglomeração, principalmente na terceirização de serviços de facção.

A partir do ano 2000 agravou-se no Polo o problema da escassez de mão-de-obra especializada, principalmente para a função de costureiro.

Pelos motivos expostos, o presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre a escassez de mão-de-obra especializada no ramo de confecções e seus impactos na produtividade e competitividade do Polo de Confecções de Cianorte no período de 2003 a 2007, procurando identificar o seu desempenho no período e o nível salarial das microrregiões estudadas.

No capítulo 2, foi realizada uma revisão bibliográfica para uma melhor compreensão do arcabouço teórico sobre o qual se sustenta o estudo. Para tanto, foram utilizados os estudos realizados pela Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD), sobre os fatores da competitividade regional, abordando temas como a competitividade e o desenvolvimento econômico regional e os fatores que contribuem para a competitividade das regiões. Também foram utilizados os estudos de Francisco Alburquerque Llorens, sobre a competitividade das micro e pequenas empresas e as mudanças tecnológicas, reestruturação produtiva e desenvolvimento econômico.

No capítulo 3, aborda-se temas sobre a indústria têxtil brasileira e paranaense, demonstrando a distribuição da mão-de-obra e a geração de empregos por esse setor industrial, apresentando dados sobre os principais países exportadores e importadores de artigos do vestuário. O capítulo apresenta também a distribuição geográfica das indústrias têxteis no Brasil e no Paraná, destacando os seus principais Polos confeccionistas.

No capítulo 4, trata-se do desenvolvimento do Polo de confecções de Cianorte, dos níveis salariais dos trabalhadores do ramo de confecções e o perfil da mão-de-obra das empresas confeccionistas. A evolução das indústrias confeccionistas ligadas ao Polo no período de 2003 a 2007 também é tratada no referido capítulo.

Para obter tais informações foi realizada uma pesquisa documental, utilizando-se de fontes secundárias, publicações das entidades representativas do aglomerado, informações disponíveis nos órgãos oficiais dos municípios pertencentes à região em estudo, bem como, informações disponíveis nos órgãos oficiais do governo estadual e federal. Foram também realizadas entrevistas com os dirigentes de importantes entidades que auxiliam os trabalhos do Polo, como Sindicato do vestuário - SINVEST -, e o Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena Empresa - SEBRAE -.

Para identificar os fatores que limitam a expansão da capacidade produtiva das empresas, foi realizado um levantamento, utilizando-se de questionários semi-estruturados, aplicados aos dirigentes das empresas que compõem o Polo, de forma aleatória. O número de amostras para a pesquisa foi determinado por critérios estatísticos. As empresas foram classificadas em quatro categorias: micro, pequenas, médias e grandes empresas. Tal classificação seguiu os critérios do Serviço Brasileiro de Apoio às micros e pequenas empresas – SEBRAE.

No capítulo 5, são apresentados os principais resultados da pesquisa, reunindo informações sobre o desempenho do Polo no período em estudo, a evolução das empresas e dos empregos, bem como, uma comparação do nível salarial praticado no Polo de Cianorte, em relação aos demais Polos confeccionistas do Paraná. Foi realizada também a comparação entre os salários pagos em Cianorte com relação aos salários praticados nos principais Polos de confecção dos estados de Santa Catarina, Rio Grande dos Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo enfoca a importância da competitividade das regiões para o desenvolvimento econômico regional, bem como, os fatores que contribuem para tanto. Serão também abordados temas que se referem ao papel das micro e pequenas empresas na conquista da competitividade regional.

2.1 COMPETITIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL

A competitividade das regiões tem sido o centro de profundas discussões nas últimas décadas no meio científico. A tentativa de compreendê-la faz parte dos estudos de diversas correntes teóricas que contribuíram para a melhor compreensão das economias dos países ou regiões. A ausência de um consenso sobre o termo gera muitas controvérsias e dúvidas conceituais, o que continua a fomentar intensos debates sobre o assunto.

Em 2003, a Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD), publicou um relatório sobre a competitividade das regiões com base na literatura teórica e empírica disponíveis sobre o tema. O presente trabalho, utiliza-se da riqueza dessas informações para tentar explicar a evolução do termo competitividade e sua aplicação em termos regionais.

De acordo com a OECD (2003), o centro das atenções sobre a competitividade no sentido lato, busca a compreensão das questões fundamentais responsáveis para melhorar o bem estar econômico e a distribuição da riqueza numa sociedade, ou seja, procura respostas para as mesmas questões que durante centenas de anos os dirigentes políticos, cientistas sociais e os formadores das teorias econômicas procuram solucionar.

A competitividade está associada a estratégias e ações que tornem a economia de uma determinada região dinâmica, oportunizando o crescimento econômico, promovendo uma maior coesão social e ampliando tanto a quantidade como a qualidade dos empregos de uma determinada região.

Portanto, o entendimento correto sobre o termo “competitividade regional” é de extrema importância para o desenvolvimento econômico de qualquer região. Para se chegar a um conceito de competitividade, torna-se indispensável conhecer os fatores capazes de impulsioná-la e mantê-la por longos períodos de tempo. Para

tanto, é preciso entender o conceito lato de competitividade, tanto em nível microeconômico como em nível macroeconômico. Em nível microeconômico, o conceito de competitividade é de mais fácil compreensão e de aceitabilidade no meio científico. Tem como referência a capacidade das empresas em competirem, crescerem e tornarem-se rentáveis. Essa condição é traduzida na capacidade das empresas em produzirem produtos e serviços capazes de atender às exigências dos mercados nacionais e internacionais em termos de preços e qualidade. As empresas que não conseguirem essa condição, provavelmente perderão espaços para as empresas concorrentes e terão dificuldades para continuar atuando no seu ramo de negócio.

Entretanto, em nível macroeconômico, não há um consenso sobre o conceito da competitividade. Ao contrário, há muitas dúvidas e contradições que alimentam profundas discussões. A adoção de um conceito que admite diversos entendimentos e interpretações é um fator no mínimo perigoso para a adoção de uma política econômica de um país, uma vez que isso pode impossibilitar a mensuração de resultados devido as várias interpretações.

Krugman* Apud OECD (2003) refere-se ao conceito de competitividade nacional como uma obsessão perigosa, enfatizando que é incorreto e enganoso fazer uma analogia entre uma nação e uma empresa, uma vez que os indicadores de sucesso de uma empresa são diferentes dos indicadores de sucesso de uma nação. O citado autor afirma também que se a competitividade tem qualquer significado, então, é uma forma de dizer produtividade, e que o crescimento de uma região é determinado essencialmente pela taxa de crescimento da produtividade.

Dentro do que pode ser chamado de consenso da competitividade macroeconômica, se é que isso é possível, existe um reconhecimento geral de que a melhoria do desempenho econômico de uma nação deve ocorrer sem prejudicar o desempenho econômico de outras nações.

O relatório da OECD (2003), traz a seguinte definição: “a competitividade de uma nação é o grau em que ela pode, sob livres e justas condições de mercado, produzir bens e serviços que atendam aos testes internacionais de mercado e simultaneamente, promova a expansão do rendimento real dos seus cidadãos” (OECD, 2003, p.8)

* KRUGMAN, P., Competitiveness: A Dangerous Obsession'. *Foreign Affairs*, 1994, Vol. 73(2), pp. 28-44.

Portanto, tratando-se do nível nacional, a competitividade tem como base um alto desempenho da produtividade em atividades capazes de gerar altos níveis salariais e que promovam a melhoria da qualidade de vida das pessoas, expandindo as oportunidades de empregos e ao mesmo tempo mantendo a capacidade de uma nação em honrar seus compromissos internacionais. Ou seja, a competitividade não é apenas a capacidade de uma nação atuar no mercado internacional e manter o equilíbrio comercial.

De acordo com o Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico OECD* apud OECD (2003), uma economia competitiva ocorre quando sua população pode se beneficiar de padrões elevados e crescentes de qualidade de vida e de empregos, numa base sustentável. Isso remete à idéia de que o nível de atividade econômica de um país não pode comprometer o bem-estar das futuras gerações, bem como não pode negligenciar as questões sociais de uma nação.

De acordo com o exposto, podemos identificar três elementos da competitividade macroeconômica. O primeiro refere-se a um sucesso econômico avaliado em termos do aumento de habitantes e dos rendimentos reais. O segundo elemento está na capacidade de superar concorrência efetiva ou potencial de produtos estrangeiros. Por último, a competitividade não deve criar desequilíbrios que resultem na incapacidade de um bom desempenho atual se tornar insustentável com o passar do tempo.

Provavelmente, uma das grandes questões para a análise da competitividade é identificar os fatores responsáveis pela sua existência. Na seqüência apresentaremos algumas questões que podem auxiliar no melhor entendimento da competitividade regional.

2.2 COMPETITIVIDADE REGIONAL

A competitividade regional é uma expressão cujo conceito ainda não é aceito de forma consensual, sendo tido por muitos como algo mal definido e confuso. Ainda há muito o que se pesquisar neste campo. Portanto, não se pretende neste trabalho esgotar o assunto, mas pretende-se tentar reunir informações que

* ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD), *Programme on Technology and the Economy*, 1992.

ajudem numa melhor interpretação das questões da competitividade e sua relação com as economias regionais.

No sexto Relatório Periódico da Comissão Europeia apud* OECD (2003), a competitividade regional está associada à capacidade que uma região tem de gerar renda e empregos mesmo estando exposta à concorrência externa. Isso leva à conclusão de que para uma região ser competitiva, é importante garantir tanto a quantidade como a qualidade dos postos de trabalho existentes, bem como, sua ampliação.

O Relatório da OECD (2003), afirma que a definição de competitividade regional deverá levar em conta que apesar de numa mesma região co-existirem empresas competitivas e empresas não-competitivas, existem características comuns na região que afetam a competitividade de todas as empresas nela localizadas.

Segundo o Relatório da OECD (2003), compreender a produtividade é um fator extremamente importante para a competitividade. A melhor compreensão dos fatores que aumentam a produtividade é um elemento essencial para o desenvolvimento de estratégias para a competitividade regional. Contudo, o enfoque na produtividade não deve inviabilizar a questão de traduzir ganhos de produtividade em salários mais altos, a análise dos arranjos institucionais e das estruturas de mercado.

Estudos apontam que a economia regional tem capacidade para aperfeiçoar seus recursos humanos, sua estrutura física e seu tecido empresarial, e com isso, condições de competir e prosperar no mercado nacional e internacional, bem como, a capacidade de se adaptar às mudanças desses mercados. É evidente que existem limites, principalmente, em razão de que algumas leis que regem os mercados internacionais não operam no sub-nacional, sendo que algumas não funcionam corretamente ou não existem em nível regional.

Para uma melhor compreensão da competitividade regional, torna-se necessária a busca de elementos na literatura teórica que contribuam para tanto. Vertentes teóricas deixaram suas contribuições para o melhor entendimento da Competitividade Regional. Importantes escolas da teoria econômica trouxeram de forma implícita ou explícita contribuições de relevante importância para qualquer discussão que envolva o tema competitividade regional. Na seqüência, faremos

* European Commission, Sixth Periodic Report on the Social and Economic Situation of Regions in the EU, 1999.

alguns comentários sobre pontos relevantes dessas correntes teóricas e suas contribuições para o tema em discussão. Não se pretende discorrer sobre as teorias, mas apenas, enfatizar pontos relevantes dessas teorias para a formulação da linha de raciocínio sobre a competitividade.

Conforme a OECD (2003), a teoria clássica associou as diferenças de competitividade das nações à divisão do trabalho e a especialização, que permitem o desenvolvimento das economias de escala. As vantagens comparativas seriam as responsáveis por tornar uma nação mais competitiva, e as diferenças de produtividade entre os países foram atribuídas às questões tecnológicas e a diferenças naturais existentes entre estes. Para os neoclássicos, o pressuposto básico para a competitividade é que há a mesma tecnologia em todos os países e que as vantagens comparativas nascem das diferenças de abundância dos fatores de produção de um país em relação a outros. A idéia de retornos constantes de escala e plena divisibilidade de todos os fatores leva à concepção de um mundo de concorrência perfeita generalizada.

Na teoria Keynesiana, os fatores de capital e trabalho passam a ser tratados como fatores complementares, divergindo dos conceitos clássicos, que os tratavam de forma independente. Um outro ponto importante dessa linha teórica para a competitividade foi a defesa de que os governos podem intervir com sucesso nos ciclos da economia, e que políticas de desenvolvimento econômico direcionadas podem contribuir para o crescimento das regiões. Nessa concepção, são os mercados imperfeitos que geram as diferenças regionais e a intensidade de capital contribui para o crescimento da economia, tornando-a mais competitiva.

A Teoria do Desenvolvimento Econômico trouxe a discussão sobre o livre comércio e os Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE), defendendo que são necessárias políticas econômicas para desenvolver uma região, principalmente através de IDE ou de Fundos de Desenvolvimento, e que tais políticas devem considerar o estágio de desenvolvimento da região. Rostow (1960), classificou a sociedade de acordo com cinco etapas de desenvolvimento, sendo que cada uma dessas etapas tem características próprias. Para evoluir de um estágio para outro é necessário o cumprimento de certas condições específicas. Sem isso, não há como haver uma evolução para um estágio superior. Isso contesta a idéia predominante na teoria clássica de que apenas as forças de mercado são suficientes para promover o desenvolvimento econômico.

Já na Teoria do Crescimento Endógeno, a tecnologia é classificada como uma variável endógena. O pressuposto principal dessa teoria é que a acumulação do conhecimento gera retornos crescentes. Segundo essa corrente, o conhecimento é um bem público, portanto, o seu consumo por um agente econômico não afeta a quantidade disponível desse conhecimento acumulado. A difusão desse conhecimento é acessível aos demais agentes desde que não haja barreiras jurídicas, como o registro de patentes, que impeçam essa socialização. Porém, tanto o conhecimento como o Know-How não são divulgados de forma instantânea entre os agentes. É necessário um certo período de tempo para que ele seja incorporados nas práticas produtivas das empresas.

Uma outra importante contribuição da Teoria do Crescimento Endógeno foi a formalização da importância do capital humano nas questões da produtividade. Os trabalhadores quando recebem qualificação adequada tendem a tornarem-se mais produtivos e inovadores, o que é benéfico tanto para as empresas como para as economias regionais. Nessa linha de raciocínio, tanto as empresas como os governos têm um incentivo para investir na formação dos trabalhadores e na escolaridade de todas as pessoas de uma região. As diferenças regionais na produtividade e no crescimento podem ser explicadas pelas diferenças em termos de tecnologia e capital humano, e que, melhorias na tecnologia e no capital humano são os motores do crescimento. Outras idéias relevantes para a compreensão da competitividade derivadas dessa corrente teórica é que a abertura do comércio pode ser uma ação de apoio ao crescimento e o desenvolvimento tecnológico; os investimentos em pesquisa são fundamentais para o desenvolvimento econômico e que melhorar o capital humano, tanto na escolaridade como na formação profissional é de extrema importância para assegurar a competitividade de uma região.

Na Nova Teoria do Comércio há uma tentativa de explicar as trocas comerciais entre os países industrializados. Na concepção clássica e neoclássica, o comércio ocorre entre países com diferentes tecnologias. Contudo, essas teorias são incapazes de explicar o comércio entre países ou regiões que sejam detentores de tecnologias similares. Da mesma forma, não conseguem explicar a razão pela qual existem diferentes estruturas produtivas em regiões semelhantes. Assim, as teorias das vantagens comparativas são insuficientes para explicar o comércio entre

os países industrializados e pouco acrescentam ao entendimento da competitividade das regiões.

A nova Teoria do Comércio atribui às economias de escala, à diferenciação dos produtos e à concorrência imperfeita, a explicação para os fluxos comerciais entre países industrializados. Assim, o aumento dos retornos é um fator motivacional para maior especialização e para a ampliação do comércio. Neste contexto, pode haver comércio mesmo quando as vantagens comparativas se revestem de importância reduzida. A Nova Teoria do Comércio também pode ser vista sob a ótica da eficiência produtiva, que é influenciada pela qualificação da força de trabalho, pelo nível tecnológico, pela economia de escala, pelas ações estratégicas dos agentes econômicos e pela inovação tecnológica e institucional.

A especialização da indústria e o tamanho do mercado interno são fatores cruciais para a obtenção de economias de escala. O investimento no trabalho qualificado, infra-estrutura, redes de fornecedores e tecnologias, exercem o poder de ampliar tais economias.

Portanto, percebe-se que o conceito de competitividade regional torna-se mais compreensível quando se utiliza de modelos econômicos que incorporam as economias de escala, a concorrência imperfeita e a inovação empresarial.

Além dos enfoques teóricos mencionados, também é necessário o estabelecimento de outros vínculos com outros estudos para discorrer sobre a competitividade das regiões.

De acordo com o Relatório da OECD (2003), para o entendimento da competitividade regional, além da perspectiva macroeconômica, também são necessários alguns esclarecimentos adicionais que nascem da microeconomia e da sociologia. Embora haja uma vasta literatura sobre o assunto, destacamos neste trabalho alguns conceitos fundamentais que ajudam na elaboração de uma base teórica para o tema, como os trabalhos da Teoria do Crescimento Urbano, a Teoria dos Custos de Operação e a Teoria do Empreendedorismo.

Na Teoria do Crescimento Urbano, Jacobs* (1969) apud OECD (2003), argumenta que são os sistemas urbanos que criam e acumulam a riqueza econômica. A cidade é o local onde são criados os retornos crescentes por meio da troca de conhecimentos entre as empresas e os agentes econômicos, e que a

* JACOBS, J., *The Economy of Cities*, Random House, New York, 1969.

aglomeração urbana tende a reduzir os custos de pesquisa e aumentar as oportunidades de inovação. Isso auxilia na capacidade competitiva de uma região.

A Teoria dos Custos de Operação fornece outra perspectiva microeconômica para a compreensão da competitividade regional. De forma contrária às Teorias Estruturalistas da Organização Industrial, ela defende que a dimensão das empresas não pode ser explicada pelas economias de escala. Segundo essa teoria, a competitividade da empresa pode ser melhorada por meio da redução dos custos de transações gerados pela elaboração de contratos, monitoramento de desempenho e organização de atividades relacionadas ao processo de comunicação e tomada de decisões. Quando a empresa encontra meios de evitar ou reduzir esses custos, torna a transação menos onerosa e com isso pode aumentar sua competitividade frente às outras empresas.

Dunning* apud OECD (2003), comenta que a partir da década de 1970, muitas discussões têm sido travadas sobre a compreensão dos Investimentos Estrangeiros Diretos (IDE), em particular, ao comportamento da empresa transnacional. Existem duas principais e distintas razões pelas quais uma empresa multinacional se instala num determinado país. A primeira é poder melhor atender ao mercado local, a segunda é poder obter insumos a custos baixos. No primeiro caso o IDE é classificado como horizontal, uma vez que normalmente implica em novas plantas industriais, envolvendo investimentos nos países. No segundo caso o IDE é classificado como Vertical e implica o deslocamento de atividades específicas para locais de baixo custo. Nesse caso, há normalmente uma fragmentação do processo produtivo da empresa para locais onde se consiga operar com menores custos. Isso se traduz na exploração de fatores de produção abundantes no local em que a empresa se instala, como por exemplo, mão-de-obra e insumos baratos.

Na Teoria do Empreendedorismo, defende-se que devido à concorrência e redução dos lucros, as empresas são obrigadas a realizarem inovações técnicas e financeiras, e que os resultados dessas inovações geram o crescimento econômico. A mudança tecnológica e a inovação são, portanto, fatores de crescimento econômico, criando assim a economia evolutiva Schumpeteriana. Sob essa ótica, as empresas são incentivadas a participar de atividades inovadoras pelo fato de que as novas tecnologias tendem a oportunizar a geração de maiores lucros monopolistas.

* DUNNING, J., *Multinational Enterprises and the Global Economy*, Addison-Wesley, Wokingham, 1993.

Isso só decresce quando essa nova tecnologia se torna pública e disponível às empresas concorrentes.

A inovação permite a uma empresa gerar novos produtos com maior qualidade do que os produtos das empresas concorrentes. Surge então a noção da escada da qualidade. As empresas e países que sobem a escada da qualidade podem pagar salários mais elevados em razão de oferecerem produtos com maior qualidade, e com isso, aumentam sua competitividade.

A interação entre competências empreendedoras e fatores ambientais acabam determinado a seleção de novas idéias e de novos produtos. Sendo assim, na economia evolutiva, inovação e aprendizagem são fatores preponderantes para uma região ser competitiva.

2.3 DIMENSÃO TERRITORIAL

O Relatório da OECD (2003) enfatiza que todas as teorias citadas até o momento revestem-se de grande relevância para uma maior compreensão da competitividade regional. Porém, é preciso ainda, adicionar elementos de uma dimensão territorial para que essa análise seja mais completa. A fonte de tais teorias é a geografia econômica.

Ao discutir a competitividade regional, três concepções de competitividade serão destacadas:

- 1) Regiões como locais de exportação e de especialização na fabricação de um determinado tipo de produto;
- 2) Regiões como fontes de retornos crescentes;
- 3) Regiões como pontos de conexão de conhecimento.

Durante a década de 1970, houve por parte da geografia econômica uma grande preocupação com a dinâmica da localização industrial e com os fatores determinantes da geografia das atividades econômicas, sendo que a maior parte dos trabalhos tiveram como base os conceitos da teoria neoclássica.

Uma outra perspectiva de desenvolvimento econômico das regiões também foi associada ao sucesso de suas exportações. O modelo mais simples para

explicar tal fenômeno é o modelo da base econômica, em que o crescimento de uma região depende quase que exclusivamente do crescimento de suas exportações.

A teoria da base de exportação foi criada por Douglas C. North, sendo que os resultados desses estudos foram publicados num artigo em 1955. A essência dessa teoria é que as atividades de exportações são o motor para o desenvolvimento regional. North é considerado o primeiro autor a tratar do tema, cujo trabalho procurou estudar o desenvolvimento das regiões canadenses e americanas no século XIX e sua relação com o avanço das práticas de exportação dessas regiões.

A principal idéia da teoria da base de exportação é que as atividades econômicas de uma região podem ser divididas em dois grupos: as atividades básicas e as atividades não-básicas.

As atividades básicas estão relacionadas à produção de um tipo de produto e sua venda além de suas fronteiras. A fonte de crescimento da economia depende, portanto, do desenvolvimento das atividades básicas. O aumento das vendas possibilita a importação de bens ou serviços que não são produzidos na região, o que por sua vez contribui para o crescimento das atividades não-básicas.

As atividades não-básicas ou residenciais são aquelas que servem de apoio para as atividades básicas.

Para North* apud Schwartzman (1977), no processo de desenvolvimento regional, as exportações são de extrema importância para o desenvolvimento de uma região, contudo, não são a única condição para que isso ocorra. Ao analisar o processo de desenvolvimento de uma determinada região, o autor considera que outras variáveis deverão ser analisadas para que as condições de desenvolvimento regional sejam determinadas.

A capacidade de uma região se desenvolver por meio das exportações está condicionada aos seguintes fatores: Demanda externa; produção regional; distribuição dos recursos naturais pelo país; custos de transferências; localização em relação aos mercados; localização em relação aos insumos; custos de processamento; relação k/L ; e estágio de desenvolvimento da região.

* NORTH, D.C. Location theory and regional economic growth. 1955

Os custos de produção são de grande relevância para a determinação da capacidade de produção, pois vão influenciar o nível de competitividade dos produtos nos mercados consumidores.

Como foi citado anteriormente, as exportações são uma condição necessária para o desenvolvimento regional, mas não suficiente. Segundo North, as condições suficientes seriam a diversificação da base, a elevação do padrão da renda, melhorias na produtividade e redução dos custos de transporte.

Portanto, para que uma região consiga o desenvolvimento econômico por meio das exportações, ela precisa manter ou aumentar o seu volume de exportações por um longo período de tempo. Além disso, também é preciso que as exportações provoquem o surgimento de atividades locais e de novas bases de exportação.

As economias regionais estão sujeitas às influências externas num grau maior dos que as economias nacionais. Enquanto as economias nacionais podem exercer um maior controle sobre as importações e exportações por meio de tarifas, taxas e câmbio, as economias regionais praticamente não podem controlar o fluxo de mercadorias que entram ou saem de seu território. Da mesma forma, as economias nacionais conseguem controlar a entrada de imigrantes numa situação de desemprego. No âmbito regional isso não ocorre. A evasão de capital também pode ser controlada pelas economias nacionais, o que não ocorre nas economias regionais, em razão de estarem sujeitas a uma moeda nacional única.

A expansão das exportações possibilita a demanda adicional para a produção excedente de alguns setores da economia regional, e isso gera um efeito multiplicador sobre as atividades do mercado interno, constituindo assim, a base para a atividade industrial.

Para a OECD (2003), a competitividade de um setor de exportação no mercado internacional terá forte influência no crescimento das exportações, principalmente se os produtos tiverem preços competitivos e a qualidade exigida pelos mercados.

Os custos de produção podem afetar diretamente a competitividade da região no mercado nacional e internacional. Esses custos são influenciados pelos gastos com salários, custos de capital, custos de matéria-prima, custos dos insumos e nível tecnológico. Se a procura e a oferta são favoráveis para o crescimento de uma

região de exportação, isso tende a levar a um maior crescimento global, ao aumento do emprego regional e ao aumento dos rendimentos dos habitantes dessa região.

Nas regiões identificadas como fontes de retornos crescentes, a procura das exportações é assumida como sendo uma função da taxa de crescimento da procura mundial e a taxa do crescimento dos preços dos produtos da região em relação aos preços praticados pelo mercado. Este último, depende da taxa de crescimento dos salários menos a taxa de crescimento da produtividade (mudanças de salários por unidades produzidas), que por sua vez será maior quanto mais rápido for o crescimento da produção regional.

O elemento chave desse processo cumulativo e circular está em como um aumento da produção leva ao aumento da produtividade. Essa é a essência da dinâmica dos retornos crescentes que se alicerça esse modelo. O desenvolvimento do capital humano e o avanço tecnológico permitem à região desenvolver uma vantagem relativa. A expansão da produção induz às mudanças tecnológicas, tanto no interior das empresas como em toda uma região, e, os avanços tecnológicos elevam a produtividade do trabalho da região.

De uma forma geral, o aumento da capacidade de trabalho de uma região é o resultado de um maior número de trabalhadores qualificados e empreendedores, cujas ações elevam a qualidade geral da região.

As teorias que vislumbram as regiões como Polos de conhecimentos são inspiradas na noção de inovação, com base na economia Shumpeteriana e Evolutiva. A inovação é vista como um processo de aprendizagem interativa em que requer uma série de interações entre os atores, tais como: empreiteiros e subempreiteiros, fornecedores de equipamentos, clientes, laboratórios públicos e privados. O sistema de inovação inclui também instituições de ensino superior, consultorias, serviços técnicos, autoridades estatais e órgãos reguladores.

Para a OECD (2003), a vantagem econômica regional impulsionada pela inovação não pode ser obtida apenas pelo desenvolvimento das economias de localização. É preciso também estudar as economias urbanas e as vantagens relacionadas ao tamanho das cidades.

Porter* apud OECD (2003), em seu trabalho sobre as estratégias competitivas das empresas, discorreu sobre a importância dos agrupamentos

* Porter, M., *The Competitive Advantage of Nations*, Free Press, New York, 1990.

industriais como forma de aumentar a competitividade de uma região. Nesta obra, Porter define o chamado diamante competitivo. Para ele, a competitividade relativa de cada região depende da existência, do grau do desenvolvimento e interação entre os quatros principais subsistemas do seu diamante (fator de produção, fator de demanda, estratégia e indústrias relacionadas). Deficiências em qualquer um dos elementos que compõe estes quatro subsistemas provocam uma redução da competitividade das empresas e da região.



Figura 1 - Diamante Competitivo

Porter (1993) afirma que para serem competitivas, as empresas devem melhorar continuamente sua eficácia operacional e defende a idéia de que a existência de aglomerados industriais incentiva as empresas a elevarem seu grau de competitividade.

2.4 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A COMPETITIVIDADE DAS REGIÕES

A OECD observa que as causas dos padrões de crescimento divergentes das regiões não são fáceis de identificar e são geralmente decorrentes de uma gama de fatores, e não em razão de um fator isolado.

Os estudos da OECD, identificaram alguns fatores que contribuíram para a competitividade das regiões, sendo que estes são:

- a) infraestrutura básica;
- b) infraestrutura tecnológica;
- c) cultura corporativa;
- d) gestão tecnológica;
- e) características da força de trabalho;
- f) eficiência de gestão;
- g) número de pedidos de patentes da região;
- h) despesas das empresas com I&D per capita;
- i) disponibilidade de capital.

Evidentemente que um quadro estável de políticas macroeconômicas são necessárias para a competitividade, porém, não são suficientes para garantir uma economia próspera. O Relatório conclui que é no aspecto microeconômico que se encontra a chave para resolver os problemas do desemprego e do desenvolvimento econômico regional, oportunizando melhores condições de vida para a população e assegurando a prosperidade econômica.

Boisier (1996) também ressalta a importância do aspecto microeconômico para desenvolvimento regional e da descentralização da tomada de decisões por parte do poder político. “Deve-se acrescentar finalmente, em relação a esse novo cenário contextual, que já não é possível pretender que um país seja competitivo, mantendo estruturas decisórias centralizadas”. (Boisier, 1996, p. 118).

No Relatório da OECD* apud OECD (2003), identificou-se que as regiões que apresentaram melhor desempenho competitivo, principalmente na Finlândia, Estados Unidos e Holanda, deram ênfase na aplicação do diamante de Porter,

* ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD), *The New Economy: Beyond the Hype*, 2001

sugerindo que o ambiente empresarial e a sofisticação das empresas são fatores-chaves para se obter maior grau de competitividade. Já, nos estudos da OECD (2003), identificou-se que as diferenças competitivas entre os países estudados no período de 1980 à 2000 ocorreram devido a mudanças da produtividade do trabalho.

Foram identificados os seguintes fatores que tiveram uma forte relação causal com a competitividade econômica:

- a) aumento das utilizações das tecnologias de informação e comunicação (TICs);
- b) concorrência nas telecomunicações;
- c) inovação e difusão de tecnologias por meio do aumento dos investimentos públicos e interação entre empresas e universidades;
- d) capital humano qualificado, por meio de investimentos na educação formal e profissional;
- e) Incentivo ao empreendedorismo;
- f) estabilidade econômica;
- g) redução dos entraves à concorrência.

Empiricamente, percebe-se que as políticas que envolvam as TICs, capital humano, inovação e empreendedorismo, são as que mais têm apresentado resultados positivos a longo prazo.

Em 1999, o Departamento de Indústria e Comércio do Reino Unido publicou pela primeira vez indicadores de competitividade. Foram criados 38 indicadores, agrupados em cinco condutores de competitividade, sendo eles: a) investimento; b) inovação; c) qualificação; d) empresas; e) competitividade dos mercados.

Como foi relatado anteriormente, há diferenças no que se refere ao termo competitividade nacional e competitividade regional. Nos quadros a seguir serão explicitadas essas diferenças.

QUADRO 1 – FATORES DE COMPETITIVIDADE NACIONAL		
Continua		
INFRAESTRUTURA E ACESSIBILIDADE	RECURSOS HUMANOS Características do Trabalho	AMBIENTE PRODUTIVO
Infraestrutura Básica Estradas Ferrovia Ar	Características do Trabalho Produtividade e flexibilidade Competência de gestão Internacionalização Nível de profissionalismo Nível de eficiência	Cultura empreendedora Baixa barreira à entrada Assumir cultura de riscos Internacionalização
Infraestrutura Tecnologia		

TIC Telecomunicações Internet	Mão-de-obra qualificada Cientistas e engenheiros Analistas Alta taxa de participação na educação Ensino superior Formação profissional Infra-estrutura Educacional	Exportação/vendas globais Investimentos Cultura empresarial Tecnologia Aplicação Gestão Inovação Patentes Níveis de I&D Institutos de pesquisas e universidades Articulação entre empresas e universidades Disponibilidade de capital Natureza da concorrência Equilíbrio setorial
-------------------------------------	--	--

FONTE: OECD (2003), p.29.

QUADRO 2 – FATORES DE COMPETITIVIDADE REGIONAL		
Infraestrutura e acessibilidade Infraestrutura Básica Estradas Ferrovias Ar Propriedade Infraestrutura Tecnologia TIC Telecomunicações Internet Infraestrutura do Conhecimento Instalações das instituições de ensino Qualidade do Lugar Habitação Meio Natural Cultura Segurança	Recursos Humanos Tendências demográficas Migração de trabalhadores Diversidade Mão de obra qualificada Utilização intensiva de habilidades e conhecimentos	Ambiente Produtivo Cultura empreendedora Baixa barreira à entrada Assumir cultura de riscos -Concentração Setorial Balança/dependência Concentração do emprego Atividades de alto valor acrescentado Internacionalização Exportações/vendas globais Investimento Cultura empresarial Natureza do IDE Inovação Patentes Níveis de I & D Institutos de pesquisas e universidades Articulação entre as empresas e os institutos de pesquisas e universidades Governança e capacidade institucional Disponibilidade de Capital Especialização Natureza da Concorrência

FONTE: OECD (2003), p.38

Como se observa no quadro 2, tratando-se da competitividade regional, alguns fatores assumem papel relevante no desenvolvimento econômico da região, tais como, os fatores relacionados aos aspectos da infraestrutura do conhecimento, como a presença de instituições de ensino, acesso à habitação e condições favoráveis de segurança pública. A capacidade de articulação da região com seus atores sociais também aparece como um ponto a ser destacado.

As regiões encontram-se em diferentes fases de desenvolvimento e possuem diferentes estruturas sócio-econômicas, embora possam ser agrupadas em tipos. Isso significa que a importância relativa dos fatores de competitividade irão variar entre os tipos de regiões. De acordo com esse relatório, os fatores que têm maior influência sobre a competitividade são:

- a) níveis de empregos e de produtividade dos empregados;
- b) concentração de empregos em setores específicos;
- c) tendências demográficas, como emigração e envelhecimento;
- d) estoque de capital;
- e) investimentos em ativos econômicos baseados no conhecimento;
- f) Infra-estrutura;
- g) nível e natureza do ensino;
- h) inovação e registro de patentes.
- i) educação e formação profissional;
- j) capacidade inovadora;
- k) nível de investimento das empresas em ativos fixos;
- l) desenvolvimento dos Recursos Humanos;
- m) concentração de empregos com elevado valor acrescentado;
- n) serviços financeiros;
- o) altos níveis de Investimentos Estrangeiros Diretos.

Uma região competitiva tende a atrair talentos, ou seja, excelentes profissionais são atraídos para locais com altos níveis de oportunidades. Do mesmo modo, indústrias com altos níveis tecnológicos são atraídas para locais com níveis elevados de talentos humanos. Há uma relação causal entre o aumento da migração do talento humano e a mudança de renda. Porém, as pesquisas neste campo são cautelosas e necessitam de maiores investigações científicas para delinear a exata relação entre estes fatores.

Ritsilä* apud OECD (2003), realizou um estudo no qual identificou uma forte relação entre a competitividade e a estrutura de rede empresarial e inovação.

* RITSILÄ, J. J., 'Regional Differences in Environments for Enterprises', *Entrepreneurship & Regional Development*, 1999, Vol. 11, pp. 187-202.

Cooke* apud OECD (2003) faz uma ligação entre a competitividade regional, a natureza do desenvolvimento econômico e a capacidade da governança regional.

O Sexto Relatório da Comissão Europeia* apud OECD (2003), aponta que uma estrutura setorial desfavorável aliada à ausência da capacidade inovadora é um dos principais fatores que prejudicam a competitividade de uma região. O mesmo relatório indica que locais com concentração de serviços mercantis são mais suscetíveis de atrair atividade de alto valor e atividades inovadoras, e que a qualificação profissional dos trabalhadores da região e o acesso às habilitações acadêmicas estão intimamente ligadas ao sucesso das atividades econômicas.

A inovação é vista como um processo de aprendizagem interativo que requer uma série de interações entre os agentes regionais públicos e privados. Estudos recentes mostram que o ambiente que rodeia uma empresa é determinante para sua capacidade de inovação e adaptação. Ela é influenciada pelos seus parceiros, concorrentes, clientes, capital humano, conhecimento regional, infraestrutura, regulamentação e instituições. O conjunto desses fatores combinados podem ser definidos como Sistema Regional de Inovação.

Percebe-se portanto, a dificuldade de conceituar a competitividade. A literatura coloca em evidência que não existe uma única perspectiva teórica que capte toda a complexidade do tema. Na tentativa de unificar alguns elementos chaves da competitividade regional, apresenta-se um modelo que considera os vários conhecimentos teóricos e empíricos sobre a competitividade regional. Esse modelo, apresentado na figura 2, é conhecido como o Chapéu da Competitividade Regional.

* COOKE, P. and Morgan, K., *The Associational Economy: Firms, Regions and Innovation*, Oxford University Press, Oxford, 1998.

* European Commission, Sixth Periodic Report on the Social and Economic Situation of Regions in the EU, 1999.

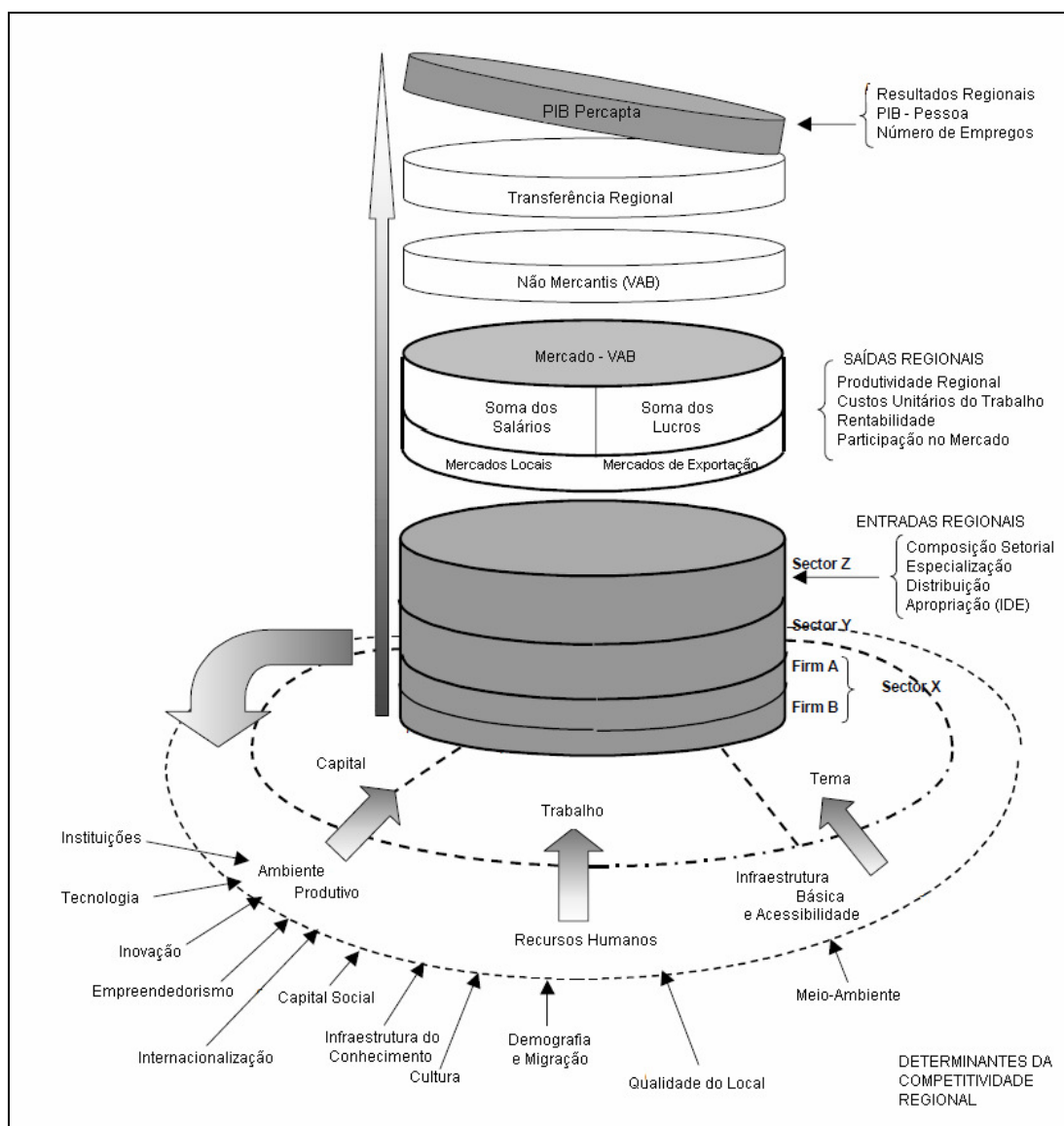


FIGURA 2 – Chapéu da Competitividade Regional
 FONTE: OECD (2003), p. 42

Pretende-se na sequência identificar os determinantes da competitividade regional, decompondo o Chapéu da Competitividade. De acordo com a definição consensual, a competitividade depende da produtividade e da taxa de emprego. Isso explica a razão pela qual a produtividade ocupa uma posição de destaque na análise da competitividade. A produtividade é um importante indicador da competitividade, mas não é a sua explicação. Em nível regional o PIB per capita não é determinado apenas pelas atividades das empresas, mas também pelas transferências regionais e não mercantis. As transferências regionais incluem rendimentos alternativos, provenientes de vendas de ativos, transferências públicas e privadas. Embora

essas transferências não integrem o quadro da competitividade, elas são adicionadas ao PIB/habitante, principalmente nas regiões mais pobres.

Em termos de competitividade regional, as saídas regionais podem ser decompostas por salários e lucros. Normalmente, lucros e altos salários são gerados por empresas que demonstrem capacidade administrativa e sucesso mercadológico, e que consigam dinamizar suas vendas tanto no mercado nacional como internacional. Portanto, os aspectos de gestão e de inovação são extremamente importantes no contexto da competitividade regional. A composição setorial, os níveis de especialização, a estrutura de distribuição e os investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) também são de grande relevância para a competitividade das regiões.

Como se pode observar na figura 2 os determinantes da competitividade podem ser identificados na parte inferior do chapéu. No primeiro anel aparecem os fatores próprios de produção (terra, trabalho e capital). Esses determinantes podem ser associados à concepção de regiões como locais de produção. No segundo anel, aparecem fatores como o ambiente produtivo, recursos humanos e infra-estrutura básica e acessibilidade. Esses determinantes podem ser associados à concepção de regiões como locais de retornos crescentes, incluindo a nova geografia econômica. Os fatores primários do investimento regional recebem a influência de fatores secundários, como as instituições, internacionalização, tecnologia, demografia, qualidade do lugar e meio ambiente, infra-estrutura do conhecimento e capital social. Esses determinantes podem ser associados à concepção de regiões como pontos de conexão de conhecimento, incluindo a chamada nova geografia industrial.

Percebe-se, portanto, a complexidade da competitividade regional. O conceito de competitividade, como já foi mencionado anteriormente, não é um conceito estático. Ao contrário, é um conceito dinâmico e evolutivo. O que foi pesquisado sobre o tema ainda é motivo de controvérsias e confusão conceitual, e as teorias existentes, ainda são frágeis e incompletas.

Podemos também fazer uma análise colocando a base da concepção da competitividade regional num quadro geográfico, conforme figura 3. A utilização da análise num quadro geográfico procura evitar uma tendência do Chapéu da Competitividade em generalizar os tipos de regiões.

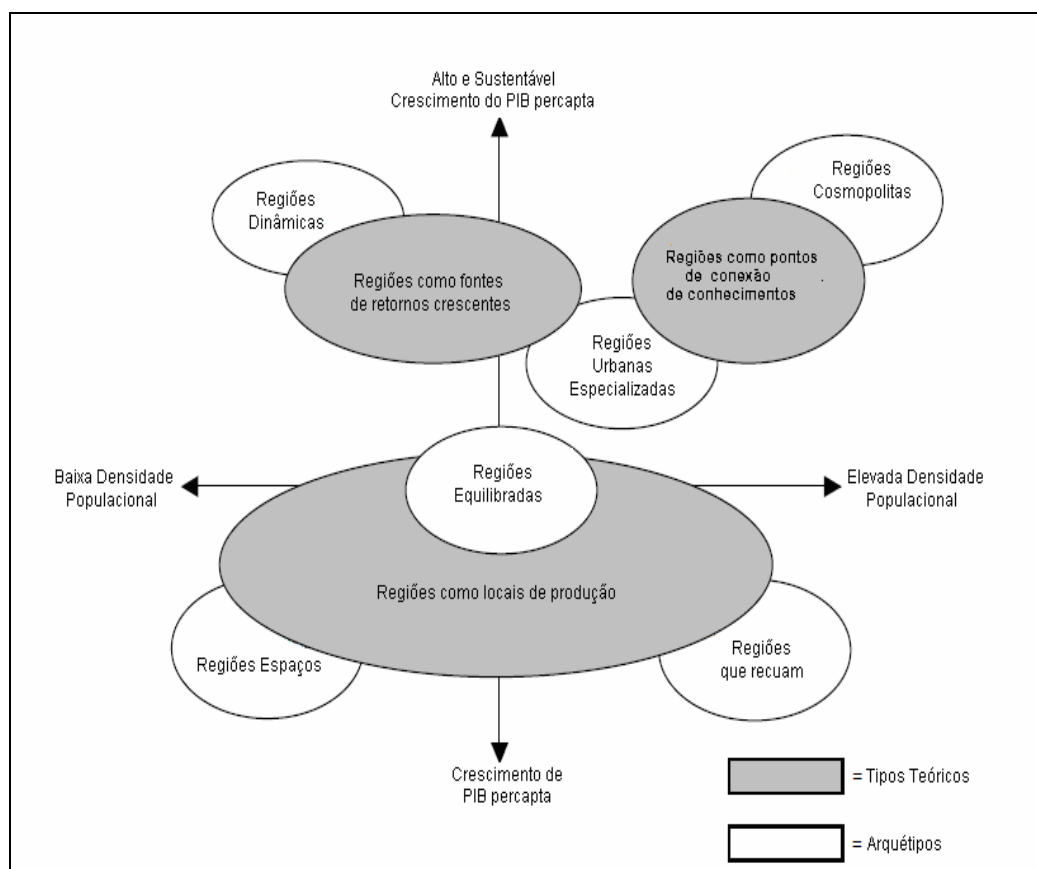


Figura 3 – Tipologia das Regiões
Fonte: OECD (2003), p.44

O quadro, como se observa na figura 3, é composto por dois eixos. O primeiro representa a densidade populacional, que é um fator relacionado à economia de urbanização, indicando a dimensão das cidades. O segundo eixo consiste no PIB per capita, em especial, na sua capacidade de crescer por um período mais longo de tempo.

O conceito básico de regiões como locais de produção, segundo esse esquema, estão relacionados às regiões com níveis baixos de salários e rendimentos. Tais regiões alicerçam sua produtividade no uso de insumos baratos. Os determinantes da competitividade dessas regiões encontram-se na área da infraestrutura básica e acessibilidade. Isso ocorre em locais de baixo custo, ausência de congestionamentos, preços acessíveis de habitação e mão-de-obra barata. Essas regiões com baixo custo de produção atraem IDE vertical, como citamos anteriormente.

A noção de região como fonte de retornos crescentes pode ser aplicada em regiões com um elevado crescimento da densidade demográfica e uma estrutura econômica composta por um número reduzido de indústrias que são a fonte da riqueza dessa economia, proporcionando elevados rendimentos e sustentabilidade da região.

O conceito teórico da competitividade das regiões como pontos de conexão de conhecimento se aplica às áreas com uma maior densidade populacional e de elevado e sustentável crescimento do PIB. Normalmente, essas regiões são constituídas por extensas áreas urbanas. Por se tratarem de centros de conhecimento e informações, normalmente tais regiões estão abertas às atividades internacionais. São regiões que oferecem melhores oportunidades de trabalho, atraem talentos humanos devido à possibilidade de ascensão profissional. Também apresentam níveis elevados de I&D, empreendedorismo, formação de novas empresas e atividades de que gerem o registro de patentes.

Porém, a urbanização apresenta também pontos negativos, tais como salários elevados, congestionamentos, aumento da violência e custos altos de habitação e transporte. Contudo, esses fatores podem ser amenizados pela expressiva qualidade dos recursos humanos, pelo acesso aos mercados internacionais, pelo aspecto cultural e acesso à serviços e informações.

Essas tipologias de regiões podem ser utilizadas para uma melhor compreensão da competitividade regional. As três concepções de regiões podem resultar em alta produtividade e competitividade, porém, elas têm alicerces produtivos diferentes. Num mundo globalizado, as regiões deveriam melhorar sua competitividade tomando como base a sua própria tipologia. As estratégias regionais devem impulsionar determinantes específicos de competitividade que importam para a sua própria base industrial e que oportunize o seu desenvolvimento. Porém, fica uma grande indagação: Como aumentar a competitividade de um grande número de regiões que não se encaixam nessa concepção?

2.5 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS E A COMPETITIVIDADE

Albuquerque (2001) comenta que nas últimas décadas, as economias têm sofrido profundas mudanças tecnológicas e organizacionais, que acabam afetando a forma de produção, organização e gestão empresarial, bem como, a regulação

sócio-institucional do Estado. Essa reestruturação exige das empresas uma otimização da produção e o aumento de sua competitividade, estimulando o surgimento de novos setores e atividades econômicas e influenciando o declínio de outros setores. Para o citado autor, o processo de globalização tem papel relevante nesse processo.

A globalização econômica incorpora adicionalmente, maiores exigências pela crescente exposição externa dos diferentes sistemas produtivos locais. Porém, o principal desafio está, inicialmente, na própria esfera microeconômica da produção local, a fim de superar os excessivos níveis de ineficiência produtiva ainda existente. Para isso são necessários também novos esquemas de regulação no nível mesoeconômico, a fim de que a gestão pública descentralizada proporcione novos papéis e maiores recursos e competências às administrações locais, facilitando as necessárias alianças e articulações de atores territoriais para o desenvolvimento econômico local e a geração de emprego e renda. (Albuquerque, 2001, p. 17)

Albuquerque (2001) destaca a importância da pequena empresa, principalmente em termos de geração de emprego e considera que sem políticas adequadas para as micro e pequenas empresas nos diferentes sistemas locais, qualquer estratégia de desenvolvimento econômico tende a ficar limitado. As micro e pequenas empresas ocupam um papel de destaque na produção local e na geração de renda, contribuindo de forma significativa para o crescimento econômico. Isso leva a uma real necessidade dos governos locais de estabelecerem políticas específicas de atenção aos problemas desse segmento empresarial.

Boisier* apud Becker & Bandeira (2000) destaca a importância das autoridades locais e suas intervenções para o êxito do desenvolvimento de determinadas regiões, bem como, as estratégias locais para a conquista da produtividade, competitividade e integração sócio-cultural.

Bianchi (1996), ao tratar da competitividade das pequenas empresas, comenta que estas se tornam competitivas quando avançam na sua especialização, reunindo conhecimento tecnológico, mercadológico e organizacional.

Albuquerque (2001) cita que um dos elementos principais para garantir o processo de inovação produtiva e empresarial é a disponibilidade de recursos humanos, e que a disponibilidade de recursos humanos qualificados requer tempo e investimentos, principalmente quando se precisa incorporar os elementos

* BOISER, S. El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico. Estudios Sociales, Santiago do Chile, n.99, 1999.

específicos do perfil produtivo concreto. A capacitação dos recursos humanos não produz efeito imediato, o que desestimula as empresas a investirem nesse tipo de ação, principalmente tratando-se de micro e pequenas empresas, que normalmente não possuem recursos financeiros para tanto. Segundo o citado autor, “ *a competência dos recursos humanos é o motor da inovação tecnológica, do aumento da produtividade e da geração de riquezas.*” (Albuquerque, 2001, p.34). É por meio da qualidade dos recursos humanos que se promove uma combinação eficiente de recursos e fatores de produção, levando a uma diminuição dos custos de produção e aumento da qualidade dos produtos e serviços. Isso amplia a capacidade produtiva e a competitividade das empresas e da região.

2.6 MUDANÇAS TECNOLÓGICAS, REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Para Albuquerque (2001), quando uma empresa adota inovações tecnológicas ela incorpora novas técnicas que acabam modificando o sistema de produção, o que normalmente conduz a incrementos de produtividade, redução de custos operacionais e melhorias no sistema de comunicação e transporte. Um outro aspecto relevante é a elevação dos níveis de qualidade e variedade na oferta de produtos e serviços. Todos esses fatores estimulam o crescimento econômico.

As inovações tecnológicas são parte das transformações sociais e institucionais, e, portanto, exigem melhorias gerenciais e organizacionais nas empresas e na administração pública. Isso inclui novos métodos de gestão de pessoas, melhorias nas condições de trabalho, aperfeiçoamento do sistema motivacional e gestão participativa. O êxito competitivo depende dessas melhorias organizacionais e mudanças sociais e culturais que possibilitem a criação de redes de comunicação que busquem aumentar a qualidade dos produtos e serviços, dinamizar o potencial criativo da equipe de trabalho e atender às exigências dos consumidores.

Como se pode observar no decorrer deste capítulo, a competitividade regional depende de vários fatores e seus determinantes principais estão relacionados ao capital humano, capital social, capacidade de gestão, avanços tecnológicos, infra-estrutura, capacidade da governança local, disponibilidade de capital e acesso às tecnologias de informação e comunicação. (TIC).

2.7 O USO DA PALAVRA POLO E A TEORIA DOS POLOS DE CRESCIMENTO

A teoria dos Polos de crescimento foi desenvolvida por François Perroux em 1955 e originou-se das observações do autor sobre a concentração industrial na França e na Alemanha. Suas conclusões foram que os Polos industriais de crescimento surgem em torno de aglomerações urbanas importantes, próximos às fontes de matérias-primas, nos locais de fluxos comerciais significativos e em torno de grandes áreas agrícolas dependentes. Dessa forma, o crescimento econômico não ocorre em todas as regiões com a mesma intensidade, ao contrário, se manifesta em Polos de crescimento específicos, expandindo-se por vários canais e provocando efeitos sobre a economia local e regional.

Para Perroux apud Schwartzman (1977), no processo de crescimento algumas indústrias se desenvolvem apresentando durante períodos específicos taxas de crescimento de seu produto superior a taxa média de crescimento do produto industrial e do produto da economia nacional. Isso, com o passar do tempo, tende a cair em razão do progresso técnico, sendo comum a sua taxa de crescimento diminuir após um determinado período.

Perroux, ao definir complexo de indústrias não se referiu simplesmente à presença de várias indústrias próximas e em comunicação umas com as outras. Introduziu na análise três elementos: a) a indústria-chave; b) o regime não-concorrencial do complexo; c) o fato da aglomeração territorial.

Para Perroux, o Polo Industrial possui a capacidade de modificar o meio geográfico imediato, e dependendo do seu tamanho, pode, inclusive, modificar a estrutura da economia nacional em que estiver situado, acumulando recursos humanos e capital.

A idéia de crescimento polarizado dominou o planejamento regional em vários países, principalmente na França e na Inglaterra. No Brasil, a idéia do crescimento polarizado fica evidente quando se analisam os investimentos do Plano de Metas, que foram concentrados em torno das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

As indústrias motrizes acabam atraindo outras empresas fornecedoras ou compradoras de insumos, e isso pode promover o crescimento local e regional. Esse fator leva os governos a apoiarem o desenvolvimento dos Polos por meio de

incentivos fiscais, empréstimos, subsídios, treinamento da mão-de-obra e instalação de infraestrutura para motivar a vinda de novas empresas para a região.

Em várias regiões do planeta, observa-se a crescimento de pequenas e médias empresas aglomerando-se em determinadas regiões. Essas aglomerações recebem o nome de Clusters ou Distritos Industriais. O conceito inicial de Distrito Industrial foi descrito por MARSHALL (1890), no século XIX. Segundo a definição de MARSHALL, os Distritos Industriais eram constituídos por aglomerações de grandes, pequenas e médias empresas que produziam bens em larga escala em uma determinada microrregião geográfica. Segundo o autor, o surgimento de indústrias localizadas deriva de vários fatores, como por exemplo, devido à expansão de grupos familiares que se especializam em um ramo de produção ou parte de um processo de produção; as condições físicas de determinada localidade; a especialização e qualidade de produtos de determinada localidade; fatores culturais, religiosos e políticos.

Neste trabalho, a expressão “Polo de Confecções de Cianorte” refere-se à concentração de indústrias têxteis confeccionista na microrregião de Cianorte, não tendo portanto o mesmo conceito da expressão Polo de Desenvolvimento descrito por Perroux. A expressão “Polo” acabou sendo distorcida do seu conceito original dado por Perroux e utilizada de forma equivocada ao longo dos anos no meio empresarial, tornando-se uma expressão de uso corrente para definir aglomerações industriais. Em Cianorte, os empresários utilizam-se dessa expressão para definir o agrupamento produtivo têxtil existente na microrregião, razão pela qual tal expressão será mantida na realização deste trabalho.

Como se pode observar no decorrer deste capítulo, as informações contidas no Relatório da OECD e as contribuições dos demais autores auxiliam na melhor compreensão sobre a produtividade e competitividade das regiões. Isso auxiliará na compreensão da produtividade do Polo de Confecções de Cianorte e dos fatores que podem contribuir para o aumento da produtividade e consequentemente da competitividade da região, oportunizando a verificação se a atividade do Polo foi capaz de gerar o crescimento dos empregos e gerar altos níveis salariais para os trabalhadores da região.

Os trabalhos da OECD também serão importantes para auxiliar na identificação dos fatores que contribuem para a competitividade da microrregião de Cianorte no que se refere à sua infraestrutura tecnológica e as características da sua

força de trabalho, bem como, na mensuração do grau de produtividade do Polo de Confecções e Cianorte no período de 2003 a 2007.

Os estudos de Albuquerque serão utilizados para auxiliar na explicação do papel da micro e pequena empresa na geração de empregos e do papel fundamental da qualificação profissional dos trabalhadores para se obter maiores níveis de produtividade. Os trabalhos realizados por Albuquerque também serão utilizados para explicar questões relacionadas a inovação tecnológica.

3 A INDÚSTRIA TEXTIL

Neste capítulo será focado o comportamento da indústria têxtil no Brasil e no mundo, indicando quais são os principais países produtores e importadores de artigos do vestuário. Será também abordada a distribuição geográfica da indústria têxtil no Brasil e no Paraná.

3.1 A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL

A indústria têxtil brasileira foi um dos primeiros setores industriais a surgir no Brasil, sendo implantada por volta de 1844. Porém, foi a partir da década de 1970 que o setor se consolidou e se tornou importante para a economia brasileira tanto na geração de empregos como também no volume de receitas.

Em 2007, a indústria têxtil confeccionista brasileira participou com 5,2% do faturamento total da indústria de transformação, gerando 17,3% do emprego total da indústria de transformação nacional. (IEMI, 2008, p. 25),

Para Baptista (2005), a atividade têxtil assume uma grande importância na economia do país, principalmente pela sua alta capacidade de gerar empregos. A partir da década de 1990, com a abertura do mercado brasileiro e avanço da globalização, houve uma elevação dos níveis de concorrência internacional neste setor. Essa concorrência passou a exigir das empresas maiores habilidades de gestão, com objetivo de melhorar seu desempenho produtivo e assegurar sua competitividade, tanto no mercado nacional como no mercado internacional.

Nesse período, o setor sofreu um forte impacto negativo, levando as empresas menos preparadas em termos de gestão e de inovação a abandonar suas atividades. Contudo, as empresas mais preparadas investiram na sua modernização, reduziram seus custos e melhoraram sua competitividade com o objetivo de enfrentar a concorrência internacional.

Para Gorini (2000), a cadeia produtiva têxtil está dividida em 5 segmentos principais:

- a) fiação;
- b) tecelagem;
- c) malharia;

- d) acabamento e beneficiamento;
- e) confecção.

O objeto de estudo deste trabalho focaliza a última fase da cadeia, ou seja, a indústria da confecção, embora para tanto, seja necessário fazer apontamentos da cadeia têxtil num contexto geral.

A indústria confeccionista é encontrada na maioria das cidades brasileiras. O porte desta indústria varia de acordo com o posicionamento mercadológico das empresas, sendo que normalmente há uma predominância de micro e pequenas empresas com características de gestão familiares. A tecnologia em termos de máquinas não difere de forma significativa de uma empresa para outra. Uma característica marcante da indústria confeccionista é a heterogeneidade dos seus produtos ofertados e a sua relação direta com as tendências da moda. O ramo confeccionista é intenso em mão-de-obra, razão pela qual proporciona uma grande geração de empregos em torno de si. Isso tem incentivado municípios pequenos a apoiarem iniciativas dos empresários desse segmento, uma vez que se torna numa importante ação de geração de empregos dessas cidades. Na tabela 1 é demonstrada a distribuição da mão-de-obra gerada pela indústria confeccionistas nas regiões brasileiras.

TABELA 1 - MÃO DE OBRA EMPREGADA NA INDÚSTRIA CONFECCIONISTA POR REGIÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL

REGIÃO	ANOS				
	2003	2004	2005	2006	2007
NORTE	12.035	12.537	10.337	8.191	8.254
NORDESTE	160.399	162.526	178.776	184.266	191.527
SUDESTE	653.690	674.844	617.429	616.002	625.917
SUL	257.530	259.032	333.883	331.090	341.385
C. OESTE	62.946	62.619	55.889	54.369	56.779
TOTAL	1.146.600	1.171.558	1.196.311	1.193.918	1.223.862

Fonte: IEMI, 2008, p. 83 Adaptado pelo autor.

Obs. Foram considerados os segmentos: vestuário, meias, linha lar e artigos técnicos.

De acordo com o Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI), “no período de 2003 a 2007, o número de empresas em atividades nos segmentos têxteis cresceu 14,3%, enquanto que nos segmentos de confecção o crescimento foi de 31,0%. Em volume de mão-de-obra houve aumento de 13,3% nos segmentos têxteis e de 6,7% nos confeccionados.” (IEMI, 2008, p.32). Uma característica marcante desse ramo é que a medida que se avança para o final da cadeia

produtiva, há um aumento do número de empresas e maior utilização da mão-de-obra. O setor confeccionista, indiscutivelmente, é o setor que mais gera empregos nessa cadeia produtiva têxtil. Segundo Lupatini (2004), a abertura do mercado interno à concorrência internacional e a política macroeconômica adotada na década de 1990, voltada para a estabilização monetária, forçou os empresários do ramo de confecções a adotarem novas estratégias empresarias que os permitissem competir nesse novo cenário, principalmente com os países asiáticos. Porém, a frágil estrutura de muitas empresas, tanto em termos de gestão, defasagem nas máquinas e equipamentos, defasagem tecnológica e falta de capital para investimento, acabou reduzindo o número de empresas confeccionistas no país nesse período. Uma outra mudança significativa desse período relaciona-se às mudanças na estrutura de mercado consumidor, que passou a ser mais exigente em termos de qualidade e variedade dos produtos. Esse novo cenário levou as médias e grandes empresas a buscarem a flexibilização de sua produção, principalmente da costura para empresas faccionistas, através da terceirização dos serviços. Com a concorrência internacional, as empresas confeccionistas foram obrigadas a se adaptarem às novas exigências do mercado. Isso se traduziu na modernização do parque industrial, redução de custos e melhoria na qualidade dos produtos, como forma de competir principalmente com os países asiáticos. De acordo com o IEMI, no período de 1990 à 2007 foram investidos aproximadamente US\$ 12,0 bilhões na aquisição de máquinas e equipamentos. Isso permitiu que o setor se tornasse moderno e competitivo, mas ainda não conseguiu resolver os problemas da modesta escala produtiva das empresas brasileiras, em especial, no setor confeccionista, em que 97% das empresas são de pequeno e médio porte (até 99 empregados). (IEMI, 2008, p.32)

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES FABRIS POR PORTE DAS EMPRESAS, MÃO DE OBRA EMPREGADADA E PRODUÇÃO

Continua

PORTE DAS EMPRESAS	ANOS				
	2003	2004	2005	2006	2007
PEQUENAS					
Nº de Fábricas	12.586	13.494	14.583	15.250	16.201
Mão de Obra	307.832	322.632	318.107	312.842	319.258
Produção (mil)	1.738.410	1.774.258	1.723.790	1.804.639	2.091.141
MÉDIAS					
Nº de Fábricas	4.834	4.906	5.567	5.915	6.274
Mão de Obra	440.264	451.896	475.440	478.712	491.130
Produção (mil)	3.463.782	3.368.037	3.467.462	3.507.088	3.696.258

PORTE DAS EMPRESAS	ANOS				
	2003	2004	2005	2006	2007
GRANDES					
Nº de Fábricas	640	642	703	733	801
Mão de Obra	398.505	397.030	402.764	402.364	413.474
Produção (mil)	3.089.563	3.353.042	3.421.381	3.450.052	3.661.812

Fonte: IEMI, 2008, p. 87

O ramo de confecções não exige o investimento de capital elevado para o início de suas atividades, e também não apresenta barreiras à entrada. Isso torna o setor atrativo para novos investidores que não dispõem de altos níveis de capital para investir. Isso explica também a predominância de micro e pequenas empresas nesse ramo.

Um estudo desenvolvido por Noronha & Turchi (2005), identificou que a terceirização inicialmente foi favorável para ambas as empresas (fornecedora dos produtos e a faccionista), porém, com o passar do tempo surgiram problemas de qualidade dos serviços, atrasos nas entregas e infidelidade na relação fornecedor-cliente.

No que se refere à produção mundial, a partir da década de 1980, com o avanço da globalização, houve uma migração da produção de artigos têxteis e confeccionados dos Estados Unidos, União Européia e Japão, para os países emergentes da Ásia, Leste Europeu, Norte da África e Caribe, modificando o mapa da produção mundial. Na seqüência apresentaremos dados da atual produção mundial de têxteis e vestuário e os principais países exportadores e importadores desses produtos.

TABELA 3 - PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO EM 2006

PAÍS	TON (mil)	%
1. China/Hong Kong	16.735	43,5%
2. Índia	2.432	6,3%
3. Paquistão	1.444	3,7%
4. México	1.270	3,3%
5. Turquia	1.179	3,1%
6. Brasil	1.065	2,8%
7. Coréia do Sul	905	2,4%
8. Itália	879	2,3%
9. Taiwan	811	2,1%
10. Indonésia	704	1,8%
11. Polônia	689	1,8%
12. Romênia	684	1,8%
13. Tailândia	678	1,8%
14. Malásia	656	1,7%
15. Canadá	535	1,4%
Subtotal	30.666	79,6%
Outros	7.844	20,4%
TOTAL	38.510	100%

Fonte: IEMI, 2008, p. 28

TABELA 4 - PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO 2006

<i>PAÍSES</i>	<i>US\$ MILHÕES</i>
1. China	95.388
2. Hong Kong	28.391
3. Itália	18.571
4. Alemanha	13.369
5. Turquia	11.882
6. Índia	10.192
7. França	8.590
8. Bangladesh	7.751
9. Bélgica	6.842
10. México	6.325
11. Países Baixos	5.904
12. Indonésia	5.699
13. Estados Unidos	4.876
14. Reino Unido	4.869
15. Vietnã	4.838
69. Brasil	273
Outros	77.651
TOTAL	311.410

Fonte: OMC – Organização Mundial do Comércio apud IEMI, 2008., p. 29.

TABELA 5 - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO EM 2006

<i>PAÍSES</i>	<i>US\$ MILHÕES</i>
1. Estados Unidos	82.972
2. Alemanha	22.218
3. Japão	23.870
4. Reino Unido	20.640
5. Hong Kong	18.852
6. França	17.782
7. Itália	13.280
8. Espanha	10.434
9. Países Baixos	8.253
10. Rússia	8.103
11. Bélgica	7.746
12. Canadá	6.818
13. Suíça	4.654
14. Áustria	4.596
15. Coreia do Sul	3.744
51. Brasil	347
Outros	53.100
TOTAL	311.410

Fonte: OMC – Organização Mundial do Comércio apud IEMI, 2008., p. 30.

3.2 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS INDÚSTRIAS TÊXTEIS NO BRASIL

A atividade têxtil está presente em todas as regiões brasileiras. A alta capacidade de gerar empregos a torna uma atividade econômica de grande importância, principalmente para os pequenos municípios. É evidente que tal

atividade também se faz presente em grandes centros comerciais, como veremos no decorrer deste trabalho. A tabela 6 indica o número de empresas confeccionistas formais existentes no Brasil em 2007 e a sua localização em termos de regiões.

TABELA 6 - UNIDADES FABRIS INSTALADAS POR REGIÃO

REGIÃO	2003	2004	2005	2006	2007
NORTE	420	348	229	179	186
NORDESTE	2.542	2.580	2.701	2.931	3.228
SUDESTE	10.088	10.832	11.298	11.996	12.568
SUL	4.164	4.390	5.301	5.485	5.903
CENTRO OESTE	846	892	1324	1307	1391
TOTAL	18.060	19.042	20.853	21.898	23.276

Fonte: IEMI, 2008, p. 82 Adaptado pelo autor.

De acordo com o IEMI (2008), no período de 2003 à 2007, a região norte manteve sua participação de 1,8% na produção nacional total. As regiões nordeste e sudeste reduziram sua participação. A região sul e centro-oeste ampliaram sua participação no período. A região sudeste, embora tenha reduzido sua participação, continua sendo a líder na produção nacional, principalmente em razão de que concentra o maior número de consumidores e as maiores redes de distribuição dos produtos. A tabela 7 indica a evolução da participação das regiões na produção nacional.

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES NA PRODUÇÃO TÊXTIL (EM %)

SETORES	NORTE		NORDESTE		SUDESTE		SUL		C. OESTE	
	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2006
Fios	0,9%	1,2%	40,7%	34,4%	36,4%	38,2%	21,8%	25,4%	0,2%	0,8%
Tecidos	3,1%	2,3%	21,8%	17,7%	62,7%	63,4%	11,9%	15,3%	0,5%	1,3%
Malhas	0,2%	1,0%	9,5%	7,0%	37,2%	38,7%	51,9%	52,0%	1,2%	1,3%
Confeção	3,1%	2,6%	11,9%	17,1%	57,7%	48,5%	23,6%	27,6%	3,7%	4,2%
Média	1,8%	1,8%	21,0%	19,1%	48,5%	47,2%	27,3%	30,0%	1,4%	1,9%

FONTE: IEMI, 2008, P. 36.

3.2.1 Principais Polos confeccionistas do Brasil

A Associação Brasileira de Indústrias Têxteis e de Confeções – ABIT- destaca grandes conglomerados confeccionistas existentes no Brasil, reconhecendo que, além desses grandes centros, existem empresas espalhadas por todos os estados do país. Os principais Polos estão localizados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Santa Catarina, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

São Paulo é o principal Polo brasileiro de confecções, com mais de 15 mil empresas, distribuídas por várias regiões e atuando em todos os segmentos. Na capital, os centros de produção do Bom Retiro e do Brás concentram a maior produção. Também há uma grande concentração de empresas confeccionistas na região de Sorocaba, Americana e São José do Rio Preto. De acordo com a ABIT, Minas Gerais possui o segundo maior Polo brasileiro confeccionista, abrigando aproximadamente 5 mil empresas distribuídas em duas regiões. No sul do estado destaca-se a produção do tricô, principalmente blusas de frio. Na região de Juiz de Fora, predomina a moda íntima. Em Divinópolis, há atualmente cerca de 3 mil empresas formais e informais da cadeia produtiva de confecção e moda.

A região de Muriaé movimenta mais de R\$ 230 milhões por ano, o que corresponde a 44% do PIB regional. A região se especializou na fabricação de lingerie noite e fornece para grandes magazines do Brasil.

A ABIT indica também que no Paraná, o jeans é o carro-chefe do Polo localizado na região norte e noroeste do estado, considerado um dos mais importantes parques industriais do país. Trata-se de um corredor de 100 km que envolve as cidades de Maringá, Londrina, Apucarana e Cianorte, cuja produção chega a 130 milhões de peças por ano e um faturamento superior a R\$ 2 bilhões. As cidades formam também o chamado corredor da moda, abrigando 12 centros atacadistas. O Polo possui desde tecelagens até lavanderias, fabricantes de materiais de acabamento, confecções propriamente ditas e até mesmo produtores de seda. Além do jeans, que responde por cerca de 70% do faturamento, as empresas da região atuam também nos segmentos de malharia, infantil, lingerie, moda praia e a chamada modinha.

O Rio de Janeiro é o maior Polo confeccionista de moda íntima do país, com cerca de 800 confecções formais que geram 20 mil empregos. Tem como carro-chefe a produção de peças íntimas em Nova Friburgo. Além do mercado interno no qual participa com 25% do consumo de lingerie, Nova Friburgo tem também forte foco para exportação para o Mercosul, União Européia, África, Oriente Médio, Japão e Estados Unidos.

Segundo a ABIT, no estado do Rio de Janeiro, destacam-se o seguintes Polos confeccionistas: o Polo de confecções Moda Sul Fluminense (Valença); Polo confeccionista de Petrópolis; Moda do Noroeste Fluminense (Itaperuna); Polo de Niterói que especializou-se na moda feminina, masculina, praia e esporte.

Além desses agrupamentos industriais na área confeccionista, o estado do Rio de Janeiro conta também com o Polo da Moda Praia Cabo Frio, o Polo da Moda São Gonçalo que fabricam peças em jeans e o Polo de Moda de Campos, que tem produção diversificada, produzindo jeans, malharia e modinha.

Segundo a ABIT, no Espírito Santo há aproximadamente 1.500 pequenas indústrias fabricantes de moda dia-a-dia, roupa esportiva e masculina. Destaca-se o Polo localizado na cidade de Vila Velha, pertencente à microrregião de Vitória, que se especializou em modinha e jeans. O Ceará conta com 2.600 empresas distribuídas por quatro cidades que se especializaram na produção de artigos de moda íntima e praia. No interior de Pernambuco existem 6.000 fábricas, produtoras de moda íntima, jeans, e modinha. No Sergipe, na região de Tobias Barreto, há aproximadamente 1.300 confecções. Há ainda os Polos Confeccionistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com cerca de 6.000 indústrias, especializadas na confecção de malhas.

3.3 A INDÚSTRIA TEXTIL NO PARANÁ

De acordo com a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPL), o setor têxtil-vestuário paranaense ocupa o quarto lugar na representação econômica entre as unidades federativas do Brasil, o que representa 14,0% da mão-de-obra industrial ocupada no Estado, credenciando-se como o setor que mais emprega no âmbito estadual. (SEPL, disponível em www.redeapl.gov.br).

Uma relevante característica do segmento paranaense do vestuário é que ele constitui-se num setor jovem. A maioria das empresas foi fundada a partir do ano 2000, conforme mostra a tabela 8.

TABELA 8 - ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PARANÁ

ANO	TOTAL DE ESTABELECIMENTOS
1998	2.982
1999	3.126
2000	3.289
2001	3.662
2002	3.852

FONTE: RAIS (2003)
Elaborada pelo autor

No período de 1990 a 1995, houve uma redução no número de estabelecimentos industriais no Paraná, o que provavelmente ocorreu em razão da abertura do mercado brasileiro e da necessidade de adaptação das empresas para serem competitivas no mercado nacional e internacional, como foi citado anteriormente.

No período entre 1998 a 2002, o segmento do vestuário apresentou crescimento contínuo tanto no que se refere ao número de empresas como também na ampliação dos postos de trabalho, sendo que no período de 2000 à 2002 houve um aumento considerável do número de empresas confeccionistas no Estado do Paraná, o que foi refletido no aumento do número de empregos. Conforme mostra a tabela 9:

TABELA 9 - EMPREGOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PARANÁ

ANO	TOTAL DE ESTABELECIMENTOS
1998	37.077
1999	41.626
2000	47.479
2001	50.948
2002	56.981

FONTE: RAIS (2003)
Elaborada pelo autor

3.3.1 Distribuição geográfica das indústrias têxteis no Paraná

O Paraná está situado na Região Sul do país, fazendo divisa com os estados de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, fronteira com a Argentina e o Paraguai e limite com o Oceano Atlântico, ocupando uma área de 199.880 km².

O Paraná possui uma boa infraestrutura de estradas, aeroportos, ferrovias, portos e usinas geradoras de energia elétrica. É subdividido em 39 microrregiões. A identificação das microrregiões paranaenses é um fator importante para uma melhor compreensão da localização das atividades confeccionistas no estado. Em razão disso, apresentaremos na seqüência a composição das microrregiões do estado.

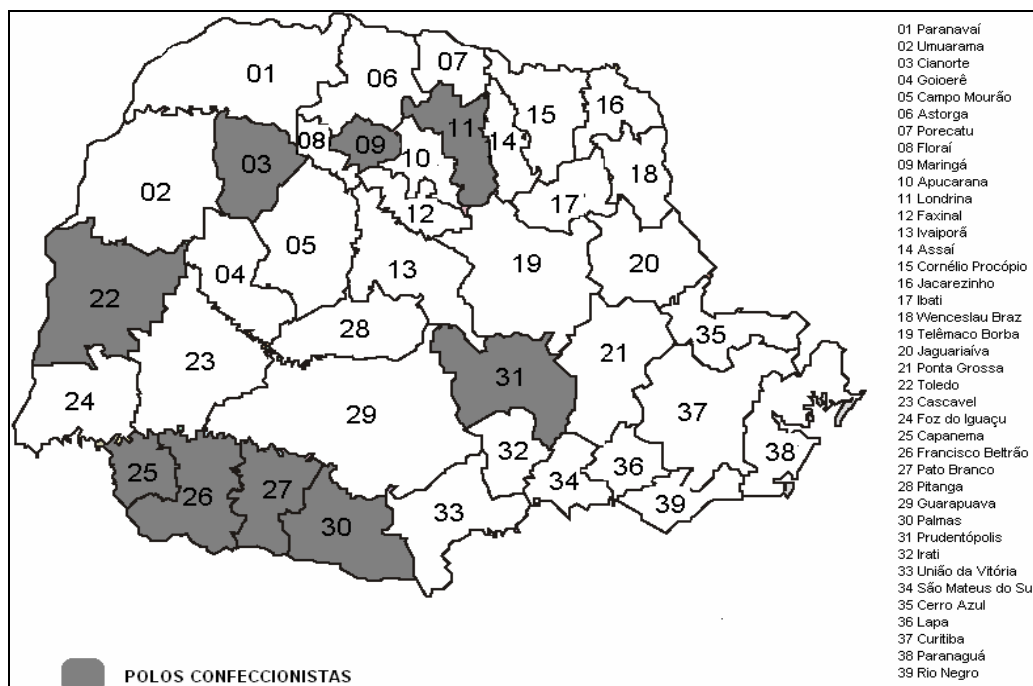


Figura 4 – Mapa das microrregiões do Paraná
Fonte: IBGE

Os Polos de confecções do estado do Paraná, em algumas situações, como é o caso do Polo do Sudoeste do Paraná, abrangem municípios pertencentes a microrregiões diferentes. No anexo I estão relacionados os municípios que compõem cada microrregião do estado do Paraná.

3.3.2 Principais Polos confeccionistas do Paraná

Todas as microrregiões do estado do Paraná apresentam algum nível de atividade confeccionista. Segundo dados da Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral – SEPL -, no Estado do Paraná destacam-se as seguintes regiões confeccionistas: Polo de Terra Roxa; do Sudoeste do Paraná; Maringá, Imbituva, Cianorte e Londrina. A seguir serão destacadas algumas importantes características desses Polos tendo como fonte de pesquisa os estudos realizados pela SEPL do Paraná.

3.3.2.1 Polo confeccionista de Terra Roxa

Segundo dados da SEPL (2008), o Polo Confeccionista de Terra Roxa, situado na região Oeste do Paraná, caracteriza-se por conter um aglomerado de empresas especializadas na confecção de roupas infantis de 0 a 1 ano.

A atividade é responsável por aproximadamente 30% da economia do município, com faturamento mensal em torno de R\$1,5 milhão e produção estimada em 200 mil peças/mês. (SEPL, disponível em www.redeapl.gov.br)

O Polo de confecções de Terra Roxa está localizado na microrregião de Toledo e em 2007 contava com 250 indústrias e gerava 4.695 empregos formais. (RAIS,2008).

3.3.2.2 Polo Confeccionista do Sudoeste do Paraná

O Polo de Confecções do Sudoeste do Paraná localiza-se em uma região da fronteira estadual com Santa Catarina e internacional com a Argentina. Compreende os seguintes municípios: Ampére, Barracão, Capanema, Chopinzinho, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Pato Branco, Pranchita, Planalto, Realeza, Salto do Lontra e Santo Antônio do Sudoeste.

Há também outros municípios que fazem parte do Polo, como Clevelândia, Itapejara do Oeste, Mariópolis, Marmeleiro, Nova Prata do Iguaçu, Palmas, Pinhal de São Bento, Santa Izabel do Oeste, São João, São Jorge do Oeste, Verê e Vitorino.

O Polo destaca-se na produção de moda social masculina, mas existem importantes empresas produtoras de moda feminina, jeans, roupas esportivas, uniformes profissionais e corporativos e agasalhos. O mercado dessas empresas é principalmente nacional, embora algumas exportem seus produtos para países da América Latina.

Como se pode observar no anexo I, o Polo do vestuário do Sudoeste do Paraná envolve municípios de 4 microrregiões, ou seja, as microrregiões de Capanema, Palmas, Francisco Beltrão e Pato Branco.

3.3.2.3 Polo confeccionista de Maringá

O Polo de confecções de Maringá é um dos principais Polos de confecções do estado do Paraná. Caracteriza-se por maior heterogeneidade no seu nível tecnológico e diversidade de seus produtos, que vai desde a produção especializada em jeans, até a produção direcionada para públicos segmentados, como moda gestante, moda ginástica, moda social, lingerie, e modinha.

O grande mercado da região é o nacional, especialmente os estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Maringá constitui-se em um grande centro distribuidor com infraestrutura necessária para a realização das operações de venda.

A maioria das empresas foram criadas nos últimos 20 anos, o que propiciou o surgimento de uma nova geração de empresários locais. Há no Polo iniciativas que visam à organização de um consórcio para exportação envolvendo cerca de 60 empresas da região e a instalação de um condomínio industrial.

De acordo com a RAIS, em 2007 o Polo de confecções de Maringá gerou 9.489 empregos formais nas suas 722 fábricas instaladas.

3.3.2.4 Polo confeccionistas de Imbituva

Segundo dados da RAIS (2008), em 2007 o Polo era constituído por 44 empresas, gerando 450 empregos diretos que desenvolvem roupas de malhas típicas de inverno.

Pode-se dizer que quase 9% do total de pessoas em idade de trabalhar em Imbituva apresentam algum tipo de envolvimento com as malharias locais. As malharias são importantes, sobretudo, para o emprego da mão-de-obra feminina, pois, 93% dos respectivos postos de trabalho, em média, são ocupados por mulheres. (SEPL, disponível em www.redeapl.gov.br).

A produção local é comercializada predominantemente nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e, em menor escala, no Rio Grande do Sul. Os principais canais de comercialização são as lojas de fábricas e a feira anual, com vendas no atacado e no varejo.

3.3.2.5 Polo confeccionista de Cianorte

O Polo de Cianorte, de acordo com a RAIS (2008), contava em 2007 com 580 estabelecimentos formais vinculados à atividade de confecções, gerando 7.756 empregos no setor. A produção do Polo chegou nesse período a mais de 5 milhões de peças/mês, concentrando-se principalmente na confecção de jeans. A modinha, camisaria, malhas, lingerie e moda social masculina e feminina também estiveram presentes no Polo, gerando mais de 500 grifes.

Em termos de empregos, dos 7.756 empregos formais gerados pela indústria têxtil dos municípios que compõem o Polo, mais da metade estão vinculados às empresas do segmento instaladas em Cianorte. (SEPL, disponível em www.redeapl.gov.br).

Considerando que o objeto de estudo deste trabalho é o Polo de confecções de Cianorte, informações complementares sobre o Polo serão fornecidas ao decorrer da pesquisa.

3.3.2.6 Polo confeccionista de Londrina

De acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP, O Polo confeccionista de Londrina tem uma produção diversificada, atendendo o mercado nacional e internacional. De acordo com o MTE/RAIS (2007), o Polo abrange 464 indústrias, gerando em 2007 um total de 7.937 postos de trabalho, fabricando moda jovem masculina e feminina, moda gestante, lingerie, moda praia, esportiva, roupas de festa, uniformes e jeans.

A produção gira em torno de 11 milhões de peças por mês, o que transforma em referência para a cadeia têxtil nacional, com destaque para absorção de tendências e criação de novos produtos. (FIEP, 2008).

O Polo abrange os municípios de Londrina, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Rolândia, Sertãoópolis e Tamarana.

4 O POLO CONFECCIONISTA DE CIANORTE

O presente capítulo trata do desenvolvimento do Polo de confecções de Cianorte, enfocando as características das empresas que o compõem, seus processos produtivos e o perfil da mão-de-obra da indústria confeccionista. O capítulo trata também do desempenho do Polo no período em análise e dos níveis salariais praticados nas 27 microrregiões estudadas.

4.1 O DESENVOLVIMENTO DO POLO DE CONFECCÇÕES DE CIANORTE

Entre 1977 e 1979 foram iniciadas as atividades confeccionistas de Cianorte, surgindo as duas primeiras fábricas da região. Uma dessas fábricas se especializou na fabricação de peças em jeans, adquirindo máquinas e tecnologia capazes de competir no mercado internacional. A outra empresa voltou-se ao mercado interno, confeccionando roupas mais elaboradas e agregando com isso valor ao seu produto. A partir dessa iniciativa começaram a surgir micro e pequenas empresas do ramo de confecções, tanto em Cianorte, como nas cidades vizinhas. (MAIA, 1994).

De acordo com o MTE/RAIS, em 2007 o Polo de Cianorte contava 580 empresas formais do segmento do vestuário, sendo a maioria micro e pequenas empresas. Há no Polo a prática da terceirização da mão-de-obra, principalmente da facção de peças.

Segundo Baptista (2005) também há casos em que as empresas contratam costureiras autônomas que trabalham em suas casas ou os serviços de facção de outras empresas da região ou mesmo de outras regiões. Também é comum a terceirização de atividades complementares correlatas, como bordados, pedrarias e serviços de lavanderia. Há também uma expressiva informalidade na contratação de mão-de-obra no Polo, principalmente nas micro e pequenas empresas. Também é comum um mesmo proprietário administrar várias empresas, sendo que cada uma representa uma marca específica. Isso ocorre devido à redução da carga tributária e dos encargos trabalhistas para as microempresas.

De acordo com dados disponíveis na SETP (2008), nos últimos 25 anos Cianorte experimentou uma grande transformação em seu perfil socioeconômico, passando de uma economia predominantemente rural para uma economia industrial, principalmente motivado pela indústria da confecção.

Na região de Cianorte, até os anos 1970, o plantio do café foi o motor do desenvolvimento das cidades. Mas, com as geadas de 1975, as cidades entraram em decadência, trazendo o desemprego e o êxodo rural. Em meio a esse cenário, Cianorte buscou na industrialização uma alternativa para reverter o quadro pessimista, deixando sua vocação agrícola em segundo plano e investindo no ramo de confecções. Dessa forma, surgiu também uma estrutura institucional compatível com o crescimento do número de empresas.

No início da década de 1990 realizou-se a primeira EXPOVEST, a maior exposição de feira do vestuário da região. Em seguida houve a promoção da expansão das vendas dos produtos, por meio de incentivos ao surgimento do turismo de compras, por meio da construção de shoppings atacadistas. Para melhor organizar o setor, o empresariado local criou a Associação de Shoppings Atacadistas de Moda de Cianorte (ASAMODA), que se transformou, numa associação de lojistas. (SETP).

4.2 CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS QUE COMPÕEM O POLO DE CIANORTE

Para a obtenção de informações complementares para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo no Polo de Confecções de Cianorte. O número de amostras foi definido utilizando-se da seguinte fórmula estatística, em conformidade com os trabalhos de Richardson (1999, p. 170):

$$n = \frac{\sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 (N-1) + \sigma^2 p \cdot q}$$

onde:

n = Tamanho da amostra.

σ^2 = Nível de confiança escolhido, expresso em número de desvios-padrão.

p = Percentagem com a qual o fenômeno se verifica.

q = Percentagem complementar (100-p).

N = Tamanho da população.

e^2 = Erro máximo permitido.

Obs.

1 desvio padrão = 68% de representatividade
 2 desvios = 95,5% de seu total
 3 desvios = 99,7% da amostra ou população

Aplicando os dados na fórmula, obteve-se o seguinte número de amostras:

$$n = \frac{1 \times 30 \times 70 \times 580}{49(579) + 1 \times 30 \times 70}$$

$$n = \frac{1218000}{30471}$$

$$n = 40$$

O tamanho da população teve como base o número de unidades fabris existentes no Polo em 2007, ou seja, 580 empresas. Foi utilizado 1 desvio padrão e um erro máximo permitido de 7. A aplicação dos questionários foi feita de forma aleatória. O número de amostras foi de 40 questionários, porém foram aplicados 42 questionários por uma equipe de 7 entrevistadores que visitaram os empresários no período de 02 a 20 de março do presente ano, e coletaram as informações. Em anexo consta o questionário utilizado na coleta de dados. (Vide anexo II). Para uma melhor compreensão das informações apresentadas na sequência desse trabalho, apresentaremos as principais informações obtidas por meio das entrevistas.

A pesquisa de campo (2009) apontou que 42,85% das empresas são micro (até 19 funcionários); 38,10% são pequenas (de 20 a 99 funcionários); 9,52% são média (de 100 a 499 funcionários) e 9,52% são grande (mais de 500 funcionários).

No que se refere ao total de peças produzidas, em 2003 a produção do Polo foi de 63.448.100 peças; em 2004 de 67.638.500; 2005 de 71.980.574; em 2006 de 75.429.981 e em 2007 a produção foi de 80.222.707 peças.

A pesquisa identificou que 68,29% das empresas terceirizam serviços, principalmente de costura e de lavanderia.

Quanto à utilização da capacidade instalada no período, as empresas tiveram o seguinte comportamento:

Até 50% em 2003 foi de 16,67%; em 2004 foi de 12,50%; em 2005 foi de 8,33%; em 2006 foi de 8,33% e em 2007 foi de 4,17%.

De 51 a 70 em 2003 foi de 12,50%; em 2004 foi de 12,50%; em 2005 foi de 16,67%; em 2006 foi de 12,50% e em 2007 foi de 8,33%.

De 71 a 80% em 2003 foi de 16,67%; em 2004 foi de 20,83%; em 2005 foi de 8,33%; em 2006 foi de 8,33% e em 2007 foi de 8,33%.

De 81 a 90% em 2003 foi de 20,83%; em 2004 foi de 25,00%; em 2005 foi de 29,17%; em 2006 foi de 33,33% e em 2007 foi de 29,17%.

De 91 a 100 em 2003 foi de 33,33%; em 2004 foi de 29,17%; em 2005 foi de 37,50%; em 2006 foi de 37,50% e em 2007 foi de 50,00%.

Quanto ao faturamento no período, o Polo apresentou o seguinte resultado: Em 2003 o faturamento foi de R\$ 94.151.700,00; em 2004 de R\$ 100.832.200,00; em 2005 de 106.849.470,89; em 2006 de R\$ 109.767.946,90 e em 2007 de R\$ 127.671.153,72.

A pesquisa de campo identificou também que com relação à sistemática adotada para o controle da qualidade, a inspeção de processo é utilizada por 15,79% das empresas; a inspeção final no produto acabado por 31,58% das empresas. Em apenas 8,77% das empresas há registros de controle da qualidade e que em nenhuma empresa pesquisada há certificação ISO 9000. No que se refere ao monitoramento da eficiência da produção, 57,14% das empresas utilizam-se da produtividade hora/trabalhada; 5,36% de índice de refugo ; índice de devoluções 10,71%; falta de funcionários 8,93%; turnover 1,79%; faturamento por funcionário 16,07%.

Os canais de comercialização utilizados pelas empresas são: Venda direta para grandes varejistas 23,08%; venda direta, para pequenos varejistas 13,46%; venda direta para atacados 28,85%; representante comercial 34,61%. Das empresas entrevistadas, 82,93% afirmaram realizar pesquisas de mercado para o lançamento de novos produtos.

As principais regiões que a empresa comercializa seus produtos são: Paraná (28,57%); São Paulo (21,42%), Mato Grosso do Sul (16,66%); Santa Catarina (10,71%); Mato Grosso (5,95%); Minas Gerais (4,79%); Rio de Janeiro (4,76%); Goiás (2,38%); Roraima (2,38%); Bahia (1,19%); Todos (1,19%).

A pesquisa identificou também que as confecções em jeans representam 33,33% da comercialização do Polo; as confecções em malhas 14,28%; modinha 11,90%; moda feminina 11,93%; infantil 7,14%; lingerie 7,14%; camisas 4,76%; outros 4,76%.

No que se refere ao segmento de mercado das empresas, no mercado Interno , 22,97% das empresas atendem à Classe A; 40,54% à Classe B; 25,68% à Classe C ; 9,46% à Classe D; e 1,35% Classe E.

No mercado externo o público alvo é composto da seguinte forma: Classe A 28,57%; Classe B 57,15%; Classe C 7,14%; Classe D 7,14%.

No aspecto tecnológico, 82,93% das empresas possuem sistemas de informática em rede; 40,63% possuem sistema de produção CAD/CAM; 53,85% possuem máquinas de terceira geração e 58,54 não se utilizam de serviços de assessoria e consultoria.

As principais dificuldades à entrada de novas empresas concorrentes no Polo estão relacionadas às seguintes situações: valor do capital inicial do investimento 20,55%; falta de capital de giro 20,55%; dificuldade de obtenção de matéria-prima 5,48%; dificuldade em obtenção de mão-de-obra especializada 28,77%; capacidade ociosa das empresas instaladas 5,48%; falta de terrenos disponíveis e o seu valor para instalação da fábrica 5,48%; falta de incentivos do município 13,69%.

No que se refere as principais inovações adotadas pelas empresas em seus produtos e processos, para 23,40% das empresas a principal inovação foi o lançamento de novos produtos; para 24,47% foi a inclusão de novas máquinas e equipamentos na fábrica; para 3,19% foi a introdução de CAD/CAM; para 5,32% foi a introdução de novas matérias-primas; para 9,57% foi mudanças no layout da fábrica; para 21,28% foi a expansão das instalações físicas; e para 12,77% foi a introdução de novas técnicas de gestão.

De acordo com a pesquisa de campo, o montante de novos investimentos em máquinas e equipamentos no período de 2003 a 2007 foi de: Até R\$ 100.000,00 para 39,39% das empresas; de R\$ 100.000,00 até R\$ 200.000,00 para 24,24% das empresas; de R\$ 200.000,00 até R\$ 400.000,00 para 21,21% das empresas; de R\$ 400.000,00 até R\$ 800.000,00 para 3,03% das empresas; de R\$ 800.000,00 até R\$ 1,5 milhão para 3,03% das empresas; acima de R\$ 1,5 milhão para 3,03% das empresas. Das empresas entrevistadas, 6,07% alegaram que não houve novos investimentos no período.

Quanto aos benefícios concedidos pelas empresas aos funcionários, as pesquisa identificou que 5,22% das empresas oferecem assistência médico-odontológica; 14,78% vale transporte; 19,13% oferecem convênios com farmácias;

12,17% oferecem refeitório próprio; 5,22% doação de cesta básica; 6,09% convênios com mercados; 17,39% premiação por assiduidade; e 20% premiação por produção/racionalização.

Das empresas entrevistadas, 74,19% utilizam 100% de funcionários da própria região; 9,67% utilizam 90%; 6,45% utilizam 96% dos funcionários da região; 3,22% utilizam 80% de trabalhadores da região; 6,44% utilizam 70% de trabalhadores da região.

Quanto as principais necessidades de treinamento de funcionários as empresas indicaram que há necessidade de cursos de qualificação básica para operar máquinas de costura; modelista; controle da qualidade; operação de máquinas eletrônicas; produtividade e qualidade; motivação; área financeira; área comercial.

Quanto ao nível de escolaridade dos recursos humanos das empresas, identificou-se que 0,05 são analfabetos; 6,68% possui o ensino fundamental incompleto; 24,27% o ensino fundamental completo; 17,66% o ensino médio incompleto; 21,84% o ensino médio completo; 8,85% o nível universitário incompleto; 6,56% o nível universitário completo e 4,09% o nível de pós-graduação.

Para 62,50% das empresas não há disponibilidade de mão-de-obra qualificada na região.

Quanto ao grau de escolaridade dos dirigentes das empresas, a pesquisa identificou a seguinte composição: ensino fundamental 11,90%; ensino médio 21,42%; ensino superior 40,47%; pós-graduado 19,04%.

No que se refere a capacidade de produção das empresas no período de 2003 a 2007, para 5,41% das empresas houve estagnação; para 5,41% houve redução da capacidade; e para 89,18% das empresas houve ampliação da capacidade produtiva.

Quanto à qualificação da mão-de-obra, para 55,26% das empresas a Escola Fábrica e os cursos do SENAI estão formando profissionais que atendem as exigências das empresas. Para 51,43% das empresas, não há apoio do governo municipal no que se refere à qualificação de mão-de-obra.

O tecido empresarial do Polo de Confecções de Cianorte é constituído essencialmente por micro, pequenas e médias empresas, predominado as micro e pequenas. Utilizou-se do critério SEBRAE para classificar as empresas, sendo que empresas com até 19 funcionários foram classificadas como micro; de 20 a 99

funcionário como pequenas; de 100 a 499 funcionários como médias; e com mais de 500 funcionários como grandes. A pesquisa de campo identificou que 42,86% das empresas do Polo são micro e 38,10% pequenas. A proximidade geográfica e a especialização setorial também são características marcantes do Polo.

Na gestão dessas empresas, na maioria das vezes, há um predomínio do estilo familiar na condução das atividades. Normalmente, os pequenos empresários são ex-funcionários de empresas maiores. Esses empreendedores montam seus próprios negócios e geram novos empregos. Essas pessoas possuem um elevado conhecimento sobre o aspecto da produção, porém, nas questões administrativas e mercadológicas nem sempre demonstram tal experiência. Isso acaba afetando o desempenho dessas empresas no longo prazo. A pesquisa apontou a escolaridade dos diretores das empresas do Polo, que é uma maneira, embora não a única, a indicar a qualificação profissional desses dirigentes. De acordo com a pesquisa, 11,90% dos diretores possuem apenas o ensino fundamental; 21,42% o ensino médio; 40,47% o ensino superior e 19,04% possuem cursos de pós-graduação.

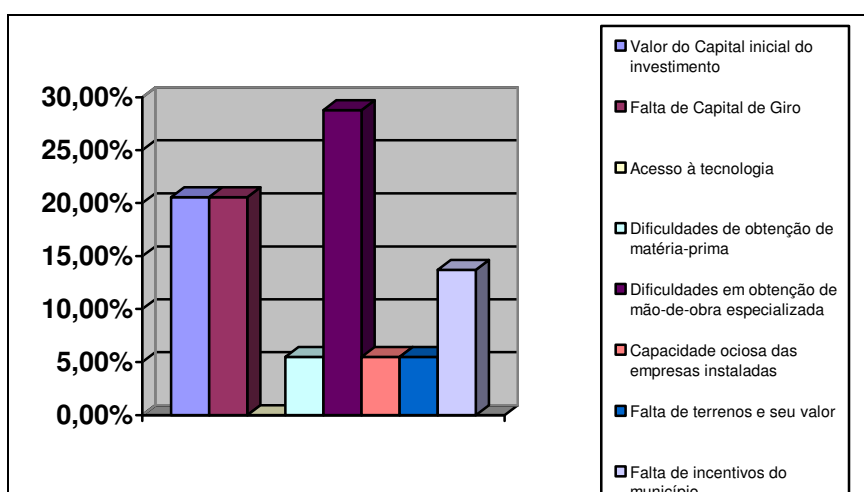
Existe no Polo de Cianorte uma forte relação de subcontratação, principalmente para os serviços de costura. Nesses casos, a empresa contratada (faccionista) executa tais serviços para a empresa contratante. Para as empresas contratantes esse tipo de terceirização significa redução de custos trabalhistas, encargos sociais e de manutenção de estrutura física. Porém, para as empresas contratadas, normalmente micro empresas, isso provoca deteriorização dos direitos trabalhistas e das próprias condições de trabalho. Normalmente, a empresa contratada torna-se dependente das ações mercadológicas da empresa contratante, bem como, dos valores pagos pelas peças produzidas. A pesquisa apontou que 68,29% das empresas terceirizam serviços, principalmente na área da facção.

Na questão tecnológica, as empresas ainda são deficitárias no que se refere à máquinas eletrônicas e sistemas específicos para do setor da confecção, como o CAD (Computer Aided Design) e CAM (Computer Aided Factoring), que serão descritos no item 4.3. A aquisição desses recursos exige altos investimentos. Isso não permite que a maioria das empresas pequenas tenha acesso a essas tecnologias.

4.3 PROCESSO PRODUTIVO DAS EMPRESAS

A falta de capital de giro e da mão-de-obra qualificada são as maiores dificuldades das empresas que se instalam no Polo do Vestuário de Cianorte. Na pesquisa de campo, foi perguntado aos empresários qual a principal dificuldade à entrada de novas empresas no Polo. Para 28,77% dos entrevistados a principal dificuldade está na mão-de-obra qualificada; para 20,55% está na falta de capital de giro e para 20,55% está na falta inicial de capital para investimento. O gráfico 1 mostra as demais razões que segundo os empresários dificultam a entrada de novas empresas.

GRÁFICO 1 – DIFICULDADES PARA ENTRADA DE NOVAS EMPRESAS NO POLO DE CONFECÇÕES DE CIANORTE



Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

As matérias-primas são adquiridas de empresas fornecedoras localizadas em São Paulo, Ceará e Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As principais empresas fornecedoras são: Caratiba, Vicunha, Santista Têxtil e Renno.

Campos (2004) identificou que o Polo de Cianorte não possui uma central de compras de matéria-prima. Segundo o citado autor, isso poderia beneficiar as empresas do local, conseguindo de forma coletiva melhor preços e condições de pagamentos junto aos seus fornecedores.

As dificuldades das empresas em incorporar inovações tecnológicas também representam fatores limitadores à competitividade das empresas.

A pesquisa identificou também que 59,38% das empresas ainda não possuem sistemas CAD (Computer Aided Design) e CAM (Computer Aided Factoring), específicos para o vestuário. Esses sistemas diminuem o tempo de operações nas fases de criação, modelagem e corte, permitindo reduzir o tempo das operações necessárias à produção. Isso aumenta a flexibilidade produtiva e evita o desperdício de matéria-prima.

O uso de máquinas de terceira geração é um fator importante para a melhoria da qualidade e da produtividade, pois estes equipamentos são controlados por microprocessador, cabendo ao operador o manuseio do tecido. Identificou-se na pesquisa de campo que 53,85% das empresas já tem acesso a essa tecnologia.

Tanto na aquisição dos sistemas CAD e CAM, como também na aquisição de equipamentos eletrônicos, as pequenas empresas enfrentam maiores dificuldades em ter acesso a essas tecnologias, principalmente em razão da falta de capital.

De acordo com a pesquisa, 46,15% das empresas utilizam máquinas de segunda geração, ou seja, aquelas dotadas de acessórios que podem ser acionados por meios eletromecânicos comandados pelo próprio motor da máquina.

4.4 EVOLUÇÃO DAS INDÚSTRIAS CONFECCIONISTAS LIGADAS AO POLO NO PERÍODO DE 2003 A 2007 E A RELAÇÃO COM A GERAÇÃO DE EMPREGOS

A exemplo do que ocorre em nível nacional, no âmbito estadual verifica-se também a presença das atividades confeccionistas em todas as regiões do estado. A localização, proximidade geográfica e incentivos locais contribuíram para que algumas regiões se destacassem nessa atividade, como é o caso do região de Cianorte, Maringá e Londrina. A tabela 10 permite a comparação entre o grau da atividade confeccionista em todas as microrregiões do estado.

TABELA 10 - ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TEXTIL DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS POR MICRORREGIÕES

					Continua
LOCALIZAÇÃO	2003	2004	2005	2006	2007
Estado do Paraná	4.039	4.345	4.513	4.772	5.012
MRG de Apucarana	384	411	467	576	621
MRG de Assai	24	25	28	25	29
MRG de Astorga	125	146	160	162	159
MRG de Campo Mourão	95	100	103	100	106
MRG de Capanema	32	34	32	37	43

LOCALIZAÇÃO	2003	2004	2005	2006	2007
MRG de Cascavel	108	99	109	119	143
MRG de Cerro Azul	-	-	-	-	-
MRG de Cianorte	479	536	557	563	580
MRG de Cornélio Procopio	38	47	38	41	49
MRG de Curitiba	556	575	555	578	588
MRG de Faxinal	28	28	34	38	38
MRG de Floraí	19	23	29	32	42
MRG de Foz do Iguaçu	63	75	84	86	89
MRG de Francisco Beltrão	122	115	130	141	148
MRG de Goioerê	38	49	51	47	47
MRG de Guarapuava	40	45	45	45	48
MRG de Ibaiti	10	11	13	14	13
MRG de Irati	12	15	12	12	12
MRG de Ivaiporã	14	19	23	23	21
MRG de Jacarezinho	33	30	33	31	33
MRG de Jaguariaíva	5	5	5	5	7
MRG de Lapa	2	2	2	1	0
MRG de Londrina	360	385	413	449	464
MRG de Maringá	630	702	707	712	722
MRG de Palmas	12	14	15	15	17
MRG de Paranaguá	9	10	9	8	13
MRG de Paranavaí	103	105	91	101	106
MRG de Pato Branco	49	54	55	58	56
MRG de Pitanga	2	2	1	3	4
MRG de Ponta Grossa	63	59	62	71	73
MRG de Porecatu	39	35	33	40	36
MRG de Prudentópolis	43	41	42	46	44
MRG de Rio Negro	15	17	16	14	20
MRG de São Mateus do Sul	2	2	2	3	3
MRG de Telêmaco Borba	22	13	14	11	10
MRG de Toledo	210	220	215	231	250
MRG de Umuarama	205	237	259	257	293
MRG de União da Vitória	11	12	11	10	11
MRG de Wenceslau Braz	37	47	58	67	74

FONTE: RAIS (2008)

Elaborado pelo autor

No período de 2003 a 2007, o estado do Paraná registrou um avanço considerável nas atividades confeccionistas. Houve no estado vários incentivos à instalação de indústrias confeccionistas, principalmente nos pequenos municípios. Isso ocorreu devido à grande capacidade de geração de empregos que as empresas confeccionistas possuem. Na tabela 11 o desempenho dos empregos de cada região desse setor é destacado.

TABELA 11 - EMPREGOS NA INDÚSTRIA TEXTIL E CONFECCIONISTA NO ESTADO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 2003 A 2007

Continua

LOCALIDADES	2003	2004	2005	2006	2007
Estado do Paraná	59.108	67.426	68.909	72.519	80.681
MRG de Apucarana	5.986	7.148	8.063	9.319	10.161
MRG de Assai	590	614	624	602	603
MRG de Astorga	1.800	2.745	2.829	2.856	3.068

LOCALIDADES	2003	2004	2005	2006	2007
MRG de Campo Mourão	1.418	1.890	1.893	1.894	2.282
MRG de Capanema	1.824	1.989	1.977	2.253	2.480
MRG de Cascavel	1.143	1.299	1.349	1.570	2.047
MRG de Cerro Azul	-	-	-	-	-
MRG de Cianorte	5.053	5.887	6.201	6.694	7.756
MRG de Cornélio Procopio	1.603	1.643	1.478	1.554	1.596
MRG de Curitiba	5.298	5.341	5.074	5.175	6.223
MRG de Faxinal	326	296	425	439	682
MRG de Florai	357	400	620	656	892
MRG de Foz do Iguaçu	651	931	1.007	1.068	1.284
MRG de Francisco Beltrão	2.347	2.999	2.965	3.181	3.445
MRG de Goioerê	507	587	551	477	542
MRG de Guarapuava	478	667	521	422	641
MRG de Ibaiti	163	229	290	325	247
MRG de Irati	25	45	44	66	83
MRG de Ivaiporã	43	89	132	122	119
MRG de Jacarezinho	335	369	337	362	400
MRG de Jaguariaíva	60	66	38	33	64
MRG de Lapa	3	2	3	6	0
MRG de Londrina	7.436	8.063	7.998	7.661	7.937
MRG de Maringá	8.700	9.365	8.814	9.018	9.489
MRG de Palmas	95	108	165	182	199
MRG de Paranaguá	14	27	27	38	13
MRG de Paranavaí	1.317	1.407	1.292	1.254	1.399
MRG de Pato Branco	634	753	676	709	707
MRG de Pitanga	33	3	2	46	30
MRG de Ponta Grossa	1.138	1.186	1.214	1.120	1.184
MRG de Porecatu	517	471	506	581	607
MRG de Prudentópolis	166	174	137	310	450
MRG de Rio Negro	260	333	364	253	298
MRG de São Mateus do Sul	4	6	3	8	3
MRG de Telêmaco Borba	245	113	110	81	78
MRG de Toledo	3.536	3.909	3.604	4.251	4.695
MRG de Umuarama	3.591	4.729	5.711	6.080	6.712
MRG de União da Vitória	104	59	38	37	37
MRG de Wenceslau Braz	1.308	1.484	1.827	1.816	2.228

Fonte: MTERAIS (2008)

Elaborado pelo autor

Para que se possam estabelecer parâmetros com a evolução dos empregos em relação ao total de empregos gerados no período no estado do Paraná, será apresentada a tabela 12.

TABELA 12 - EMPREGO TOTAL DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ

Continua

ESTADO/MICRO-REGIÕES	2003	2004	2005	2006	2007
Estado do Paraná	1.884.380	2.032.770	2.109.348	2.251.290	2.378.931
MRG de Apucarana	53.270	60.148	63.509	67.696	71.516
MRG de Assai	7.078	7.565	7.514	8.052	8.459
MRG de Astorga	24.393	27.091	28.460	32.124	33.644
MRG de Campo Mourão	30.102	32.503	32.727	33.064	35.218
MRG de Capanema	10.123	10.664	11.716	12.320	13.509
MRG de Cascavel	73.207	79.788	84.333	88.377	94.539
MRG de Cerro Azul	2.183	2.135	2.605	2.349	2.586
MRG de Cianorte	27.412	29.383	31.519	34.591	36.560

ESTADO/MICRO-REGIÕES	2003	2004	2005	2006	2007
MRG de Cornélio Procópio	28.332	27.112	28.121	29.640	31.765
MRG de Curitiba	767.117	829.723	859.023	946.029	989.748
MRG de Faxinal	5.070	4.861	5.038	5.350	5.618
MRG de Floraí	3.857	4.019	4.279	4.380	4.794
MRG de Foz do Iguaçu	56.331	60.566	64.672	67.065	70.266
MRG de Francisco Beltrão	29.775	33.959	36.284	38.477	41.381
MRG de Goioerê	12.088	12.783	14.180	14.851	16.097
MRG de Guarapuava	45.590	47.802	48.912	49.110	50.509
MRG de Ibaiti	8.550	9.719	10.159	10.550	11.593
MRG de Irati	11.172	12.061	12.461	12.893	13.249
MRG de Ivaiporã	13.114	13.542	14.241	15.442	15.918
MRG de Jacarezinho	18.412	20.964	20.533	21.771	22.615
MRG de Jaguariaíva	17.026	19.373	19.093	19.593	20.583
MRG de Lapa	7.111	7.546	8.075	8.202	8.836
MRG de Londrina	146.288	155.914	160.331	163.609	173.498
MRG de Maringá	107.566	116.916	121.621	128.231	137.453
MRG de Palmas	13.818	14.409	15.213	14.003	14.258
MRG de Paranaguá	40.280	41.489	40.860	42.956	46.961
MRG de Paranavaí	35.952	39.463	40.392	43.700	47.540
MRG de Pato Branco	22.543	23.854	25.304	26.869	28.314
MRG de Pitanga	5.496	5.466	5.926	6.124	6.262
MRG de Ponta Grossa	74.104	80.948	82.660	85.292	91.066
MRG de Porecatu	11.725	14.039	12.490	12.793	13.707
MRG de Prudentópolis	11.690	11.890	12.267	12.599	13.263
MRG de Rio Negro	10.689	12.022	12.182	12.034	12.567
MRG de São Mateus do Sul	5.907	6.125	6.600	7.161	7.409
MRG de Telêmaco Borba	22.216	24.797	25.350	25.933	28.374
MRG de Toledo	62.575	64.214	69.910	73.774	79.309
MRG de Umuarama	35.264	39.104	41.111	43.892	47.298
MRG de União da Vitória	16.817	17.649	17.461	17.665	18.653
MRG de Wenceslau Braz	10.137	11.164	12.216	12.729	13.999

FONTE: RAIS (2008)

Elaborado pelo autor

A tabela 13 nos mostra os índices de desemprego nas microrregiões do estado do Paraná de acordo com dados do IBGE.

TABELA 13 - TAXA DE DESEMPREGO NAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ – 2000

MICRORREGIÕES DO PARANÁ	PEA ¹	PO ²	DESOCUPADOS ³	Continua
				TAXA DE DESEMPREGO ⁴
MRG de Apucarana	128.245	113.299	14.946	11,65
MRG de Assai	33.690	29.333	4.357	12,93
MRG de Astorga	86.079	76.348	9.731	11,30
MRG de Campo Mourão	99.336	85.758	13.578	13,67
MRG de Capanema	51.895	48.657	3.238	6,24
MRG de Cascavel	192.348	167.218	25.130	13,06
MRG de Cerro Azul	12.849	11.731	1.118	8,70
MRG de Cianorte	64.555	58.528	6.027	9,34
MRG de Cornélio Procópio	88.480	77.374	11.106	12,55
MRG de Curitiba	1.337.713	1.138.523	199.190	14,89
MRG de Faxinal	22.604	20.347	2.257	9,98

MICRORREGIÕES DO PARANÁ	PEA¹	PO²	DESOCUPADOS³	TAXA DE DESEMPREGO⁴
MRG de Floraí	16.957	15.109	1.848	10,90
MRG de Foz do Iguaçu	198.988	168.302	30.686	15,42
MRG de Francisco Beltrão	115.335	105.455	9.880	8,57
MRG de Goioerê	58.539	50.417	8.122	13,87
MRG de Guarapuava	165.116	143.886	21.230	12,86
MRG de Ibaiti	33.454	29.914	3.540	10,58
MRG de Irati	44.777	40.411	4.366	9,75
MRG de Ivaiporã	67.148	60.643	6.505	9,69
MRG de Jacarezinho	56.676	49.506	7.170	12,65
MRG de Jaguariaíva	38.625	33.629	4.996	12,93
MRG de Lapa	21.732	18.835	2.897	13,33
MRG de Londrina	328.145	284.303	43.842	13,36
MRG de Maringá	233.336	203.133	30.203	12,94
MRG de Palmas	33.883	29.844	4.039	11,92
MRG de Paranaguá	100.627	85.863	14.764	14,67
MRG de Paranavaí	123.334	109.203	14.131	11,46
MRG de Pato Branco	75.853	68.527	7.326	9,66
MRG de Pitanga	38.757	36.636	2.121	5,47
MRG de Ponta Grossa	166.325	141.617	24.708	14,86
MRG de Porecatu	40.353	35.287	5.066	12,55
MRG de Prudentópolis	55.510	51.136	4.374	7,88
MRG de Rio Negro	35.917	32.019	3.898	10,85
MRG de São Mateus do Sul	26.616	24.225	2.391	8,98
MRG de Telêmaco Borba	59.996	52.413	7.583	12,64
MRG de Toledo	176.220	159.197	17.023	9,66
MRG de Umuarama	126.869	113.372	13.497	10,64
MRG de União da Vitória	49.763	45.084	4.679	9,40
MRG de Wenceslau Braz	45.185	40.681	4.504	9,97

PEA - População Economicamente Ativa (10 anos e mais) - Total

PO - População Ocupada - Total

Desocupados = PEA - PO

Relação de Desocupados sobre PEA

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Amostra Trabalho e Rendimento

Como se pode observar na tabela 12, na microrregião de Cianorte, considerando todos os setores da economia, houve a geração de 9.148 novos postos de trabalho no período de 2003 a 2007, ou seja, uma elevação de 33,37% dos empregos da microrregião. No mesmo período, a indústria têxtil e confeccionista da microrregião de Cianorte gerou 2.703 postos de trabalhos, ou seja, 29,74% do total de empregos gerados pelos diversos setores econômicos, confirmando a importância desse setor para a economia local.

A tabela 13 nos fornece dados sobre a taxa de desemprego nas microrregiões do Paraná e indica que a taxa de desemprego na microrregião de Cianorte no ano 2000, de acordo com o IBGE, foi uma das mais baixas do estado do Paraná, com o índice de 9,34%, sendo superada apenas pela microrregião de Pitanga com 5,47%; a microrregião de Capanema com 6,24%; Prudentópolis com

7,88% e Francisco Beltrão com 8,57%. Em relação às demais microrregiões do estado do Paraná, a microrregião de Cianorte apresentou taxas de desempregos inferiores, indicando que a indústria confeccionista teve um relevante papel na economia local, como citamos anteriormente.

4.5 MERCADO CONSUMIDOR DOS PRODUTOS FABRICADOS EM CIANORTE

Por meio de entrevistas com dirigentes sindicais, empresários do setor e dados obtidos na pesquisa de Campo (2009), os principais mercados consumidores dos produtos confeccionados em Cianorte estão localizados nos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. A pesquisa de campo assinalou que 28,57% dos clientes do Polo de Cianorte são do estado do Paraná; 21,42% de São Paulo, 16,66% do Mato Grosso do Sul; 10,71% de Santa Catarina; 5,95% do Mato Grosso; 4,79% de Minas Gerais; 4,76% do Rio de Janeiro; 2,38% de Goiás; 2,38% de Roraima e 1,19% da ; Bahia. Apenas 1,19% das empresas alegaram vender para todos os estados brasileiros.

O Polo de Cianorte desenvolveu um sistema de vendas peculiar, por meio da Associação de Shoppings Atacadistas de Moda de Cianorte (ASAMODA). Em Cianorte há mais de 400 lojas das fábricas, distribuídas nos cinco shoppings atacadistas de confecções , que recebem, em média, 30 excursões de lojistas e sacoleiros diariamente. Esses clientes são oriundos de vários estados da Federação e do próprio Paraná.

Os empresários realizam também suas vendas por meio de representantes comerciais e vendedores. A pesquisa de campo apontou que 34,61% dos empresários tem como principal canal de comercialização escritórios de representação comercial e que 28,85% comercializam seus produtos diretamente com atacadistas e 23,08% com grandes varejistas. De acordo com a pesquisa de campo, 82,93% das empresas realizam pesquisa de mercado antes de lançarem novos produtos no mercado.

No mercado interno, o público alvo das empresas de Cianorte é a Classe B, embora muitas empresas trabalhem focadas nos públicos da Classe A e C. Na pesquisa de campo, 40,54% das empresas responderam que focam o público da Classe B; 25,68% da Classe C e 22,97% da Classe A.

No mercado externo, a grande maioria das empresas, 57,15% responderam que atendem ao público da Classe B e 28,57% ao público da Classe A.

4.6 PERFIL DA MÃO-DE-OBRA PARA AS EMPRESAS CONFECCIONISTAS

Há uma predominância da mão-de-obra feminina nas indústrias de confecções, principalmente no setor de produção, em especial nas operações de máquinas industriais, embora, para a operação de algumas máquinas específicas, como por exemplo, o traveti, caseadeira e fechadeira, as empresa demonstrem preferência para a mão-de-obra masculina.

Nas confecções da região, a faixa etária dos trabalhadores na linha de produção é de 30 anos em média. Percebe-se que os jovens mostram preferência por outros tipos de trabalho nas indústrias confeccionistas, principalmente nos setores administrativos, modelagem e em atividades complementares.

Segundo dados do IPARDES (2004), 89,27% dos trabalhadores estão trabalhando na atividade da costura, demonstrando que essa atividade é a que mais gera postos de trabalhos no Polo. As atividades de corte empregam 4% dos trabalhadores. As atividades de criação e desenho, embora de importância fundamental para o bom desempenho das vendas das empresas, empregam apenas 1% da mão-de-obra do setor. As atividades complementares geram 5,73% das contratações do setor no Polo de Cianorte.

O trabalho da costureira é mecânico e repetitivo, sendo que nos sistemas de células de produção cada trabalhador se especializa no uso de uma determinada máquina.

Uma grande parcela dos trabalhadores da indústria confeccionista, em, especial os da linha de produção, possuem baixa escolaridade. A pesquisa de campo demonstrou que 58,66% não concluíram o ensino médio.

Embora o índice ainda seja muito elevado, o perfil da mão-de-obra melhorou sob o aspecto educacional nos últimos anos. A exigência de um maior grau de escolarização aparece para as novas ocupações, principalmente às relacionadas ao uso softwares, nas atividades de desenho e corte e no processo de criação e modelagem. Para essas funções exigem-se trabalhadores com maior qualificação.

Em visitas nas fábricas e em entrevistas com trabalhadores do setor, observou-se que o estilo gerencial predominante nas empresas é o autocrático. Os

gerentes de produção na maioria das vezes são enérgicos, controladores e até mesmo ríspido com seus funcionários, utilizando-se de métodos de controle do tempo médio utilizado na produção.

Dados do IPARDES (2004) indicam que em relação ao vínculo empregatício, 94% dos empregados possuem carteira de trabalho assinada; 5% são trabalhadores informais, sem registro na carteira de trabalho; e 1% são trabalhadores temporários. A celebração de contratos de estágios não é uma prática utilizada nas empresas do Polo.

4.7 POLÍTICAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EXISTENTES NO POLO DE CONFECÇÕES DE CIANORTE

O problema da escassez de mão-de-obra é algo antigo no Polo do vestuário de Cianorte. “A escassez de mão-de-obra qualificada impactou na estrutura de custos das empresas do ramo de confecções de Cianorte, promovendo o aumento dos preços dos produtos e a perda da competitividade no mercado”. (Baptista, 2005, p. 93)

Desde a instalação das primeiras indústrias confeccionistas, no final da década de 1970, para conseguir qualificar a mão-de-obra, os empresários realizavam treinamentos em seus próprios ambientes de trabalho. Porém, esse tipo de qualificação não conseguia adequar a mão-de-obra para o processo produtivo, principalmente nos trabalhos de operação de máquinas industriais.

Segundo Baptista (2005, p. 92), desde a década de 1980 o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI -, oferta cursos na área da costura industrial em Cianorte, porém, tais cursos não estavam atendendo às exigências do mercado confeccionista. Os empresários alegavam que ao saírem dos cursos, os alunos ainda não tinham a habilidade suficiente para trabalhar numa linha de produção, principalmente nas grandes empresas, que utilizavam linhas de produção na forma de células produtivas. Nesse sistema, cada trabalhador é responsável por uma etapa específica do processo, ou seja, há uma dependência entre os processos realizados. Dessa forma, o ingresso de um trabalhador sem experiência na linha acabava prejudicando o desempenho do grupo.

Para tentar resolver esse problema, no ano de 2001 o SINVEST, ASAMODA e SENAI, com apoio do poder público municipal criaram um programa de

treinamento denominado de Escola Fábrica. Esse programa modificava a metodologia dos cursos e acrescentava uma etapa prática, na qual os alunos realizavam trabalhos nas mesmas condições que nas empresas, sendo que os empresários forneciam os insumos necessários.

Na pesquisa de campo, perguntamos aos entrevistados se os cursos do SENAI e a Escola Fábrica estavam atendendo às exigências das empresas. Para 55,26% dos empresários, os cursos estão correspondendo às expectativas. Para 44,74% dos empresários, tais cursos ainda não conseguem preparar a mão-de-obra de forma adequada para os trabalhos necessários da costura. Percebe-se, portanto, certa resistência do empresariado local de investir na qualificação profissional de seus trabalhadores. Não há dúvidas que o poder público deva investir na qualificação da mão-de-obra, porém, cabe a empresa parte dessa formação. Raramente um trabalhador estará totalmente preparado sem um contato direto com a linha de produção da fábrica em que irá trabalhar, e isso só será possível após algum tempo da sua contratação efetiva. Em outras palavras, é o custo que a empresa terá para constituir uma equipe altamente produtiva.

A partir de 2003, a Federação das Indústrias do estado do Paraná (FIEP) representada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), iniciou trabalhos no Polo buscando promover a interação das empresas com as instituições de ensino e pesquisa, tendo como objetivo aprimorar a competitividade do setor por meio da qualificação do capital humano.

No Polo há também outras entidades que executam ou incentivam as ações de qualificação profissional, tais como:

- Serviço brasileiro de apoio à pequena empresa (SEBRAE); que oferece cursos na área de gestão, marketing, e demais treinamentos relacionados à constituição e gestão empresarial.

- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI): oferece cursos técnicos na área de produção do setor de confecções. Esses cursos têm uma duração entre 6 à 18 meses, principalmente os da área de modelagem e de operador de máquinas industriais de costura. Atualmente, o SENAI oferta os seguintes cursos: Planejamento de Risco e Corte; Modelagem Avançada; Desenho e Estilo; Técnico em Confecção Industrial; Técnico em Eletromecânica; Técnico em Segurança no Trabalho; Operador de Costura.

- Sindicato do vestuário (SINVEST): incentiva e auxilia na divulgação de cursos de qualificação profissional, principalmente os oferecidos pelo SENAI e SEBRAE;

- Prefeitura Municipal de Cianorte: Oferece cursos básicos de costura industrial e auxilia financeiramente os projetos de qualificação.

- Universidade Estadual de Maringá (UEM): dentre outros cursos, a UEM oferece desde 2002, o curso de graduação em Moda em nível de bacharelado, com duração de 4 anos.

- Universidade Paranaense (UNIPAR): Além de oferecer outros cursos, mantém desde 2001, o curso de tecnologia em moda e estilo, com duração de 3 anos.

Infelizmente, de acordo com relatos dos empresários do Polo, há pouca interação entre as empresas e as instituições de ensino superior de Cianorte.

No Polo, existem também algumas entidades representativas que são de grande importância para o funcionamento das atividades das empresas, tais como:

- Sindicato da Indústria do Vestuário de Cianorte (SIVC): celebra acordos coletivos com o sindicato dos trabalhadores do setor.

- Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Confecções de Cianorte (STICC): lidera as iniciativas de reposição salarial, e ações que visem à defesa dos direitos dos trabalhadores da categoria.

- Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, Serviços e Turismo de Cianorte: oferece incentivos para instalação de empresas no município de Cianorte.

- Prefeitura de Cianorte: Apóia a incubadora industrial de Cianorte e oferece o programa Estação de Ofício, que realiza cursos profissionalizantes em convênio com empresas locais, entre eles o de costura, com seis meses de cursos e três meses de estágios em empresas. Participa também da Comissão da EXPOVEST, contribuindo financeiramente para a divulgação da feira.

- Associação das Indústrias de Confecções e Vestuário de Cianorte.

De acordo como IPARDES (2004), no ano de 2004 a grande maioria, 63% dos trabalhadores entrevistados, recebia treinamento na própria empresa, 2% eram treinados pelo SENAI, 8% eram treinados pela prefeitura ou outras entidades e 27% não declaram como treinavam sua mão-de-obra.

Buscou-se informações junto ao SENAI de Cianorte para saber o percentual de alunos dos Cursos de Costura Industrial que conseguem trabalho após a realização dos mesmos, porém, a atual diretoria informou que não possui esse dado em seus controles, portanto, não sabendo informar com precisão o número de alunos que são empregados em razão da realização dos treinamentos.

Os dados do IPARDES (2004) indicam que a maioria das empresas ao contratarem acaba contratando pessoas que trabalhavam em outras empresas de confecção. Outra fonte de mão-de-obra provém dos trabalhadores que realizavam atividades em seus domicílios, normalmente como faccionistas.

Em síntese, a grande maioria dos trabalhadores é treinada na própria linha de produção da fábrica.

4.8 NÍVEIS SALARIAIS DOS TRABALHADORES DO RAMO DE CONFECÇÕES

Na seqüência serão apresentadas as médias salariais do período de 2003 a 2007 para as atividades em estudo, segundo as regiões em que as atividades confeccionistas destacam-se no estado do Paraná. Serão consideradas em cada região as 10 principais ocupações desse segmento industrial. Os dados das tabelas foram obtidos junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio das informações do CAGED. O autor desse trabalho selecionou as variáveis necessárias para a elaboração das tabelas. As tabelas apresentarão os valores nominais e os valores deflacionados de cada ano. Utilizou-se para realizar a correção dos valores os índices de inflação dos respectivos anos medidos pelo INPC, a valores constantes a preços de 2007. As tabelas das microrregiões estudadas no Paraná, com as médias salariais dos trabalhadores da indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos, no período de 2003 a 2007, considerando os salários nominais e os salários constantes a preços de 2007, são apresentadas no anexo III e indicam os principais postos de trabalho nos seis Polos confeccionistas do estado do Paraná. O Polo de Imbituva pertence à microrregião Prudentópolis e o Polo do Sudoeste do Paraná é composto por municípios de 4 microrregiões: Palmas, Capanema, Pato Branco e Francisco Beltrão.

Na tabela 14, será apresentada a média salarial com valores constantes deflacionados a preços de 2007 das principais funções da indústria têxtil no período

de 2003 à 2007, considerando os seis principais Polos de confecções do Paraná, tendo como base para elaboração os dados do anexo III.

TABELA 14 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ

CBO	CIANORTE	MARINGÁ	LONDRINA	PATO BRANCO	CAPANE-MA	FRANCISCO BELTRÃO	PAL-MAS	TOLEDO	PRUDEN-TÓPOLIS
763210	408,80	403,11	374,10	381,36	339,48	363,76	350,09	377,55	394,09
763215	433,33	444,48	383,36	384,61	366,44	369,31	-	369,10	-
763305	343,18	337,54	359,05	-	-	-	-	-	-
760125	369,50	-	-	352,64	368,49	368,35	-	353,02	-
516415	352,05	363,73	369,11	383,85	338,77	349,94	-	340,60	-
763320	351,23	348,41	383,96	369,89	343,51	332,65	-	328,66	385,41
763110	525,54	479,90	460,42	397,26	336,80	393,15	-	411,18	-
760310	593,51	652,44	696,57	-	-	-	677,36	574,35	-
763105	408,90	353,57	368,59	378,14	-	348,75	-	331,13	-
784205	364,52	365,41	383,72	-	350,21	-	-	374,11	387,36

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

Para que seja possível realizar uma análise mais detalhada sobre a situação salarial dos trabalhadores na área da confecção, além das regiões do estado do Paraná, traremos na sequência dados sobre os salários dos principais Polos confeccionistas do sul e sudeste do país. Tais dados referem-se à remuneração média dos trabalhadores nas indústrias de confecção no período de 2003 a 2007. No anexo IV constam as tabelas que se referem a importantes regiões produtoras de artigos do vestuário da região sul do país, especificamente aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No estado do Rio Grande do Sul, o Polo confeccionista engloba as cidades da Serra Gaúcha, como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado, Farroupilha e Nova Petrópolis.

A região sudeste do Brasil é a maior região na fabricação de artigos do vestuário. Segundo dados do Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira, essa região detém 47,2% da produção nacional. No anexo V constam as tabelas com dados das microrregiões que são destaque na produção de confeccionados, tanto no estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Geras e Espírito Santo.

De acordo com União dos Representantes Têxteis do Espírito Santo - URTEX os principais Polos confeccionistas estão localizados na microrregião de

Vitória, Colatina e São Gabriel da Palha. Atualmente o setor emprega 30 mil funcionários diretos e tem uma produção de 1,2 milhão de peças em jeans por mês.

Para que seja possível realizar comparações entre os salários praticados nas regiões em estudo, apresentaremos nas tabelas 15 e 16 as diferenças salariais existentes em cada microrregião em relação a microrregião de Cianorte, razão pela qual a microrregião de Cianorte aparece entre as regiões estudadas no sudeste do Brasil.

TABELA 15 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE

CBO	CIANORTE	JOINVILE	BLUMENAU	ITAJAÍ	PORTO ALEGRE	GRAMADO	CAXIAS DO SUL
763210 Costureiro na confecção em série	408,80	510,94	471,56	430,53	450,08	453,70	455,72
763215 Costureiro, a máquina na confecção em série	433,33	529,49	476,49	439,55	453,82	507,32	463,16
763305 Arrematadeira	343,18	-	-	481,08	-	-	435,40
760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção)	369,50	825,00	704,26	713,90	758,65	-	609,37
516415 Passador de roupas, a mão	352,05	-	456,61	379,49	-	428,63	451,79
763320 Operador de máquina de costura de acabamento	351,23	469,42	463,75	396,92	447,39	416,90	407,04
763110 Cortador de Roupas	525,54	560,09	540,09	471,03	505,89	498,74	566,98
760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário	593,51	887,28	773,35	642,72	-	-	714,58
763105 Auxiliar de corte (preparação da conf. de roupas)	408,90	480,97	454,10	388,66	432,36	420,55	404,95
784205 Alimentador de linha de produção.	364,52	485,53	456,27	474,77	436,99	453,47	423,77

FONTE MTE/CAGED (2008)
Elaborado pelo autor

TABELA 16 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS DEFLACIONADOS A VALORES DE 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DA REGIÃO SUDESTE, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE

CBO	CIANORTE	JUIZ DE FORA	DIVINÓPOLIS	MURIAÉ	SÃO PAULO	SORO-CABA	CAMPINAS	NOVA FRIBURGO	ITAPERUNA	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA)	COLATINA	NOVA VENECIA
763210 Costureiro na confecção em série	408,80	365,51	425,66	358,57	586,70	470,90	508,29	406,28	401,83	461,47	408,19	367,37	347,01
763215 Costureiro, a máquina na confecção em série	433,33	375,25	458,16	357,53	623,86	550,93	487,55	416,45	402,32	438,98	402,78	400,73	373,88
763305 Arremateadeira	343,18	357,59	352,94	329,61	555,55	445,06	431,12	355,56	362,91	411,90	357,31	354,02	382,98
760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção	369,50	388,85	1.035,33	-	682,61	584,94	951,19	682,87	-	511,00	379,77	368,91	335,16
516415 Passador de roupas, a mão	352,05	-	355,84	--	636,59	540,81	601,00	-	-	467,51	361,02	403,60	360,74
763320 Operador de máquina de costura de acabamento	351,23	342,81	360,68	389,37	514,38	533,82	478,41	355,15	-	399,11	351,74	342,19	-
763110 Cortador de Roupas	525,54	387,46	458,67	401,29	776,89	646,84	602,51	431,95	405,63	574,51	493,91	417,64	347,46
760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário	593,51	-	464,25	-	991,17	925,67	764,74	493,38	-	758,08	-	506,34	-
763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas	408,90	345,92	361,39	339,19	519,93	451,87	462,89	360,78	363,24	395,68	366,47	350,19	350,20
784205 Alimentador de linha de produção.	364,52	445,44	338,24	363,92	516,02	495,11	526,03	401,71	-	380,58	376,29	324,95	-

FONTE: MTE/CAGED (2008)

Elaborado pelo autor

TABELA 17 – SALÁRIOS MÉDIOS NO PARANÁ NAS PROFISSÕES QUE MAIS ADMITIRAM, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES A PREÇOS DE 2007

CBO	2003		2004		2005		2006		2007		MÉDIA	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
521110 Vendedor de comércio varejista	343,95	414,59	378,32	429,68	414,66	448,31	453,86	477,28	490,06	490,06	416,17	451,98
411005 Auxiliar de Escritório, em geral	378,99	456,82	410,52	466,25	461,41	498,85	494,21	519,71	534,39	534,39	455,90	495,20
717020 Servente de obras	370,45	446,53	404,88	459,84	434,94	470,24	470,89	495,19	505,47	505,47	437,33	475,45
622110 Trabalhador da cultura de cana de açúcar	293,62	353,92	318,63	361,88	319,32	345,23	382,97	402,73	539,17	539,17	370,74	400,59
514210 Faxineiro	286,92	345,84	314,81	357,54	347,07	375,23	386,23	406,16	411,37	411,37	349,28	379,23
421125 Operador de caixa	328,22	395,63	357,5	406,03	388,71	420,25	423,31	445,15	456,41	456,41	390,83	424,69
715210 Pedreiro	515,27	621,09	576,31	654,54	618,86	669,08	666,15	700,52	708,82	708,82	617,08	670,81
411010 Assistente administrativo	564,58	680,53	614,91	698,38	692,8	749,02	711,66	748,38	771,95	771,95	671,18	729,65
513205 Cozinheiro geral	320,29	386,07	353,86	401,90	392,57	424,43	421,85	443,62	448,31	448,31	387,38	420,86
513435 Atendente de lanchonete	298,37	359,65	337,68	383,52	362,33	391,73	387,56	407,56	418,82	418,82	360,95	392,26
422105 Recepcionista, em geral	332,83	401,18	371,19	421,58	413,14	446,67	438,72	461,36	475,32	475,32	406,24	441,22
521115 Promotor de vendas	400,46	482,70	413,39	469,51	503,37	544,22	598,45	629,33	582,61	582,61	499,66	541,67
513405 Garçom	330,76	398,69	359,68	408,51	395,11	427,17	423,99	445,87	465,16	465,16	394,94	429,08
517410 Porteiro de edifícios	382,62	461,20	429,72	488,05	469,37	507,46	498,25	523,96	519,88	519,88	459,97	500,11
521105 Vendedor em comércio atacadista	399,92	482,05	469,98	533,78	491,78	531,69	571,72	601,22	581,72	581,72	503,02	546,09
848305 Padeiro	377,78	455,36	408,72	464,20	447,14	483,43	480,74	505,55	512,8	512,80	445,44	484,27
512105 Empregado doméstico nos serviços gerais	290,09	349,67	319,52	362,89	353,55	382,24	402,38	423,14	439,68	439,68	361,04	391,52
421310 Cobrador interno	519,16	625,78	479,11	544,15	515,83	557,69	486,54	511,65	525,06	525,06	505,14	552,86

513315 Camareiro de hotel	304,41	366,93	354,9	403,08	384,34	415,53	412,88	434,18	445,07	445,07	380,32	412,96
411030	423,84	510,88	403,19	457,92	494,34	534,46	541,38	569,32	560,8	560,80	484,71	526,68
Auxiliar de pessoal												
422205	347,44	418,79	406,06	461,18	407,42	440,48	461,14	484,93	501,11	501,11	424,63	461,30
Telefonista												
848310	368,68	444,40	413,72	469,88	439,78	475,47	495,06	520,61	523,09	523,09	448,07	486,69
Confeiteiro												
414215	420,18	506,47	462,92	525,76	485,92	525,35	536,55	564,24	598,18	598,18	500,75	544,00
Conferente de carga e descarga												
421305	318,43	383,83	357,89	406,47	411,21	444,58	455,82	479,34	486,98	486,98	406,07	440,24
Cobrador externo												
519205	372,91	449,49	378,76	430,18	408,77	441,94	460,23	483,98	483,51	483,51	420,84	457,82
Catador de material reciclável												

Fonte: MTE/CAGED (2008)

Elaborado pelo autor

V.N = Valor Nominal

V.C = Valor Constante

4.9 VALOR ADICIONADO GERADO PELAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES NAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS NO PARANÁ.

Segundo informações obtidas na Secretaria de Estado e da Fazenda (SEFA), no Paraná o valor adicionado é obtido através da Declaração Fisco-Contábil – DFC. Essa declaração é um demonstrativo anual de informações, das operações de entradas e saídas de mercadorias e serviços abrangidos pelo ICMS, fornecidas pelos contribuintes inscritos no cadastro do ICMS, dos setores da indústria, comércio e prestadores de serviços de transporte e de comunicação, à Secretaria da Fazenda. Para a elaboração da tabela 18, o autor deste trabalho, solicitou auxílio à SEFA, por meio da Sra. Paula Maria Bandeira Costamilan, chefe da divisão de assuntos municipais e coordenadora de assuntos econômicos da Secretaria, que elaborou uma planilha contendo informações do valor adicionado relativo ao período de 2003 a 2007, agrupado pelo Código Nacional de Atividade Econômica – CNAE 2.0, com exceção do ano base de 2003, que foi identificado pelo Código Nacional de Atividade Econômica Fiscal – CNAE-F 1.1, identificando, em ordem alfabética, os Municípios que possuem em seu território estabelecimentos inscritos no cadastro do ICMS do Paraná no ramo de atividade econômica de Indústria de Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios. No anexo VI constam as tabelas contendo o total do Valor Adicionado nominal das microrregiões estudadas no Paraná para o respectivo período. Apresentaremos na sequência o valor adicionado gerado pelas indústrias confeccionistas nas 9 microrregiões estudadas. No anexo VII estão as tabelas que apresentam o valor adicionado de todos os município do Paraná, em valores nominais. A tabela 18 apresenta o total do Valor Adicionado de cada microrregião com valores nominais e os valores constantes a preços de 2007. Os valores foram deflacionados por meio do uso do deflator implícito do PIB: variação anual, medido pelo IBGE, obtidos junto ao IPEADATA, tendo os seguintes índices: para o ano de 2003 o índice foi de 13,73%; 2004 de 8,04%; 2005 de 7,21%; 2006 de 6,15% e 2007 de 3,73%. (www.ipeadata.gov.br). A média de crescimento de cada microrregião foi obtida por meio de média geométrica.

TABELA 18 - VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS NO PARANÁ, COM VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES A PREÇOS DE 2007

MICRORREGIÕES	ANO	VALOR NOMINAL	VALOR CONSTANTE	EVOLUÇÃO EM %	MÉDIA DE CRESCIMENTO (geométrica)
Cianorte	2003	996.976.254,00	1.271.537.176,40	-	3,12%
	2004	1.203.440.198,00	1.420.640.483,20	11,73	
	2005	1.164.388.233,00	1.282.100.838,81	-9,75	
	2006	1.277.324.122,00	1.324.968.311,75	3,34	
	2007	1.437.829.020,00	1.437.829.020,00	8,52	
Maringá	2003	2.525.106.587,00	3.220.504.888,52	-	4,75%
	2004	3.268.238.341,00	3.858.099.225,62	19,80	
	2005	3.303.424.302,00	3.637.380.513,22	-5,72	
	2006	3.756.057.345,00	3.896.158.283,97	7,11	
	2007	3.878.082.067,00	3.878.082.067,00	-0,46	
Londrina	2003	4.401.958.467,00	5.614.229.844,81	-	2,18%
	2004	5.202.415.543,00	6.141.362.190,76	9,39	
	2005	5.218.428.053,00	5.745.979.557,67	-6,44	
	2006	5.452.774.689,00	5.656.163.184,90	-1,56	
	2007	6.118.914.456,00	6.118.914.456,00	8,18	
Toledo	2003	3.584.570.947,00	4.571.738.998,07	-	1,68%
	2004	3.627.858.049,00	4.282.624.114,01	-6,32	
	2005	3.729.174.143,00	4.106.171.087,35	-4,12	
	2006	3.742.068.649,00	3.881.647.809,61	-5,47	
	2007	4.886.228.464,00	4.886.228.464,00	25,88	
Francisco Beltrão	2003	1.507.628.976,00	1.922.820.411,73	-	2,78%
	2004	1.712.449.404,00	2.021.517.108,04	5,13	
	2005	1.794.948.048,00	1.976.406.436,22	-2,23	
	2006	1.833.907.124,00	1.902.311.859,73	-3,75	
	2007	2.145.435.415,00	2.145.435.415,00	12,78	
Pato Branco	2003	1.443.651.366,00	1.841.223.774,66	-	2,23%
	2004	1.578.385.417,00	1.863.256.874,10	1,20	
	2005	1.592.988.395,00	1.754.029.884,15	-5,86	
	2006	1.596.598.729,00	1.656.151.861,59	-5,58	
	2007	2.010.777.197,00	2.010.777.197,00	21,41	
Capanema	2003	498.068.789,00	635.233.767,18	-	0,95%
	2004	561.445.985,00	662.777.341,78	4,34	
	2005	526.938.394,00	580.208.677,66	-12,46	
	2006	487.798.409,00	505.993.289,66	-12,79	
	2007	659.709.068,00	659.709.068,00	30,38	
Palmas	2003	810.428.498	1.033.615.354,32	-	1,60%
	2004	1.058.323.083,00	1.249.332.221,51	20,87	
	2005	929.114.985,00	1.023.042.888,84	-18,11	
	2006	946.870.430,00	982.188.697,04	-3,99	
	2007	1.101.182.697,00	1.101.182.697,00	12,12	
Prudentópolis	2003	556.101.946,00	709.248.886,69	-	0,28%
	2004	699.277.584,00	825.485.176,98	16,39	
	2005	618.973.954,00	681.548.475,96	-17,44	
	2006	638.076.482,00	661.876.734,78	-2,89	
	2007	717.149.715,00	717.149.715,00	8,35	

FONTE: SEFA (2009)
Elaborado pelo autor

4.10. PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS POLOS CONFECCIONISTA DO ESTADO DO PARANÁ

Para elaboração da tabela 19, que trata da produtividade dos Polos Confeccionistas do Paraná, foram utilizados os seguintes critérios: dividiu-se o Valor Adicionado do setor confeccionista de cada região pelo total de horas trabalhadas. Utilizou-se para tanto os dados disponíveis na tabela 11 (empregos) e na tabela 18 (valor adicionado). Para se chegar ao total de horas trabalhadas em cada região considerou-se para todas as regiões uma jornada mensal de trabalho de 240 horas. Utilizou-se do total de trabalhadores de cada microrregião em seu respectivo ano de análise, multiplicou-se pelo número de horas trabalhadas por mês e em seguida multiplicou-se pelo total de 12 meses, obtendo assim a produtividade de cada trabalhador por hora trabalhada em cada região.

TABELA 19 – PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ

						Continua
MICRORREGIÕES	ANO	VALOR CONSTANTE	HORAS	VALOR HORA	VARIACÃO PRODUTI- DADE	MÉDIA
CIANORTE	2003	1.271.537.176,40	14.552.640	87,38	-	-7,35%
	2004	1.420.640.483,20	16.954.560	83,79	-4,10%	
	2005	1.282.100.838,81	17.858.880	71,79	-14,32%	
	2006	1.324.968.311,75	19.278.720	68,73	-4,27%	
	2007	1.437.829.020,00	22.337.280	64,37	-6,34%	
MARINGÁ	2003	3.220.504.888,52	25.056.000	128,53	-	2,51%
	2004	3.858.099.225,62	26.971.200	143,05	11,29%	
	2005	3.637.380.513,22	25.384.320	143,29	0,17%	
	2006	3.896.158.283,97	25.971.840	150,01	4,69%	
	2007	3.878.082.067,00	27.328.320	141,91	-5,40%	
LONDRINA	2003	5.614.229.844,81	21.415.680	262,16	-	0,52%
	2004	6.141.362.190,76	23.221.440	264,47	0,88%	
	2005	5.745.979.557,67	23.034.240	249,45	-5,68%	
	2006	5.656.163.184,90	22.063.680	256,36	2,77%	
	2007	6.118.914.456,00	22.858.560	267,69	4,42%	
TOLEDO	2003	4.571.738.998,07	10.183.680	448,93	-	-5,28%
	2004	4.282.624.114,01	11.257.920	380,41	-15,26%	
	2005	4.106.171.087,35	10.379.520	395,60	3,99%	
	2006	3.881.647.809,61	12.242.880	317,05	-19,86%	
	2007	4.886.228.464,00	13.521.600	361,36	13,98%	
FRANCISCO BELTRÃO	2003	1.922.820.411,73	6.759.360	284,47	-	
	2004	2.021.517.108,04	8.637.120	234,05	-17,72%	
	2005	1.976.406.436,22	8.539.200	231,45	-1,11%	

MICRORREGIÕES	ANO	VALOR CONSTANTE	HORAS	VALOR HORA	VARIACÃO PRODUTI- IDADE	MÉDIA
	2006	1.902.311.859,73	9.161.280	207,65	-10,28%	
	2007	2.145.435.415,00	9.921.600	216,24	4,14%	
						-6,63%
PATO BRANCO	2003	1.841.223.774,66	1.825.920	1.008,38	-	
	2004	1.863.256.874,10	2.168.640	859,18	-14,80%	
	2005	1.754.029.884,15	1.946.880	900,94	4,86%	
	2006	1.656.151.861,59	2.041.920	811,08	-9,97%	
	2007	2.010.777.197,00	2.036.160	987,53	21,76%	
						-0,52%
CAPANEMA	2003	635.233.767,18	5.253.120	120,93	-	
	2004	662.777.341,78	5.728.320	115,70	-4,32%	
	2005	580.208.677,66	5.693.760	101,90	-11,93%	
	2006	505.993.289,66	6.488.640	77,98	-23,47%	
	2007	659.709.068,00	7.142.400	92,37	18,45%	
						-6,51%
PALMAS	2003	1.033.615.354,32	273.600	3.777,83	-	
	2004	1.249.332.221,51	311.040	4.016,63	6,32%	
	2005	1.023.042.888,84	475.200	2.152,87	-46,40%	
	2006	982.188.697,04	524.160	1.873,83	-12,96%	
	2007	1.101.182.697,00	573.120	1.921,38	2,54%	
						-15,55%
PRUDENTÓPOLIS	2003	709.248.886,69	478.080	1.483,54	-	
	2004	825.485.176,98	501.120	1.647,28	11,04%	
	2005	681.548.475,96	394.560	1.727,36	4,86%	
	2006	661.876.734,78	892.800	741,35	-57,08%	
	2007	717.149.715,00	1.296.000	553,36	-25,36%	
						21,85%

Fonte: SEFA (2009)

Elaborado pelo autor

5 RESULTADOS

O presente capítulo apresentará os principais resultados da pesquisa. Primeiramente será focado o desempenho do Polo de confecções de Cianorte, analisando a evolução do número de indústrias e de empregos gerados no período em estudo, bem como a evolução do valor adicionado do setor. Na sequência será analisado o nível salarial das 27 microrregiões estudadas. Serão também analisadas as principais regiões concorrentes e o desempenho da produtividade do Polo no período de 2003 a 2007.

5.1 DESEMPENHO DO POLO DO VESTUÁRIO DE CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007

No período em estudo, todos os Polos de Confecções do estado do Paraná analisados neste trabalho apresentaram evolução positiva, como se pode observar na tabela 20. As demais regiões do estado, mostradas na tabela 10, também tiveram desempenho positivo, refletindo a importância do setor confeccionista no desenvolvimento das regiões e na geração de empregos.

TABELA 20 - EVOLUÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DA INDÚSTRIA TEXTIL DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NAS MICRORREGIÕES EM ESTUDO

LOCALIZAÇÃO	2003	2004	2005	2006	2007
Estado do Paraná	4.039	4.345	4.513	4.772	5.012
MRG de Cianorte	479	536	557	563	580
MRG de Capanema	32	34	32	37	43
MRG de Francisco Beltrão	122	115	130	141	148
MRG de Londrina	360	385	413	449	464
MRG de Maringá	630	702	707	712	722
MRG de Palmas	12	14	15	15	17
MRG de Pato Branco	49	54	55	58	56
MRG de Prudentópolis	43	41	42	46	44
MRG de Toledo	210	220	215	231	250

Fonte: RAIS (2008)

Elaborado pelo autor

A microrregião de Cianorte, no período de 2003 a 2007 apresentou um aumento de 101 estabelecimentos industriais têxteis, passando de 479 unidades fabris em 2003 para 580 unidades em 2007, conforme mostra a tabela 20, representando um aumento de 21,08% no número das empresas do setor nesse período. No mesmo período, a microrregião de Londrina apresentou um aumento e

28,88%, passando de 360 estabelecimentos no ano de 2003 para 464 em 2007, sendo a microrregião do Paraná que apresentou o melhor desempenho do setor. A microrregião de Maringá também apresentou desempenho positivo com relação ao número de unidades instaladas, embora mais modesto do que a microrregião de Londrina, tendo um aumento de 14,60%, passando de 630 unidades fabris em 2003 para 722 unidades em 2007.

Na microrregião de Toledo, onde está localizado o Polo de Confeções de Terra Roxa, em 2003 havia 210 indústrias de confeções, sendo que em 2007 esse número passou para 250, representando um acréscimo de 40 unidades fabris, o que representa um aumento de 19,04% da sua estrutura.

No Polo de confeções do sudoeste do Paraná, composto pelas microrregiões de Pato Branco, Palmas, Capanema e Francisco Beltrão, houve um aumento de 49 unidades fabris no período, representando um aumento de 22,79%. A evolução isolada de cada microrregião apresentou o seguinte desempenho: a microrregião de Palmas cresceu 41,66%, registrando um aumento de apenas 5 estabelecimentos no período, o que mostra que essa região ainda está no início das atividades confeccionistas e que essa atividade ainda não pode ser considerada como a vocação econômica da região; a microrregião de Pato Branco teve um aumento de 14,28% com um aumento de 7 estabelecimentos; a microrregião de Francisco Beltrão cresceu 21,31% totalizando 26 novas unidades e a microrregião de Capanema registrou um crescimento de 34,37%, ampliando de 32 para 43 o número de suas indústrias no setor.

A microrregião de Prudentópolis abriga o Polo de Ibituva, que no período ampliou seu parque de 43 para 44 unidades, representando um aumento de apenas 2,32%, indicando que a atividade confeccionista nessa microrregião está sendo acompanhada do crescimento das empresas existentes, uma vez que os postos de trabalhos cresceram de forma significativa na região, como veremos no próximo item deste trabalho.

O estado do Paraná, no mesmo período, apresentou uma evolução de 24,09%, ampliando seus estabelecimentos industriais no setor em 973 unidades. Na tabela 21 pode-se observar o crescimento de cada microrregião, tantos em termos percentuais como também em termos de instalação de novas unidades fabris.

TABELA 21 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCINISTAS DO PARANÁ NO PERÍODO

MICRORREGIÃO	NOVAS UNIDADES	AUMENTO % PROPORCIONAL
Londrina	104	28,88%
Cianorte	101	21,08%
Maringá	92	14,60%
Toledo	40	19,04%
Francisco Beltrão	26	21,31%
Capanema	11	34,37%
Pato Branco	07	14,28%
Palmas	05	41,66%
Prudentópolis	01	2,32%

Fonte: RAIS (2008) - Elaborado pelo autor

Na seqüência será apresentada a evolução de cada Polo de Confecções do Paraná, considerando as quatro regiões do sudoeste do Paraná como um único Polo confeccionista.

TABELA 22 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS NOS PRINCIPAIS POLOS CONFECCIONISTAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007

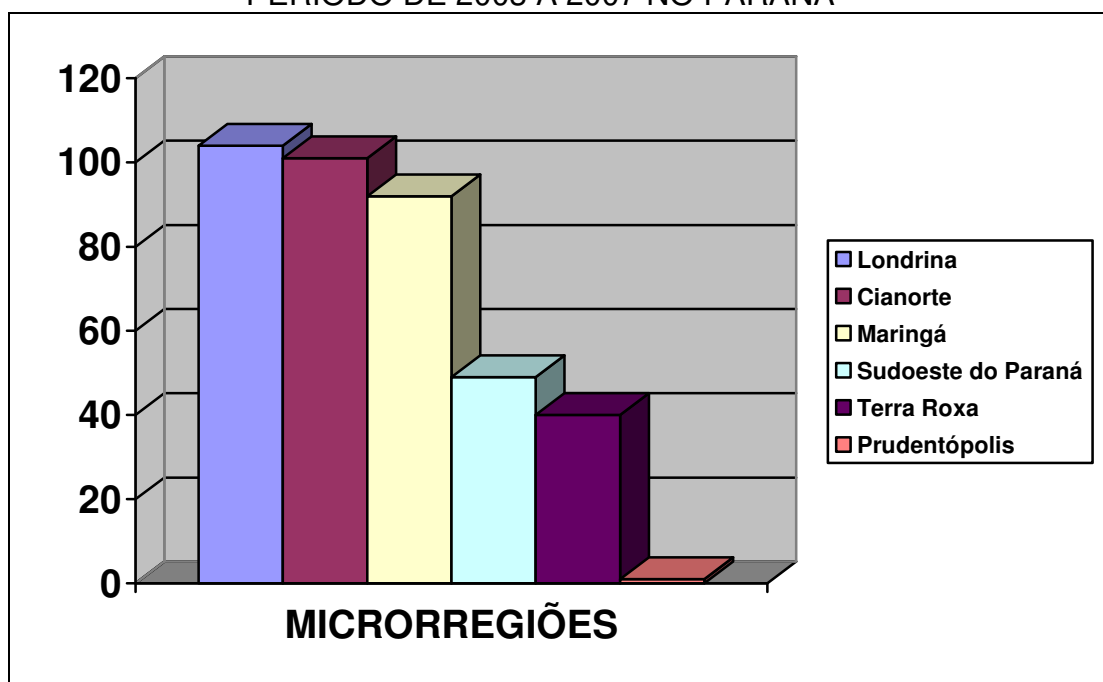
POLO CONFECCINISTA	NOVAS UNIDADES	AUMENTO % PROPORCIONAL
Londrina	104	28,88%
Cianorte	101	21,08%
Maringá	92	14,60%
Sudoeste do Paraná	49	22,79%
Terra Roxa	40	19,04%
Imbituva	01	2,32%

Fonte: RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

Nos gráficos 2 e 3 é possível visualizar o desempenho de cada Polo confeccionista estudado.

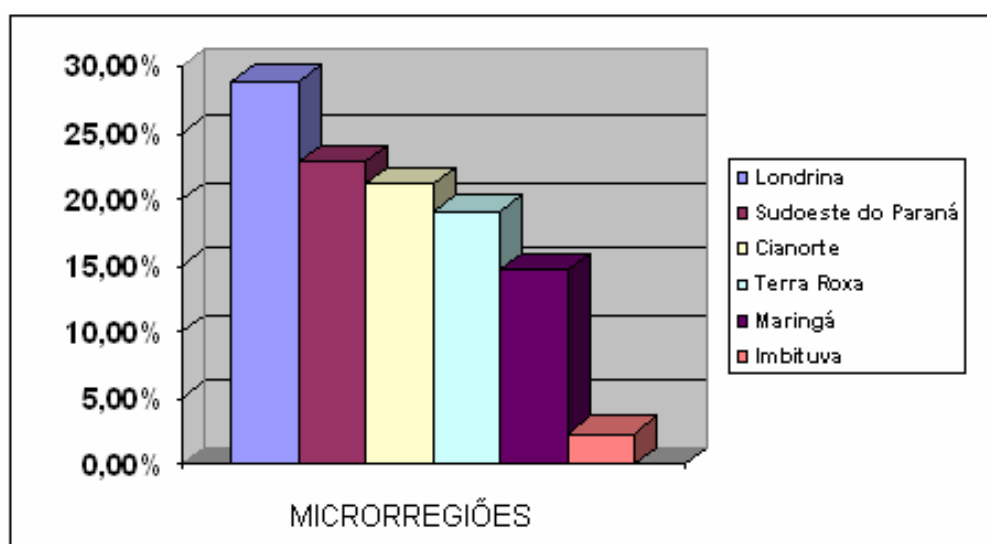
Como se pode observar, o pior desempenho no quesito instalação de novas unidades fabris foi o do Pólo de Imbituva, seguido pelo PÓLO de Terra Roxa e o Pólo Sudoeste do Paraná, que mesmo sendo composto por quatro microrregiões teve uma ampliação de apenas 92 unidades industriais.

GRÁFICO 2 – AUMENTO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO DE 2003 A 2007 NO PARANÁ



Fonte: RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 3 – AUMENTO PROPORCIONAL DE CADA POLO



Fonte: RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

Entre os principais Polos Confeccionistas do Paraná, percebe-se que Cianorte teve no período um desempenho positivo no que se refere à ampliação de seu parque industrial, ficando em 3º lugar no crescimento proporcional das regiões. Cabe salientar que, mesmo tendo ficado em terceira posição, o Polo de Cianorte

registrou um aumento de 101 unidades industriais confeccionistas, sendo superado apenas pelo Polo de Londrina, que teve um aumento de 104 unidades fabris no período. No que se refere à geração de empregos, a tabela 23 demonstra a evolução das 9 regiões destacadas nesse estudo. Dados das demais regiões são encontrados na tabela 11.

TABELA 23 - EVOLUÇÃO DOS EMPREGOS NA INDÚSTRIA TEXTIL E CONFECCIONISTA NO ESTADO DO PARANÁ NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES PRODUTORAS NO PERÍODO DE 2003 A 2007

	2003	2004	2005	2006	2007
Estado do Paraná	59.108	67.426	68.909	72.519	80.681
MRG de Capanema	1.824	1.989	1.977	2.253	2.480
MRG de Cianorte	5.053	5.887	6.201	6.694	7.756
MRG de Francisco Beltrão	2.347	2.999	2.965	3.181	3.445
MRG de Londrina	7.436	8.063	7.998	7.661	7.937
MRG de Maringá	8.700	9.365	8.814	9.018	9.489
MRG de Palmas	95	108	165	182	199
MRG de Pato Branco	634	753	676	709	707
MRG de Prudentópolis	166	174	137	310	450
MRG de Toledo	3.536	3.909	3.604	4.251	4.695

FONTE:RAIS (2008)

Elaborada pelo autor

No tocante ao aumento de postos de trabalhos, no período de 2003 a 2007, observa-se que a microrregião de Cianorte apresentou um aumento de 2.703 postos, ou seja, uma elevação de 53,49%. A microrregião de Londrina gerou 501 postos de trabalho no período, representando um aumento de apenas 6,74% na quantidade de postos de trabalho no ramo confeccionista.

A microrregião de Maringá aumentou 789 postos, ou seja, uma ampliação de 9,07% no período.

No Polo de Terra Roxa o aumento foi de 1.159 postos, representando uma elevação nos postos de trabalho de 32,77%.

Na microrregião de Prudentópolis houve um aumento de 284 postos de trabalho, representando um incremento de 171,08%, caracterizando que as empresas existentes nesse Polo estão demonstrando crescimento de suas atividades e ampliação de mercados, o que demanda um maior número de trabalhadores.

Na seqüência será apresentada a evolução dos empregos de cada microrregião em termos percentuais e número de novos postos de trabalho.

TABELA 24 - AUMENTO DO NÚMERO DE EMPREGOS NO SETOR CONFECCIONISTA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES PRODUTORAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007

MICRORREGIÃO	NOVOS EMPREGOS	CRESCIMENTO %
Cianorte	2.703	53,49%
Toledo	1.159	32,77%
Francisco Beltrão	1.098	46,78%
Maringá	789	9,07%
Capanema	656	35,96%
Londrina	501	6,74%
Prudentópolis	284	171,08%
Palmas	104	109,47%
Pato Branco	73	11,51%

Fonte: RAIS (2008)

Elaborado pelo autor

Quanto a geração de empregos no Polo do sudoeste do Paraná, as 4 microrregiões geraram 1.931 novos postos, passando de 4.900 para 6.831 empregos no Polo. Isso significa um aumento de 39,40% nos empregos do setor.

Considerando as microrregiões de forma isolada, houve a seguinte evolução: na microrregião de Palmas cresceu 109,47%; na microrregião de Pato Branco o crescimento foi de 11,51%; na microrregião de Francisco Beltrão o crescimento foi de 46,78% e em Capanema foi de 35,96%.

No Estado do Paraná, houve no período um aumento de 21.573 postos de trabalho, representando uma evolução de 36,50%. Constata-se, portanto, que a microrregião de Cianorte gerou empregos acima da média estadual, atingindo o índice de 53,49%, indicando que nesse período houve uma grande demanda de trabalhadores, o que provavelmente originou um processo de escassez de mão-de-obra especializada. Na tabela 25 será apresentado o desempenho dos 6 principais Polos confeccionistas do estado.

TABELA 25 - AUMENTO DO NÚMERO DE EMPREGOS NO SETOR CONFECCIONISTA NO PERÍODO DE 2003 A 2007

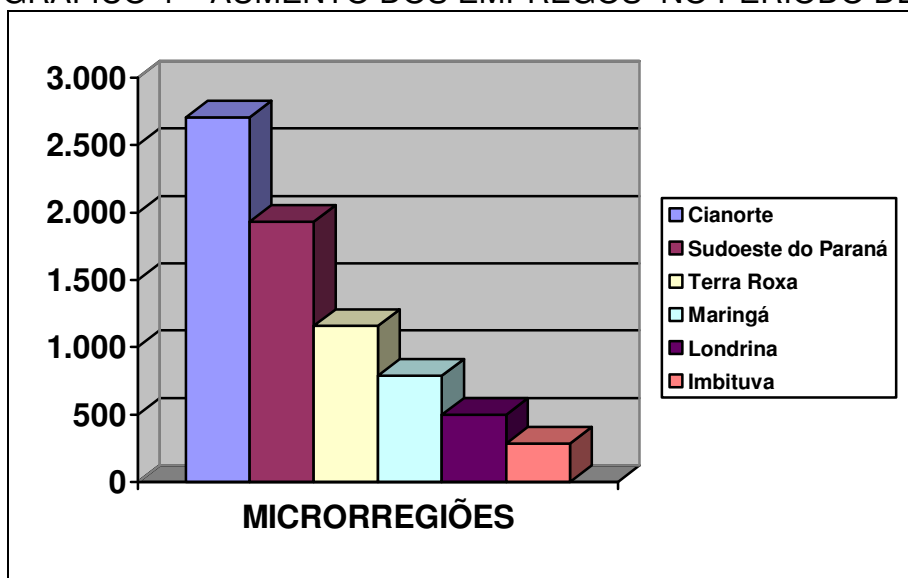
Polo	NOVOS EMPREGOS	CRESCIMENTO %
Cianorte	2.703	53,49%
Sudoeste do Paraná	1.931	39,40%
Terra Roxa	1.159	32,77%
Maringá	789	9,07%
Londrina	501	6,74%
Imbituva	284	171,08%

FONTE: RAIS (2008)

Elaborado pelo autor

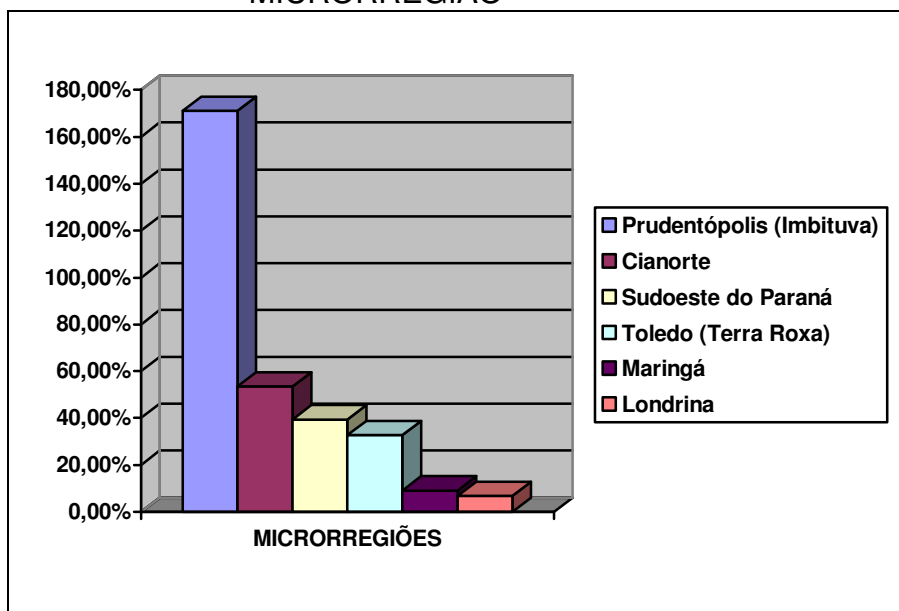
Os gráficos 4 e 5 evidenciam a evolução dos empregos nos 6 principais Polos confeccionistas do Paraná.

GRÁFICO 4 – AUMENTO DOS EMPREGOS NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 5 – AUMENTO PROPORCIONAL DO EMPREGO EM CADA MICRORREGIÃO



Fonte: RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

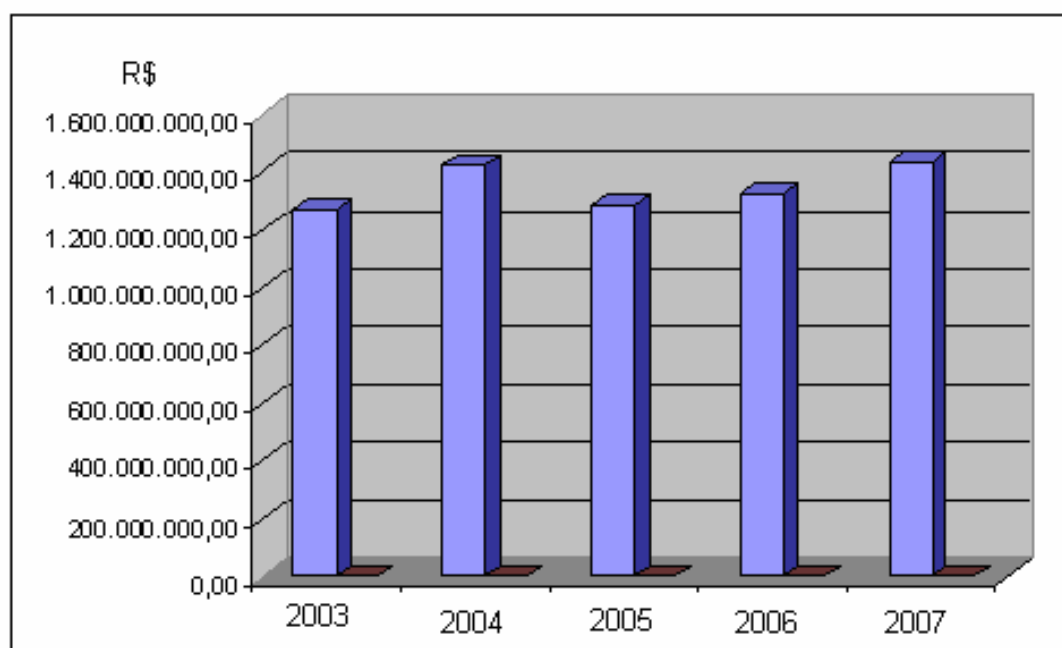
Como se observa na tabela 25, o Polo que mais gerou empregos no período foi o de Cianorte, com um acréscimo de 2.703 novos postos de trabalho. Porém, no desempenho proporcional das regiões Cianorte ficou na segunda colocação. O Polo

de Imituva, em termos proporcionais, foi o que apresentou melhor desempenho, mas gerou apenas 284 novos empregos. Isso indica que esse Polo experimentou um acentuado crescimento nesse período, contudo, seu tecido empresarial ainda apresenta fragilidade diante dos demais Polos em termos de unidades industriais. Indica também que atividade tem se destacado na região e apresentado avanços positivos, principalmente na geração de empregos.

Os dados indicam que tanto em termos de aumento de número de empregos, como também na ampliação dos postos de trabalho, não houve estagnação no Polo de Confeções de Cianorte.

O gráfico 6, elaborado por meio das informações contidas na tabela 18 mostra a evolução do Valor Adicionado na microrregião de Cianorte no período em estudo.

GRÁFICO 6 - EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO NA MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES EM R\$, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: SEFA (2009)
Elaborado pelo autor

Analisando a evolução do Valor Adicionado da microrregião de Cianorte, no período de 2003, evidencia-se que também houve no período, crescimento. Em relação a 2003 houve um acréscimo de 11,73%; de 2004 para 2005 houve uma redução de 9,75%; de 2005 para 2006 o aumento foi de 3,34% e de 2006 para 2007 houve um aumento de 8,52%. Portanto, no período em estudo houve um

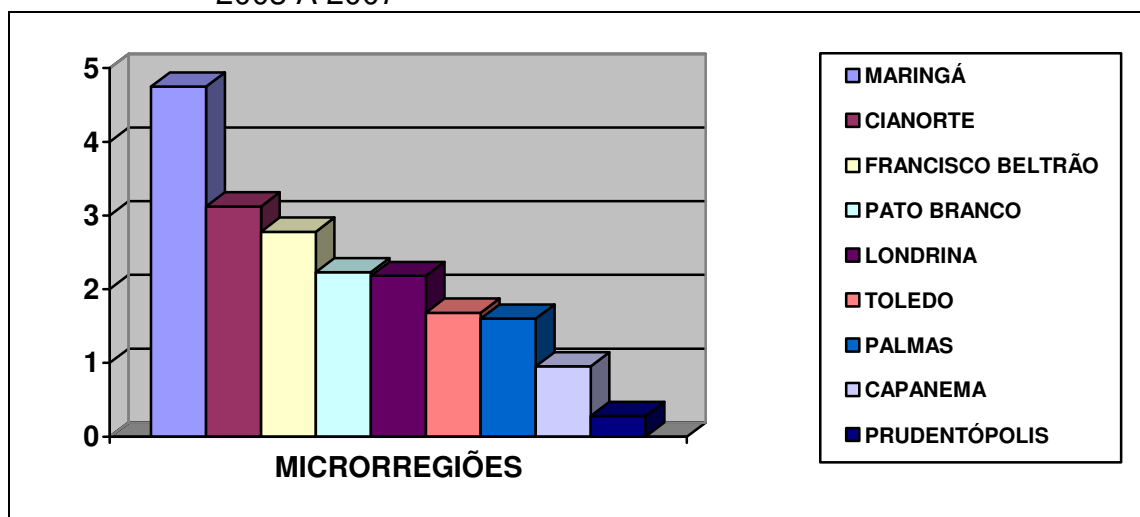
crescimento médio positivo de 3,12%, indicando que no período de 2003 a 2007 não houve estagnação da capacidade produtiva do Polo de Confeções de Cianorte. A tabela 26 e o gráfico 7 mostram a evolução do valor adicionado das microrregiões estudadas no período de 2003 a 2007.

TABELA 26 - MÉDIA % DA EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007

MICRORREGIÃO	EVOLUÇÃO % DO VALOR ADICIONADO
MARINGÁ	4,75
CIANORTE	3,12
FRANCISCO BELTRÃO	2,78
PATO BRANCO	2,23
LONDRINA	2,18
TOLEDO	1,68
PALMAS	1,60
CAPANEMA	0,95
PRUDENTÓPOLIS	0,28

Fonte: SEFA (2009)
Elaborado pelo autor

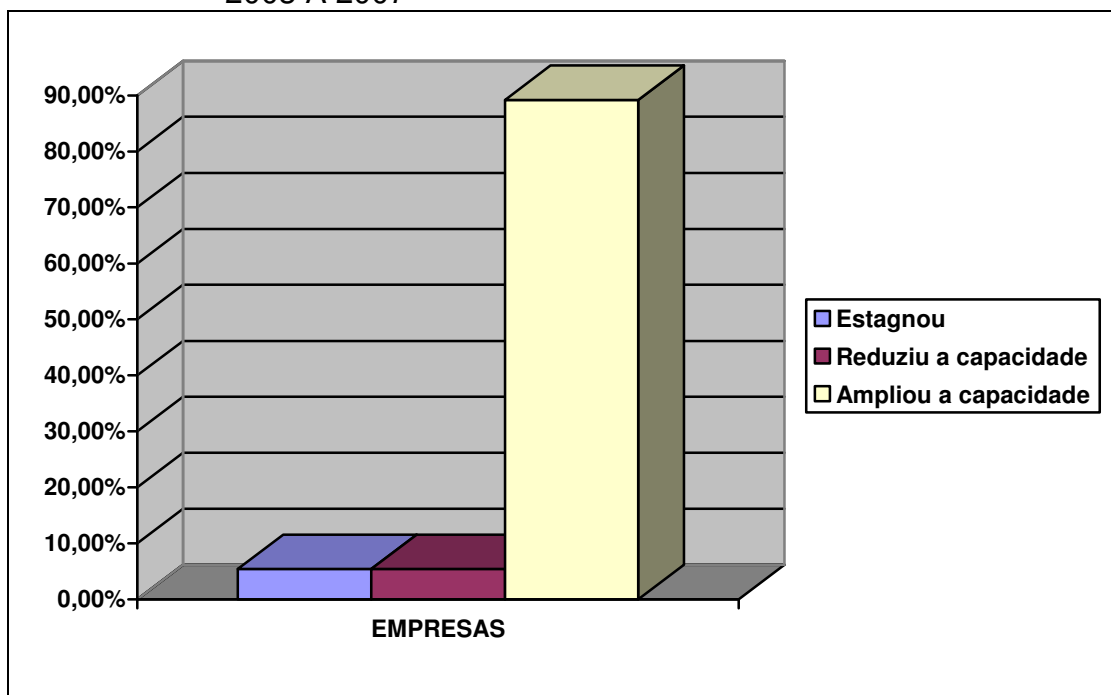
GRÁFICO 7 - MÉDIA DA EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: SEFA (2009)
Elaborado pelo autor

Na pesquisa de campo, foi perguntado aos entrevistados, se no período de 2003 a 2007 a empresa estagnou, reduziu ou ampliou sua capacidade de produção. A grande maioria dos empresários, 89,19% afirmou que ampliaram sua capacidade de produção no período, conforme mostra o gráfico 8.

GRÁFICO 8 – DESEMPENHO DA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

Os dados indicam claramente que no período de 2003 a 2007 não houve estagnação do Polo de Confeções de Cianorte, embora a escassez de mão-de-obra tenha sido um fator presente na região.

5.2. NÍVEL SALARIAL DAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS E SEUS REFLEXOS NA ESCASSEZ DA MÃO-DE-OBRA EM CIANORTE

O nível salarial é um importante fator para atrair a mão-de-obra qualificada para uma região. É evidente que outros fatores também são de relevante importância, como os custos com transporte, moradia, acesso aos serviços de saúde, educação e cultura, segurança pública, qualidade de vida, entre outros. No, entanto, neste estudo esses fatores não serão analisados. Pretende-se concentrar a análise na comparação da remuneração dos trabalhadores da indústria têxtil e confeccionista nas 27 microrregiões estudadas. Para tanto, levantou-se o nível salarial dos trabalhadores das indústrias de confeções tanto no estado do Paraná como também em outros estados brasileiros que são representativos na fabricação de peças do vestuário. Considerando o período de 2003 a 2007, foram identificados os salários das principais atividades da indústria confeccionista. Com essas

informações foi possível identificar em quais regiões a renda foi mais atrativa. Embora todas as ocupações sejam importantes para o processo de fabricação das peças, foram selecionadas para análise as seguintes funções: costureiro, a máquina na confecção em série; costureiro na confecção em série; operador de máquina de costura de acabamento. Essas funções foram selecionadas porque são as que apresentam maior escassez de mão-de-obra em todas as regiões estudadas. As outras funções de relevante importância na área da produção estão evidenciadas nos anexos III, IV e V.

A tabela 27 mostra o ranking dos salários nas 9 microrregiões estudadas no Paraná e foi elaborada com base nas tabelas do anexo III, que tratam dos níveis salariais dos Polos confeccionistas do estado do Paraná.

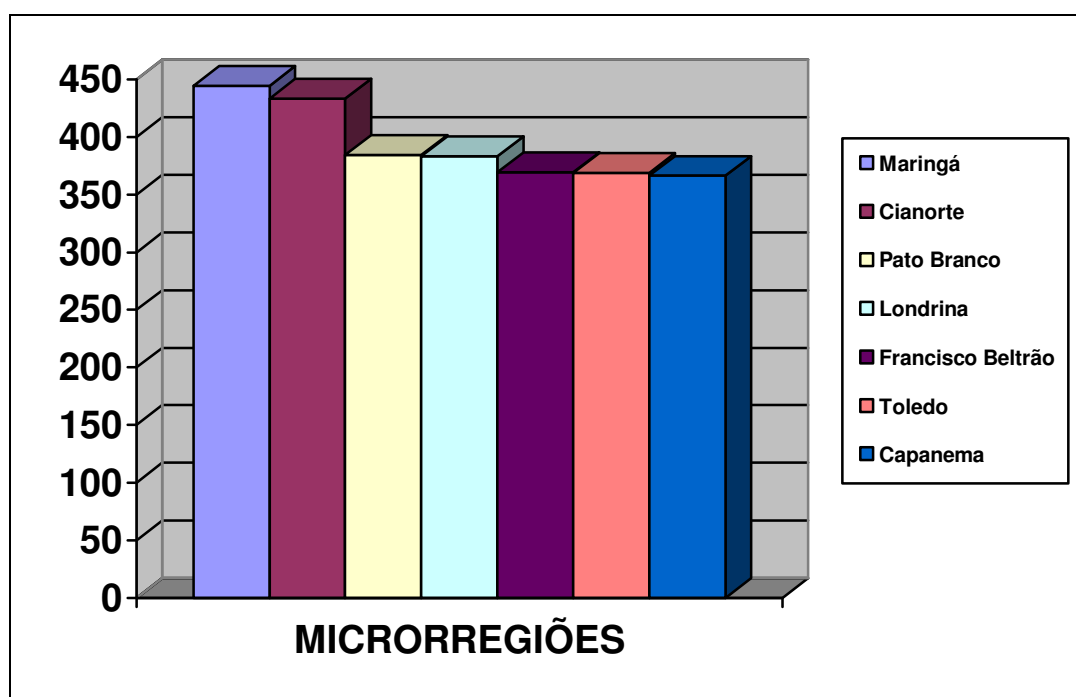
TABELA 27 - MÉDIA SALARIAL CORRIGIDA DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS TEXTÉIS, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS NO PERÍODO DE 2003 A 2007, NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES CONFECCIONISTAS DO ESTADO DO PARANÁ

Posição	MICRORREGIÃO	VALOR DO SALÁRIO MÉDIO ATUALIZADO
63215 Costureiro, a máquina na confecção em série		
1ª	Maringá	444,48
2ª	Cianorte	433,33
3ª	Pato Branco	384,61
4ª	Londrina	383,36
5ª	Francisco Beltrão	369,31
6ª	Toledo	369,10
7ª	Capanema	366,44
	Prudentópolis	-
	Palmas	-
763210 Costureiro na confecção em série		
1ª	Cianorte	408,80
2ª	Maringá	403,11
3ª	Prudentópolis	394,09
4ª	Pato Branco	381,36
5ª	Toledo	377,55
6ª	Londrina	374,10
7ª	Francisco Beltrão	363,76
8ª	Palmas	350,09
9ª	Capanema	339,48
763320 Operador de máquina de costura de acabamento		
1ª	Prudentópolis	385,41
2ª	Londrina	383,96
3ª	Pato Branco	369,89
4ª	Cianorte	351,23
5ª	Maringá	348,41
6ª	Capanema	343,51
7ª	Francisco Beltrão	332,65
8ª	Toledo	328,66
	Palmas	-

FONTE MTE/CAGED (2008)
Elaborado pelo autor

Para os trabalhadores na função CBO 63215, costureiros, à máquina, na confecção em série, a maior remuneração verificada nas regiões em estudo no Paraná foi no Polo de Maringá, sendo 2,57% superior aos trabalhadores da microrregião de Cianorte. Em relação ao menor salário das microrregiões, que foi de R\$ 366,44, na microrregião de Capanema, a remuneração da microrregião de Cianorte foi 18,25% superior. As microrregiões de Prudentópolis e Palmas não informaram os salários dos anos 2004 e 2005, razão pela qual foram classificadas apenas 7 regiões. O gráfico 9 demonstra a remuneração de cada microrregião.

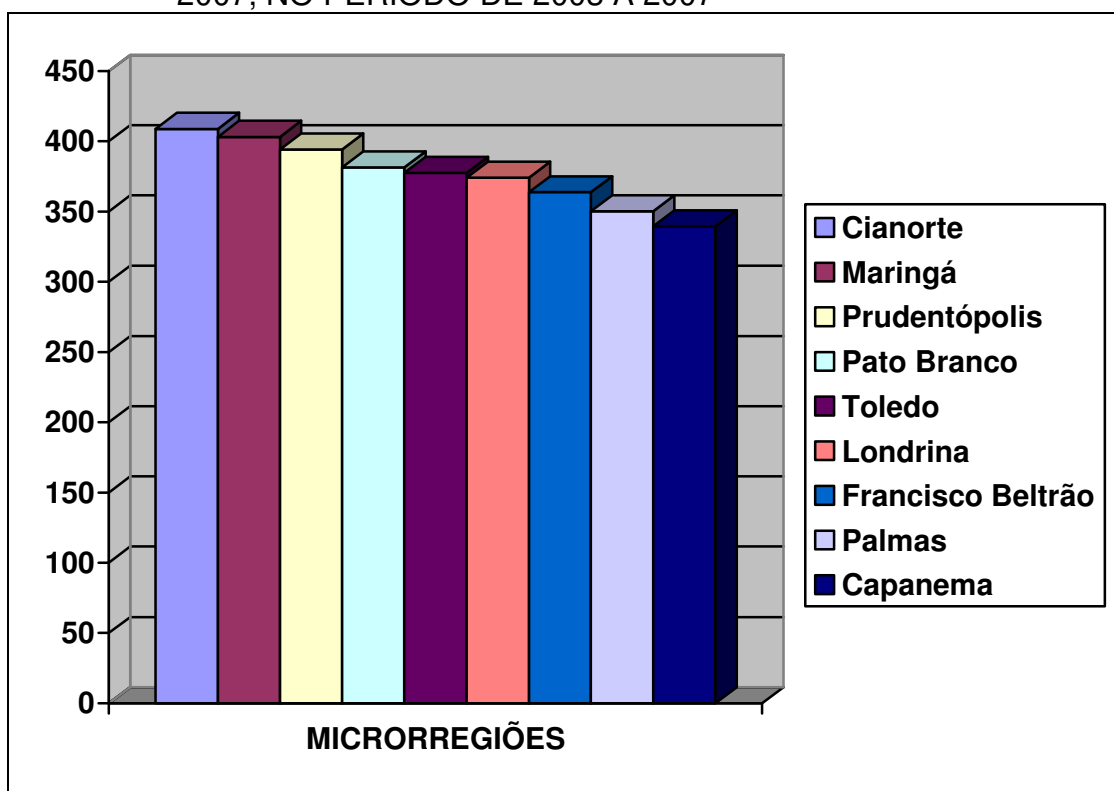
GRÁFICO 9 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 63215, COSTUREIROS, À MÁQUINA, NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: MTE (2008)
Elaborado pelo autor

Para os trabalhadores na função CBO 763210, costureiros na confecção em série, o Polo de Cianorte ficou em 1º lugar no Ranking dos salários, conforme mostra o gráfico 10. Em relação ao menor salário das microrregiões, que foi de R\$ 339,48 na microrregião de Capanema, a remuneração de Cianorte foi 20,42% superior.

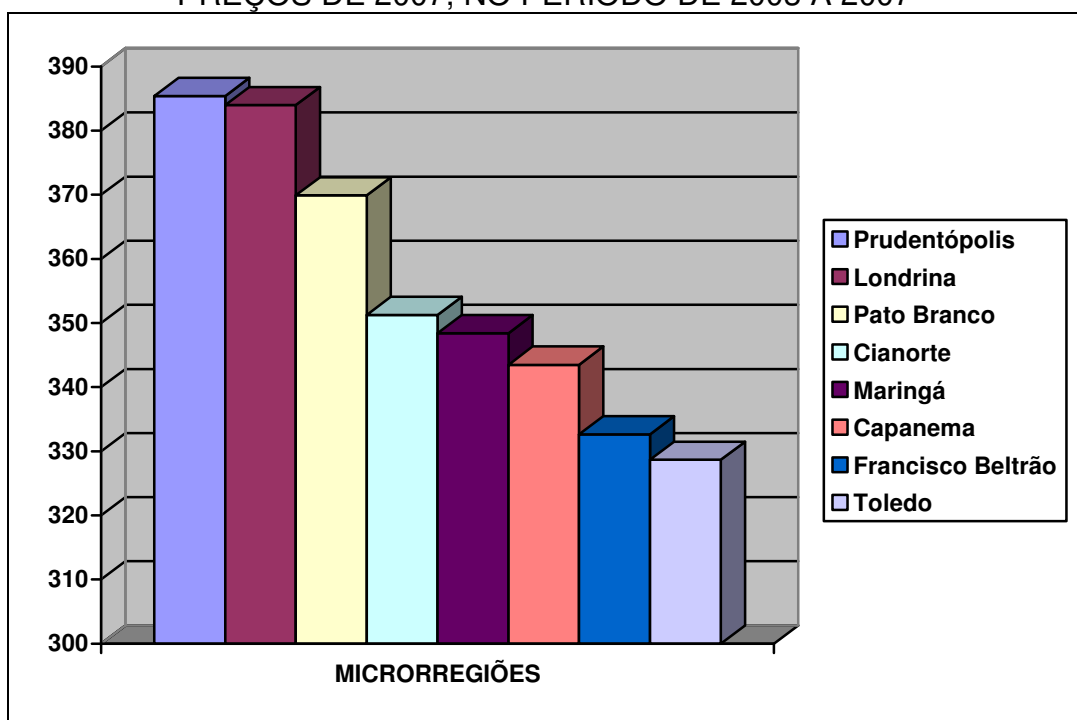
GRÁFICO 10 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 763210, COSTUREIROS NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: TEM (2008)
Elaborado pelo autor

Para os trabalhadores na função CBO 763320 Operador de máquina de costura de acabamento, o Polo de Cianorte fica em 4º lugar no Ranking dos salários. Em relação ao maior salário, de R\$ 385,41, na microrregião de Prudentópolis, o salário do Polo de Cianorte é 9,73% menor. Em relação ao menor salário das microrregiões, que é de R\$ 328,66 na microrregião de Toledo, a remuneração de Cianorte é 6,87% superior, conforme mostra o gráfico 11.

GRÁFICO 11 – REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS SALÁRIOS CBO 763320 OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, EM CADA MICRORREGIÃO, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, NO PERÍODO DE 2003 A 2007



Fonte: TEM (2008)
Elaborado pelo autor

Para as demais funções as diferenças salariais estão evidenciadas na tabela 14.

Como o Polo de Cianorte disputa mercados com outros Polos brasileiros, localizados em outros estados da união, apresentaremos na sequência o nível salarial das atividades da costura desses estados.

No que se refere aos salários praticados em outros estados brasileiros, a composição salarial em relação ao Polo de Cianorte é demonstrada nas tabelas 28 e 29, agrupando as funções que mais admitiram no período. Para efeitos da nossa análise, trataremos das 3 funções analisadas anteriormente, comparando o rendimento dos demais estados do sul do Brasil e sudeste com relação aos salários do Polo de Cianorte. Neste estudo, a microrregião de Cianorte estará inserida em todos os estados analisados.

TABELA 28 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

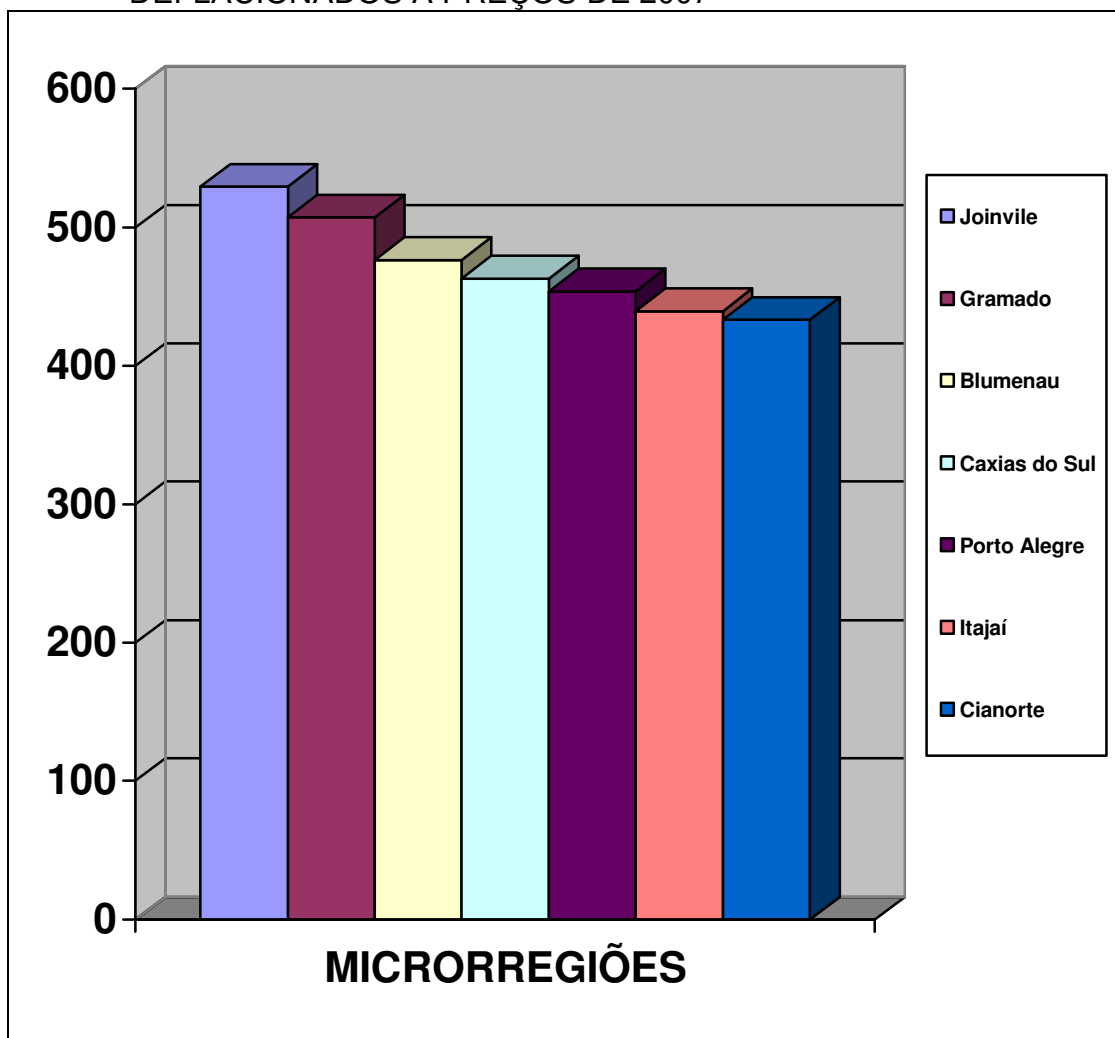
63215 Costureiro, a máquina na confecção em série		
Posição	MICRORREGIÃO	VALOR DO SALÁRIO
1 ^a	Joinville	529,49
2 ^a	Gramado	507,32
3 ^a	Blumenau	476,49
4 ^a	Caxias do Sul	463,16
5 ^a	Porto Alegre	453,82
6 ^a	Itajaí	439,55
7 ^a	Cianorte	433,33
763210 Costureiro na confecção em série		
1 ^a	Joinville	510,94
2 ^a	Blumenau	471,56
3 ^a	Caxias do Sul	455,72
4 ^a	Gramado	453,70
5 ^a	Porto Alegre	450,08
6 ^a	Itajaí	430,53
7 ^a	Cianorte	408,80
763320 Operador de máquina de costura de acabamento		
1 ^a	Joinville	469,42
2 ^a	Blumenau	463,75
3 ^a	Porto Alegre	447,39
4 ^a	Gramado	416,90
5 ^a	Caxias do Sul	407,04
6 ^a	Itajaí	396,92
7 ^a	Cianorte	351,23

FONTE MTE/CAGED (2008)
Elaborado pelo autor

Como se observa, o salário pago na microrregião de Cianorte é o menor para todas as funções analisadas comparado com os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Isso fornece indícios de que a microrregião de Cianorte encontra dificuldades de atrair trabalhadores dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e por sua vez, estes estados acabam atraindo a mão-de-obra especializada do Paraná, agravando ainda mais o problema da escassez de mão-de-obra no Polo de Cianorte.

Para a função CBO 63215, costureiro, a máquina na confecção em série, o salário médio praticado no período de 2003 a 2007 na microrregião de Cianorte foi 22,19% inferior aos salários praticados na microrregião de Joinville, em Santa Catarina. O gráfico 12 mostra o ranking salarial das regiões estudadas.

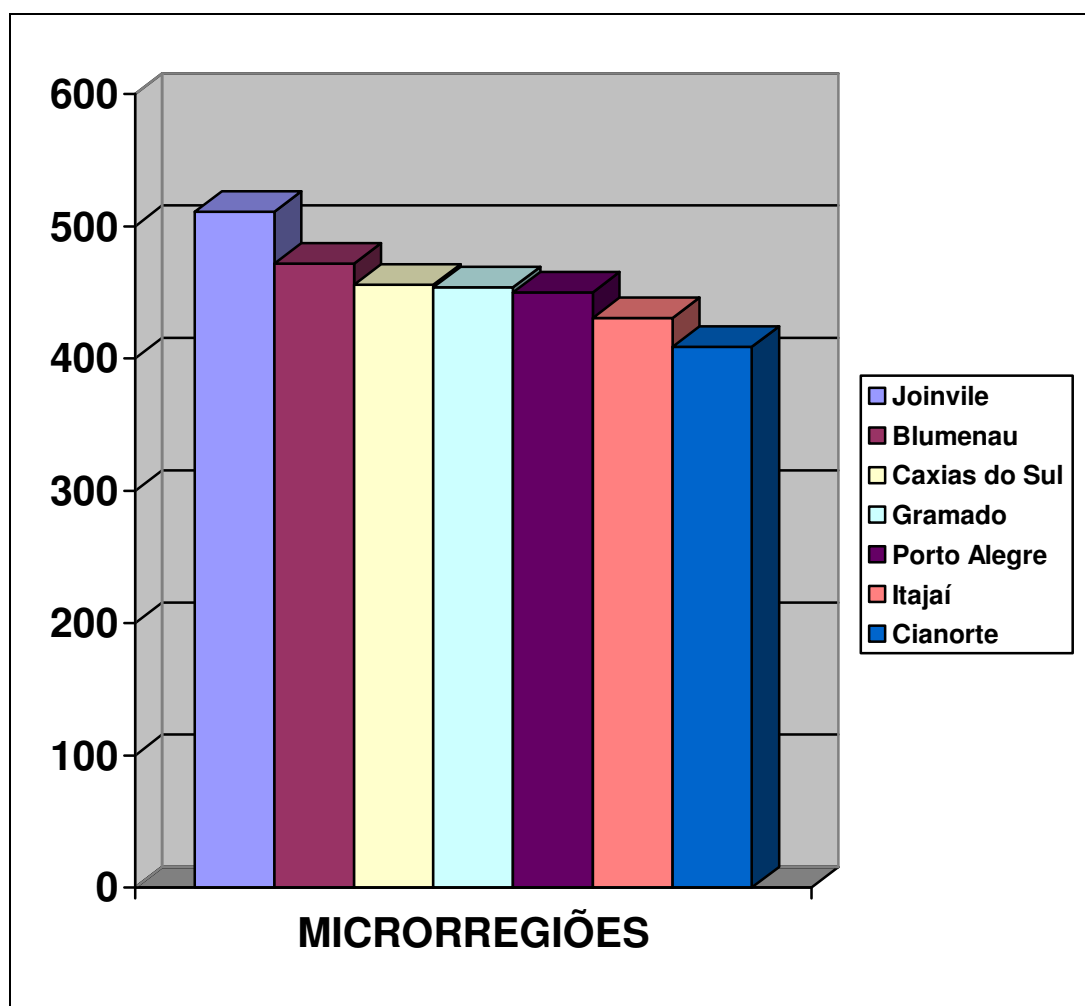
GRÁFICO 12 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 63215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Para a função CBO 763210, Costureiro na confecção em série, a microrregião de Joinville também foi a que melhor remunerou seus trabalhadores, sendo que os salários praticados na microrregião de Cianorte foram 24,98% inferiores aos salários praticados em Joinville. O gráfico 13 mostra a ranking salarial dessa função.

GRÁFICO 13 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210, COSTUREIRO NA CONFEÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

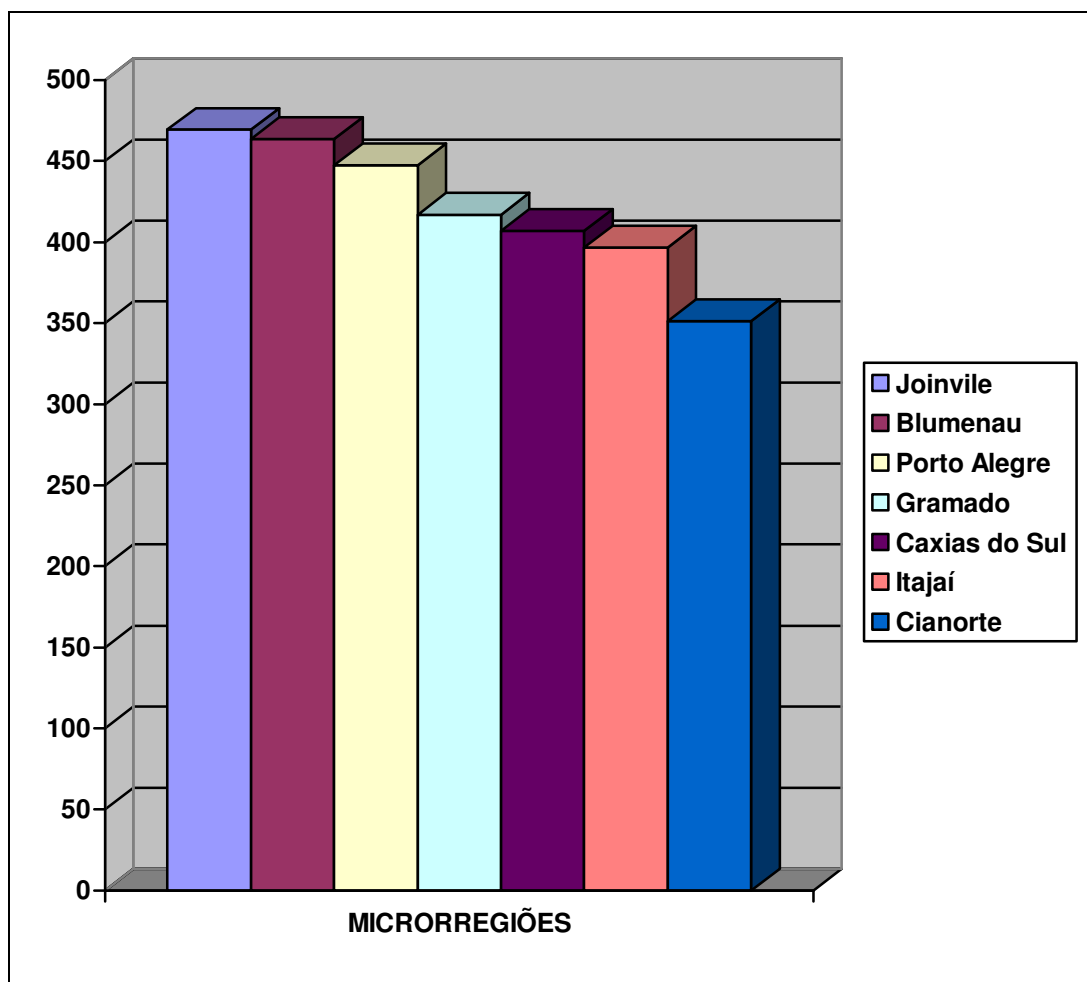


Fonte: MTE

Elaborado pelo autor

Para a função CBO 763320, operador de máquina de costura de acabamento, o salário médio praticado no período de 2003 a 2007 na microrregião de Cianorte foi 33,65% inferior aos salários praticados na microrregião de Joinville, em Santa Catarina. O gráfico 14 mostra o ranking salarial das regiões estudadas.

GRÁFICO 14 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO BO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Na região Sudeste do Brasil, a posição de Cianorte melhora, embora ainda apresente baixos níveis de concorrência em relação aos níveis salariais praticados. Para efeitos de análise, a microrregião de Cianorte estará inserida entre as microrregiões do sudeste brasileiro.

TABELA 29 - NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

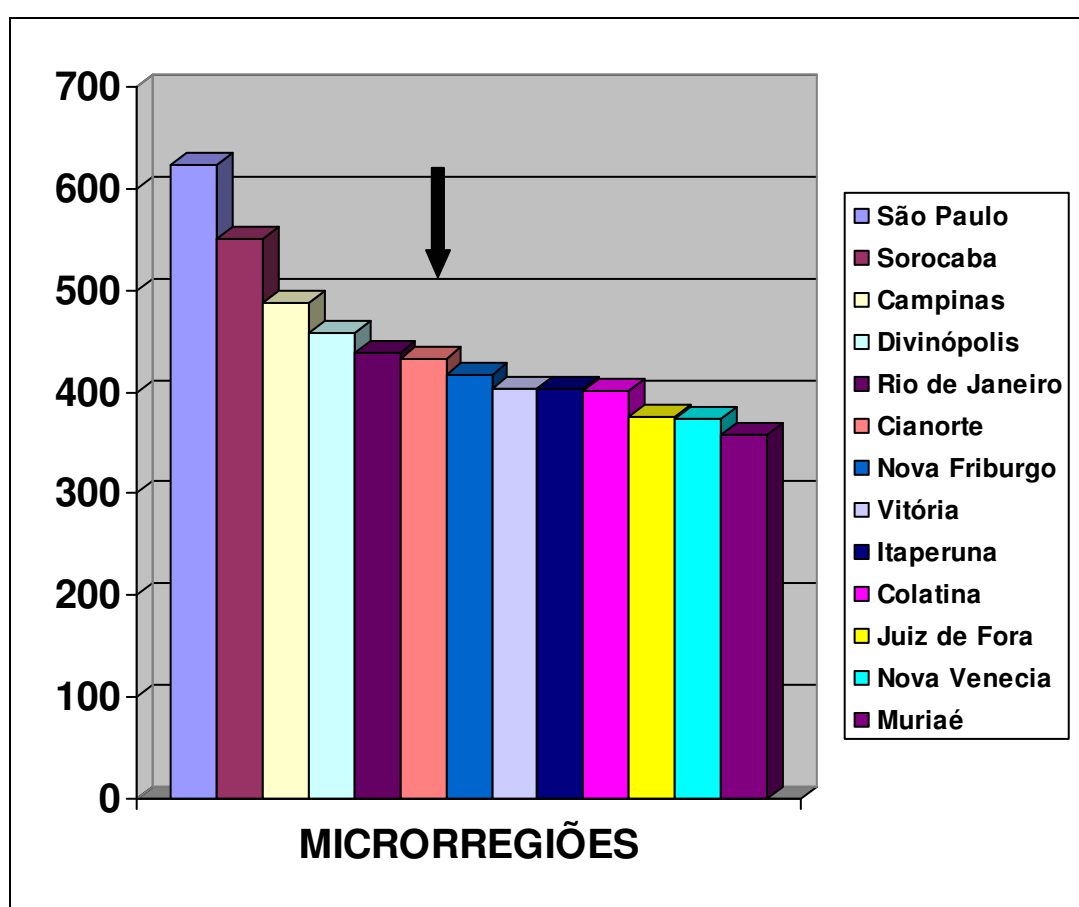
63215 Costureiro, a máquina na confecção em série		
Posição	MICRORREGIÃO	VALOR DO SALÁRIO
1 ^a	São Paulo	623,86
2 ^a	Sorocaba	550,93
3 ^a	Campinas	487,55
4 ^a	Divinópolis	458,16
5 ^a	Rio de Janeiro	438,98
6 ^a	Cianorte	433,33
7 ^a	Nova Friburgo	416,45
8 ^a	Vitória	402,78
9	Itaperuna	402,32
10 ^a	Colatina	400,73
11 ^a	Juiz de Fora	375,25
12 ^a	Nova Venécia	373,88
13 ^a	Muriaé	357,53
763210 Costureiro na confecção em série		
1 ^a	São Paulo	586,70
2 ^a	Campinas	508,29
3 ^a	Sorocaba	470,90
4 ^a	Rio de Janeiro	461,47
5 ^a	Divinópolis	425,66
6 ^a	Cianorte	408,80
7 ^a	Vitória	408,19
8 ^a	Nova Friburgo	406,28
9 ^a	Itaperuna	401,83
10 ^a	Colatina	367,37
11 ^a	Juiz de Fora	365,51
12 ^a	Muriaé	358,57
13 ^a	Nova Venécia	347,01
763320 Operador de máquina de costura de acabamento		
1 ^a	Sorocaba	533,82
2 ^a	São Paulo	514,38
3 ^a	Campinas	478,41
4 ^a	Rio de Janeiro	399,11
5 ^a	Muriaé	389,37
6 ^a	Divinópolis	360,68
7 ^a	Nova Friburgo	355,15
8 ^a	Vitória	351,74
9 ^a	Cianorte	351,23
10 ^a	Juiz de Fora	342,81
11 ^a	Colatina	342,19
-	Itaperuna	-
-	Nova Venécia	-

FONTE MTE/CAGED
Elaborado pelo autor

No sudeste do país, a posição no Ranking dos salários para o Polo de Cianorte também não é favorável, no caso da função CBO 63215, Costureiro, a máquina na confecção em série, Cianorte ocupa a sexta posição no Ranking, sendo

43,96% inferior aos salários pagos na microrregião de São Paulo, que é a que melhor remunera essa função, dentre as regiões estudadas. Em relação ao menor salário, que foi na da microrregião de Muriaé, o salário de Cianorte é 21,20% superior. O gráfico 15 mostra as diferentes remunerações no sudeste do Brasil.

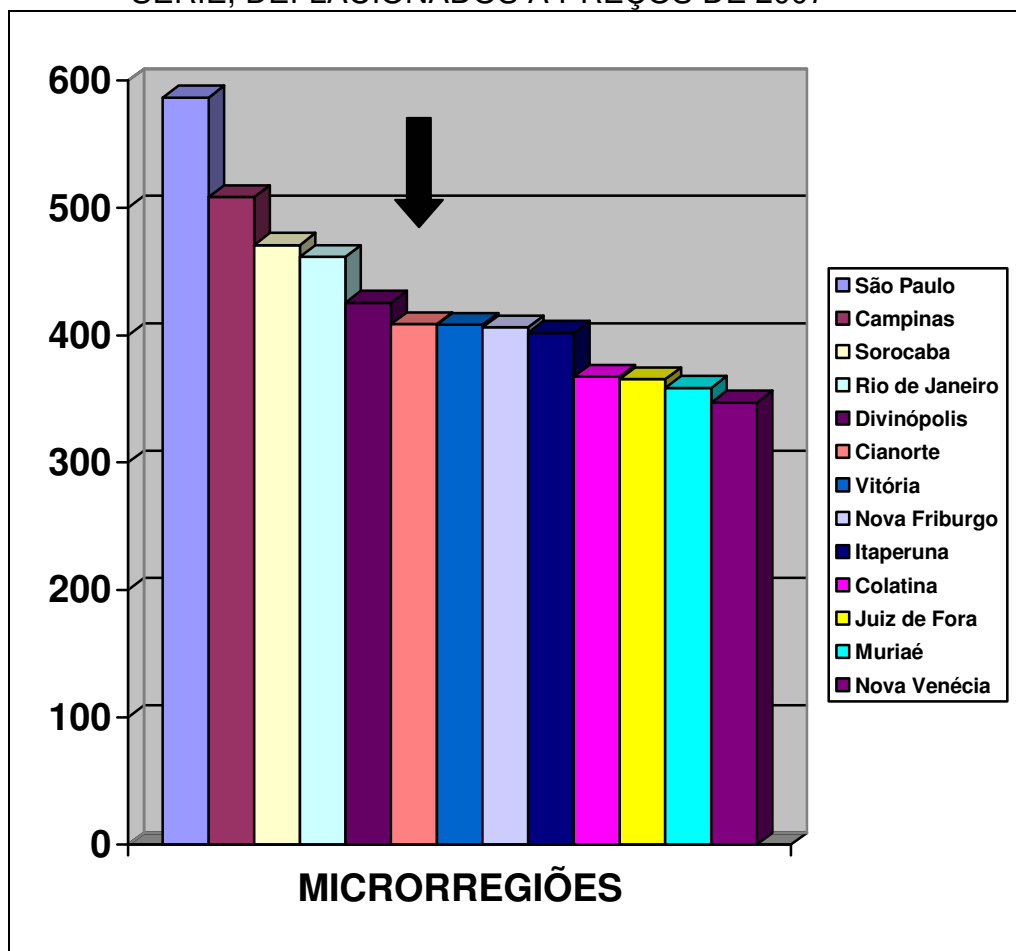
GRÁFICO 15 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 63215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFEÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Na função CBO 763210, Costureiro na confecção em série, Cianorte está também na 6ª posição, sendo o salário de Cianorte é 43,52% menor do que o da microrregião de São Paulo que está na 1ª posição e 17,80% maior do que os da microrregião de Nova Venécia, que no sudeste brasileiro, pratica o menor salário dessa função, como mostra o gráfico 16.

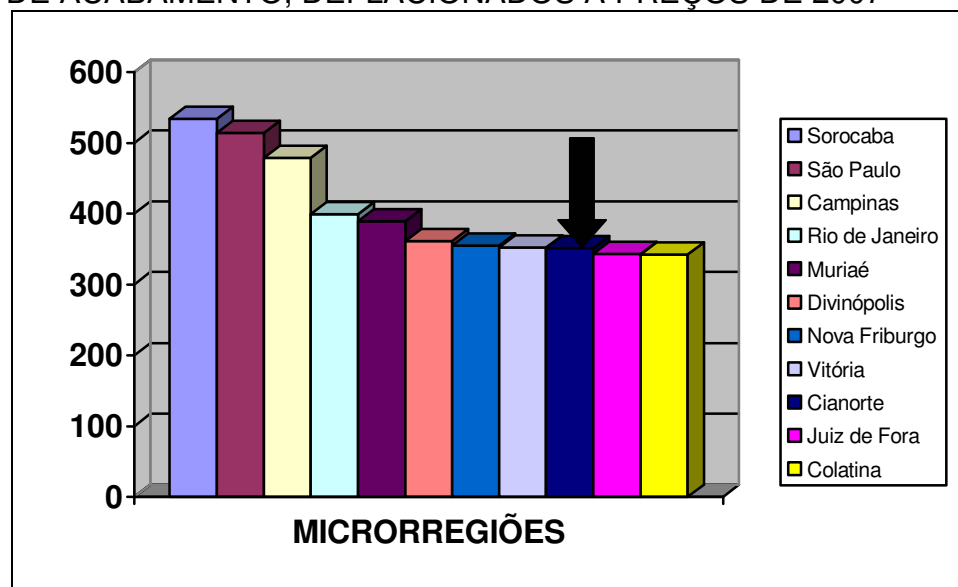
GRÁFICO 16 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210, COSTUREIRO NA CONFEÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Para a função de operador de máquina de costura de acabamento, o Polo de Cianorte está na 9ª posição, com um salário 51,98% inferior a microrregião de Sorocaba, no estado de São Paulo, que é a 1ª colocada em termos salariais nessa função. Em relação a microrregião de Colatina, o salário da microrregião de Cianorte foi 2,64% superior. As microrregiões de Itaperuna e Nova Venécia não informaram os salários referentes aos anos de 2003, 2004 e 2005, por essa razão não foram classificadas na análise.

GRÁFICO 17 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES NAS MICRORREGIÕES DO SUDESTE DO BRASIL, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICROREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Para uma compreensão geral, a tabela 30 evidencia todas as microrregiões estudadas e sua respectiva posição no ranking dos salários:

TABELA 30 - NÍVEL SALARIAL DE TODAS AS MICRORREGIÕES EM ESTUDO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

Continua

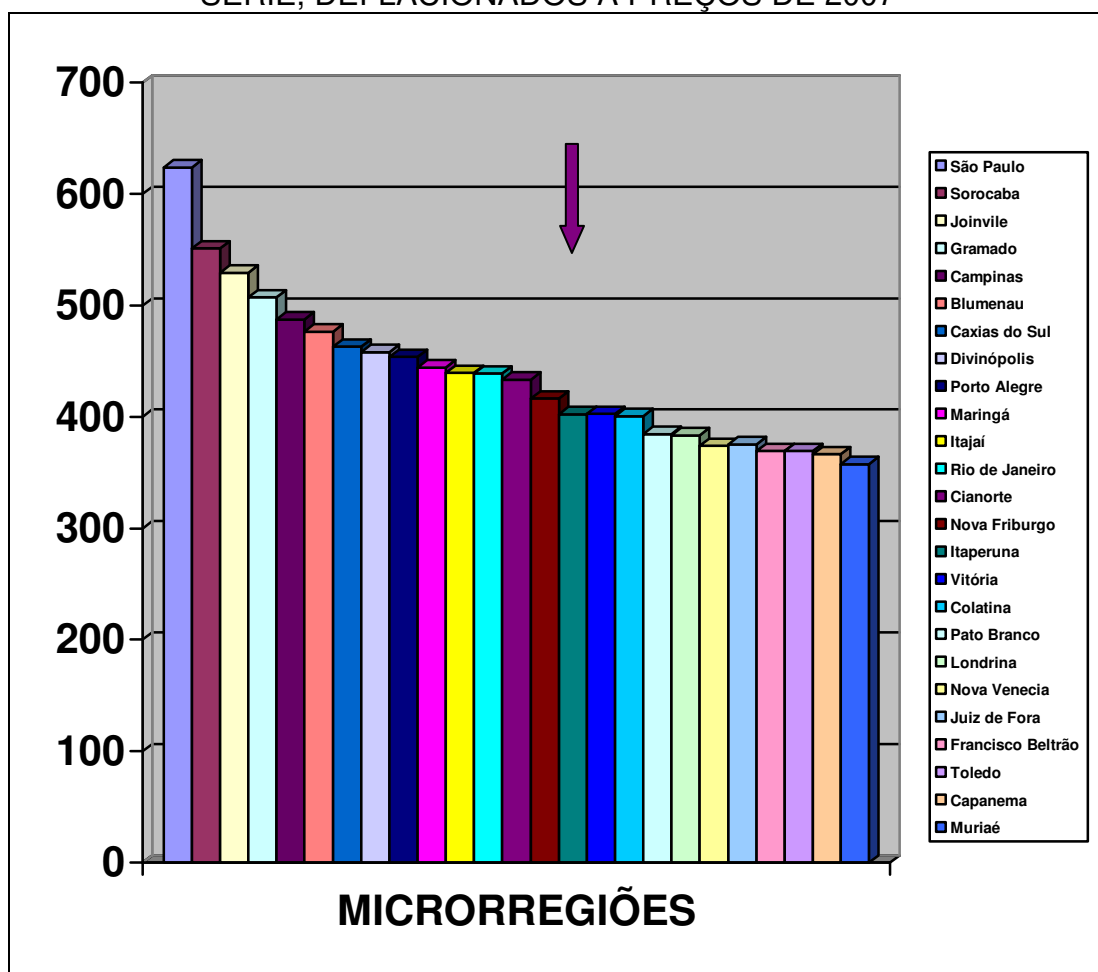
763215 Costureiro, a máquina na confecção em série		
Posição	MICRORREGIÃO	VALOR DO SALÁRIO MÉDIO ATUALIZADO
1ª	São Paulo	623,86
2ª	Sorocaba	550,93
3ª	Joinville	529,49
4ª	Gramado	507,32
5ª	Campinas	487,55
6ª	Blumenau	476,49
7ª	Caxias do Sul	463,16
8ª	Divinópolis	458,16
9ª	Porto Alegre	453,82
10ª	Maringá	444,48
11ª	Itajaí	439,55
12ª	Rio de Janeiro	438,98
13ª	Cianorte	433,33
14ª	Nova Friburgo	416,45
15	Itaperuna	402,32
16ª	Vitória	402,78
17ª	Colatina	400,73
18ª	Pato Branco	384,61
19ª	Londrina	383,36
20ª	Nova Venécia	373,88
21ª	Juiz de Fora	375,25
22ª	Francisco Beltrão	369,31
23ª	Toledo	369,10

Posição	24 ^a	Capanema	366,44
		MICRORREGIÃO	VALOR DO SALÁRIO
	25 ^a	Muriaé	357,53
		Palmas	-
		Prudentópolis	-
763210 Costureiro na confecção em série			
	1 ^a	São Paulo	586,70
	2 ^a	Joinville	510,94
	3 ^a	Campinas	508,29
	4 ^a	Blumenau	471,56
	5 ^a	Sorocaba	470,90
	6 ^a	Rio de Janeiro	461,47
	7 ^a	Caxias do Sul	455,72
	8 ^a	Gramado	453,70
	9 ^a	Porto Alegre	450,08
	10 ^a	Itajaí	430,53
	11 ^a	Divinópolis	425,66
	12 ^a	Cianorte	408,80
	13 ^a	Vitória	408,19
	14 ^a	Nova Friburgo	406,28
	15 ^a	Maringá	403,11
	16 ^a	Itaperuna	401,83
	17 ^a	Prudentópolis	394,09
	18 ^a	Pato Branco	381,36
	19 ^a	Toledo	377,55
	20 ^a	Londrina	374,10
	21 ^a	Colatina	367,37
	22 ^a	Juiz de Fora	365,51
	23 ^a	Francisco Beltrão	363,76
	24 ^a	Muriaé	358,57
	25 ^a	Palmas	350,09
	26 ^a	Nova Venécia	347,01
	27 ^a	Capanema	339,48
763320 Operador de máquina de costura de acabamento			
	1 ^a	Sorocaba	533,82
	2 ^a	São Paulo	514,38
	3 ^a	Campinas	478,41
	4 ^a	Joinville	469,42
	5 ^a	Blumenau	463,75
	6 ^a	Porto Alegre	447,39
	7 ^a	Gramado	416,90
	8 ^a	Caxias do Sul	407,04
	9 ^a	Rio de Janeiro	399,11
	10 ^a	Itajaí	396,92
	11 ^a	Muriaé	389,37
	12 ^a	Prudentópolis	385,41
	13 ^a	Londrina	383,96
	14 ^a	Pato Branco	369,89
	15 ^a	Divinópolis	360,68
	16 ^a	Nova Friburgo	355,15
	17 ^a	Vitória	351,74
	18 ^a	Cianorte	351,23
	19 ^a	Maringá	348,41
	20 ^a	Capanema	343,51
	21 ^a	Juiz de Fora	342,81
	22 ^a	Colatina	342,19
	23 ^a	Francisco Beltrão	332,65
	24 ^a	Toledo	328,66
		Itaperuna	-
		Nova Venécia	-
		Palmas	-

Fonte: MTE/CAGED
Elaborado pelo autor

Considerando as vinte e cinco microrregiões que forneceram dados sobre os salários para a função CBO 763215 costureiro, á máquina na confecção em série, constata-se que os salários praticados na microrregião de Cianorte foram 43,96% inferiores aos salários da microrregião de São Paulo, que teve o melhor desempenho em termos de remuneração para essa função. Cianorte obteve uma modesta 13ª posição nesse ranking. O bairro do Brás, um dos maiores concorrentes de Cianorte, localiza-se na microrregião de São Paulo. Em relação à microrregião de Muriaé, que teve o pior desempenho dentre microrregiões analisadas, o salário de Cianorte foi 21,20% superior. O gráfico 18 apresenta os salários de 25 microrregiões. As regiões de Palmas e Prudentópolis, em razão de não terem disponibilizados os salários dos anos 2004 e 2005, não foram incluídas.

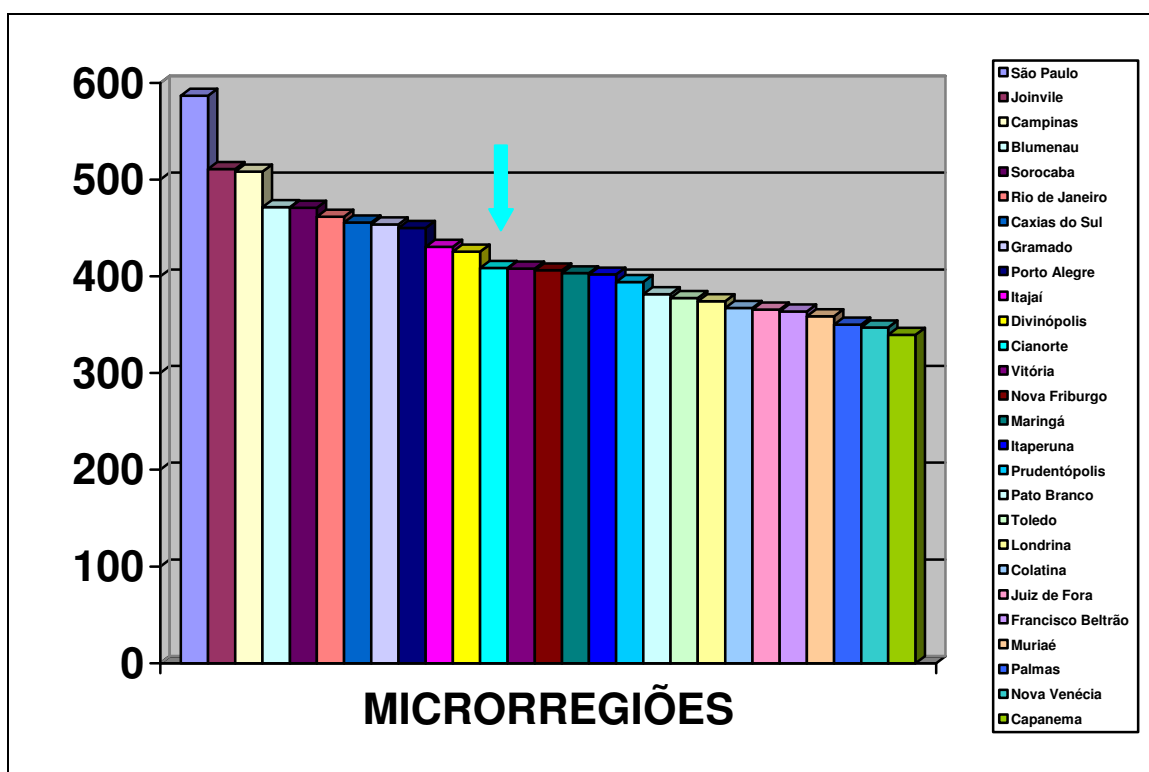
GRÁFICO 18 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763215, COSTUREIRO, A MÁQUINA NA CONFEÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Para a função CBO 763210, costureiro na confecção em série, a microrregião de São Paulo também apresentou o melhor índice de remuneração no período, ficando na 1ª colocação. A microrregião de Cianorte ficou em 12ª posição. O salário de Cianorte foi 43,51% inferior ao salário dessa microrregião e foi 20,41% superior ao salário da microrregião de Capanema, que ocupou a vigésima sétima posição no ranking das regiões.

GRÁFICO 19 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763210, COSTUREIRO NA CONFECÇÃO EM SÉRIE, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

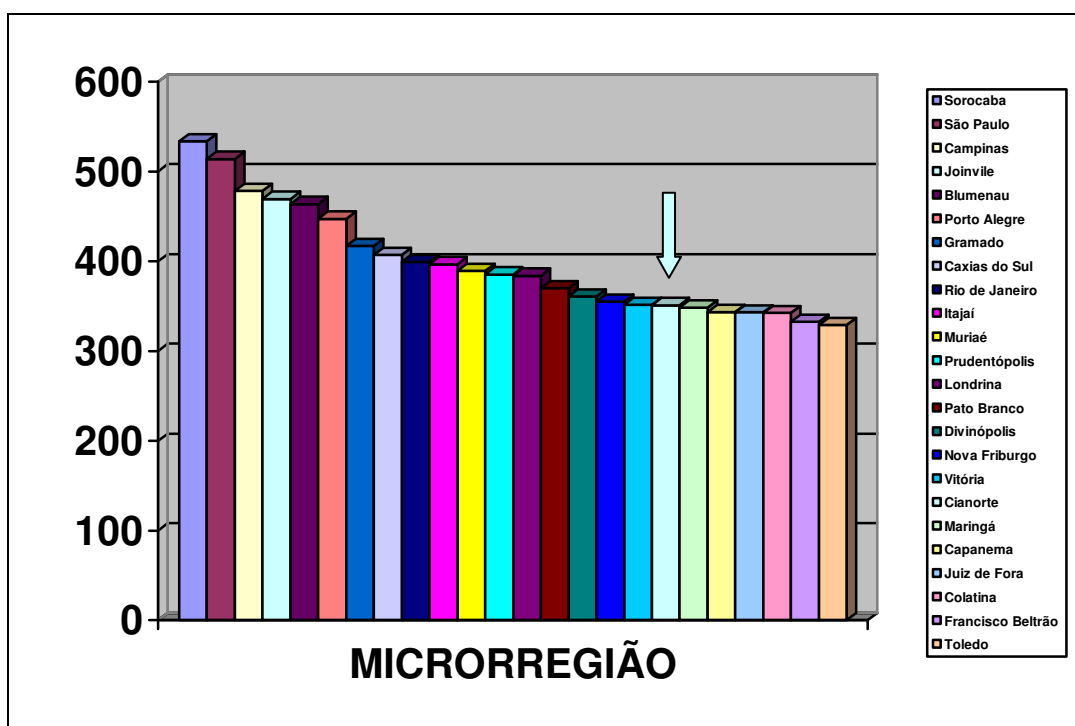


Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Na função CBO 763320, operador de máquina de costura de acabamento, a microrregião de Cianorte ficou na décima oitava posição, tendo no período um salário 51,98% menor do que o da microrregião de Sorocaba, que obteve o melhor desempenho dentre as microrregiões. Em relação ao salário da microrregião de Toledo, que apresentou o pior desempenho em termos de remuneração para essa função, ficando na vigésima quarta posição, o salário praticado em Cianorte foi 6,80% superior. As microrregiões de Itaperuna, Nova Venécia e Palmas não

apresentaram as informações do nível salarial de alguns anos, e, portanto, não aparecem na análise.

GRÁFICO 20 - RANKING DO NÍVEL SALARIAL DOS TRABALHADORES EM TODAS MICRORREGIÕES ESTUDADAS, NO PERÍODO DE 2003 À 2007, INCLUINDO A MICRORREGIÃO DE CIANORTE, NA FUNÇÃO CBO 763320, OPERADOR DE MÁQUINA DE COSTURA DE ACABAMENTO, DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: MTE
Elaborado pelo autor

Conforme citamos no capítulo 2, de acordo com a OECD (2003), a competitividade regional está associada a estratégias e ações que tornem a economia de uma determinada região dinâmica, ampliando a quantidade e a qualidade dos empregos, tendo como base um alto desempenho da produtividade em atividades capazes de gerar altos níveis salariais.

Há evidências que na região onde está localizado o Polo de confecções de Cianorte, a atividade confeccionista não está conseguindo assegurar aos trabalhadores altos níveis salariais, o que torna a região menos competitiva de acordo com o enfoque teórico desse trabalho.

Quando se compara a remuneração das 3 funções analisadas e que representam a real escassez de mão-de-obra do setor, percebe-se que a

remuneração dessas funções no Polo de Cianorte são menores do que as demais funções de outras atividades econômicas do estado do Paraná, ou seja, percebe-se que a remuneração do setor confeccionista não é atrativa para os trabalhadores.

Como se pode observar na tabela 17, no Paraná a remuneração média de outros setores foi superior aos salários praticados nas indústrias confeccionistas. Para a função CBO 763320, Operador de máquinas de costura de acabamento que foi de R\$ 351,23, foi inferior a todas as demais atividades. Na função 763210, Costureiro na Confeção em Série, cuja remuneração média no período foi de R\$ 408,80, sendo superior apenas às funções dos trabalhadores das lavouras de cana, faxineiro e empregados domésticos, cujas remunerações respectivas foram de R\$ 400,59; R\$ 379,23 e R\$ 391,52. Todas as demais atividades relacionadas na tabela 17 apresentam maiores índices de remuneração.

Para a função CBO 763215, Costureiro, à máquina na confecção em série, que foi de R\$ 433, 33, as funções de trabalhadores da cultura de cana de açúcar, faxineiro, operador de caixa, cozinheiro, atendente de lanchonete, recepcionista, garçom, empregados domésticos e camareira de hotel apresentam remuneração média inferior. As demais são superiores.

Isso evidencia que em termos de remuneração, a atividade de costura, que representa a maior dificuldade das empresas de Cianorte, não é uma atividade atrativa, o que confirma nossa hipótese de que a deficiência na mão-de-obra deriva-se dos baixos salários praticados na região em relação a outras atividades profissionais e salários inferiores aos trabalhadores da confecção de outras regiões do Brasil.

5.3 IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS REGIÕES CONCORRENTES

No Paraná, o Polo de confecções de Maringá e o de Londrina são os que mais oferecem concorrência aos produtos de Cianorte, uma vez que esses Polos tem o jeans como carro-chefe de suas vendas, tal como Cianorte. A pesquisa de campo identificou que 33,33% das empresas tem o jeans como o principal produto comercializado.

O Polo de Maringá adotou uma estratégia parecida com o Polo de Cianorte para suas vendas, mantendo vários Shoppings atacadistas. Geralmente, as

excursões de compras que visitam Cianorte também visitam os centros atacadistas dos Polos de Maringá e Londrina.

Os Polos de Terra Roxa, Imbituva e o Polo do sudoeste do Paraná, embora também produzam peças com as mesmas características das fabricadas em Cianorte, não fazem parte do roteiro dessas excursões de compras.

Os Polos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo também atuam no mercado nacional e internacional e disputam fatias de mercado com os produtos de Cianorte, porém, o grande concorrente de Cianorte é o Polo de São Paulo. Nessa microrregião está a concentração industrial e comercial do Brás, que reúne um grande número de empresas. O Brás, tal qual Cianorte, também adotou um sistema de vendas fortemente alicerçada no atendimento de excursões de compras, com a presença tanto de empresas de maior porte, como também, de sacoleiros e pequenos empresários. O Brás conta com uma grande variedade de produtos e lojas das fábricas, concentrados nas ruas Maria Marcolina, Oriente e Largo da Concórdia. Recebe visitas tanto dos clientes do Polo de Cianorte como também de outras regiões do Brasil. É um dos maiores produtores de confecções em Jeans do país, o que o torna um dos principais concorrentes dos produtos de Cianorte. O sistema de vendas adotado pelo Brás, que permite vendas tanto no atacado como no varejo para um número superior a 6 unidades, é um atrativo para os sacoleiros e pequenos comerciantes, que também são compradores potenciais de Cianorte. No Brás está também o shopping atacadista Mega Polo Moda, o maior shopping de atacado da América Latina com 400 lojas, um cadastro de 35.000 clientes e que recebe a visita de aproximadamente 2.500 pessoas por dia. O Mega Polo Moda possui um hotel com capacidade para 300 hóspedes, o que se torna um atrativo para os clientes, que acabam tendo maiores comodidades para realizarem suas compras, sendo que clientes preferências tem hospedagem e alimentação gratuitas.

O Brás produz dez milhões de peças por mês, e exporta um milhão delas, principalmente para o México, Estados Unidos, Canadá e Europa. O processo de fabricação é na maioria das vezes terceirizado, inclusive para empresas do Paraná e de Santa Catarina. O Brás também comercializa produtos fabricados na China, o que em termos de preços o torna mais competitivo do que o Polo de Cianorte. (www.portaisdamoda.com.br).

Uma vantagem das empresas do Polo de Cianorte em relação ao Brás é o crédito oferecido, que permitem aos seus clientes comprarem com prazos de 30, 60, 90 e 120 dias para pagamentos, normalmente com cheques pré-datados. No Brás, essas condições de pagamentos não fazem parte do contexto normal das vendas, razão pela qual muitos clientes deixam de comprar em São Paulo e se deslocam nas excursões para Cianorte, que também oferece serviços de hotel e restaurante sem custos para essa clientela seleta.

De acordo com a pesquisa de campo, 13,46% das vendas do Polo de Cianorte são focadas principalmente em pequeno empresários ou até mesmo em sacoleiros. Essa característica faz com que outros Polos da região sul e sudeste, que normalmente realizam vendas para grandes magazines em escala maior, não disputem a mesma fatia de mercado dos fabricantes de Cianorte. Mesmo as vendas por intermédio de vendedores ou representantes comerciais que representam, de acordo com a pesquisa de campo, 34,61% das vendas das empresas de Cianorte, focam clientes que comprem em menor escala, uma vez que a própria capacidade de produção média mensal das empresas de Cianorte foi de 10.308 peças, considerando que no período de 2003 a 2007, houve uma produção média mensal no Polo de 5.978.668 peças, conforme apontou a pesquisa. Isso permite vendas em escala pequena, normalmente a um grande número de pequenas empresas cuja compra mensal ficou em torno de 100 a 200 peças. O público alvo das empresas de Cianorte são os clientes da classe B, que na pesquisa representam 40,54% das vendas; classe C, com 25,68% das vendas e classe A, com 22,97%.

Em síntese, os principais concorrente em potencial para o Polo de Cianorte são: Brás, Maringá e Londrina, principalmente em razão de que realizam vendas por meio de atendimento de excursões de clientes, concentrando em shopping e em ruas específicas uma grande variedade de lojas das fábricas.

5.4 IMPACTO DA ESCASSEZ DA MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA NA PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS

Num mercado globalizado, a qualidade torna-se um componente fundamental para garantir a competitividade. Os consumidores tornam-se cada vez mais exigentes, desejando produtos e serviços com maior qualidade, mas com preços acessíveis e que atendam a suas necessidades. Isso obriga as empresas a

reduzirem seus preços para manterem-se no mercado, o que se torna possível com o aumento da produtividade, que permite que a empresa reduza seus custos de produção e com isso possa praticar menores preços mantendo taxas adequadas de lucratividade, e assim, possa conquistar e manter mercados.

Como foi citado no anteriormente, o maquinário utilizado nas indústrias de confecções não difere de forma significativa de uma região para outra, principalmente no Polo de Cianorte, onde, de acordo com a pesquisa de campo, 46,15% das empresas possuem máquinas de segunda geração, o que as coloca numa situação de defasagem tecnológica. A pesquisa apontou que 53,85% das empresas já adquiriram máquinas de terceira geração, ou seja, eletrônicas. Esse fator é de grande importância para a produtividade.

Para as empresas que não dispõem de máquinas eletrônicas, fatores que podem auxiliar na produtividade são a organização do trabalho e a qualificação da mão-de-obra existente. O Polo, conforme dados da pesquisa de campo, sofre com a falta de mão-de-obra especializada, sendo que 62,50% das empresas alegam que há escassez de mão-de-obra especializada para atender a demanda da região. Considerando que os processos produtivos são similares em todas as microrregiões estudadas, um fator capaz de afetar de forma significativa a produção do Polo é a qualidade dos seus trabalhadores. Como se observou no item 4,7 há uma grande dificuldade em treinar a mão-de-obra, principalmente as relacionadas às funções da costura. A ausência de programas eficientes de qualificação profissional inibe as ações de expansão das empresas e a ampliação do seu quadro de trabalho. Isso impossibilita a expansão de suas atividades e o aumento da produtividade, o que impacta de forma negativa no processo de competitividade das empresas.

Uma importante contribuição teórica que auxilia na explicação dessa questão é mencionada no capítulo 2, em que é citada a Teoria do Crescimento Endógeno, que formaliza a importância do capital humano nas questões da produtividade. De acordo com esse enfoque teórico, os trabalhadores quando recebem qualificação adequada tendem a tornarem-se mais produtivos e inovadores, trazendo benefícios tanto para as empresas como para as economias regionais. De acordo com esse enfoque teórico, as diferenças regionais na produtividade e no crescimento podem ser explicadas pelas diferenças em termos de tecnologia e capital humano, e que, melhorias na tecnologia e no capital humano são os motores do crescimento.

De acordo com a pesquisa de campo, 61,9% dos empresários consideram que o problema da escassez da mão-de-obra especializada possa ser resolvido com a realização de cursos de qualificação profissional, principalmente nas áreas de operação de máquinas e de controle da qualidade. Dos entrevistados, 9,52% sugeriram que devem ser criadas novas unidades de escolas empresas, que possam realizar treinamentos em situações reais de trabalho. A pesquisa apontou também que a maioria das empresas do Polo de confecções de Cianorte é composta por micro e pequenas empresas, sendo que 42,86% são micro e 38,10% são pequenas. Para esses empresários, a falta de capital impede o investimento na qualificação dos trabalhadores.

No capítulo 2, utilizamos o estudo de Albuquerque (2001) que explica essa situação ao afirmar que um dos elementos principais para garantir o processo de inovação produtiva e empresarial é a disponibilidade de recursos humanos qualificados. Porém, para que isso ocorra é necessário tempo e investimentos. Segundo Albuquerque, a capacitação dos recursos humanos não produz efeitos em curto prazo, e isso desestimula principalmente as micro e pequenas empresas a investirem nesse tipo de ação por não possuírem recursos financeiros para esse fim. O referido autor também defende que é por meio da qualidade dos recursos humanos que se consegue a diminuição dos custos de produção e aumento da qualidade dos produtos e serviços, ampliando assim, a capacidade produtiva e a competitividade das empresas e da região.

No período de 2003 a 2007, segundo dados da pesquisa de campo, embora tenha ocorrido crescimento das atividades do Polo de confecções de Cianorte, um grande número de empresas trabalhou abaixo da sua capacidade instalada. Em entrevistas com empresários e com representantes do SEBRAE, identificou-se que essas empresas alegam não ter ampliado o seu nível de atividade em razão da falta de mão-de-obra qualificada na região. A tabela 31 e os gráficos 21 a 25 mostram o grau de ociosidade da capacidade produtiva das empresas.

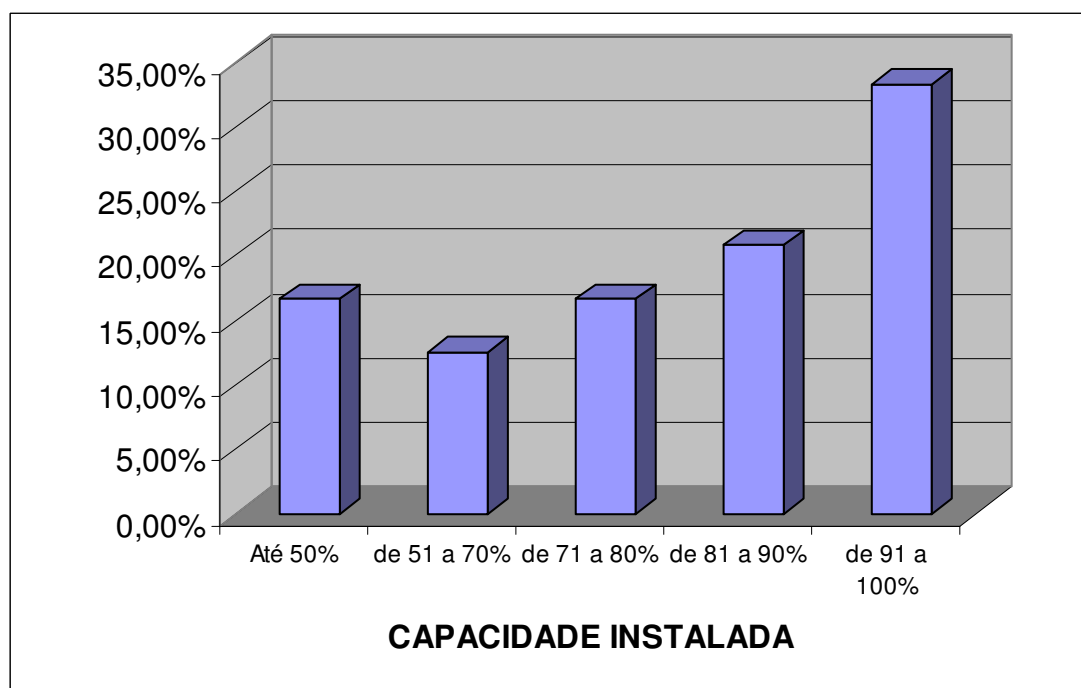
TABELA 31 – NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE, NO PERÍODO DE 2003 A 2007

Continua					
CAPACIDADE INSTALADA	2003	2004	2005	2006	2007
Até 50%	16,67%	12,50%	8,33%	8,33%	4,17%
de 51 a 70%	12,50%	12,50%	16,67%	12,50%	8,33%

CAPACIDADE INSTALADA	2003	2004	2005	2006	2007
de 71 a 80%	16,67%	20,83%	8,33%	8,33%	8,33%
de 81 a 90%	20,83%	25,00%	29,17%	33,33%	29,17%
de 91 a 100%	33,33%	29,17%	37,50%	37,50%	50,00%

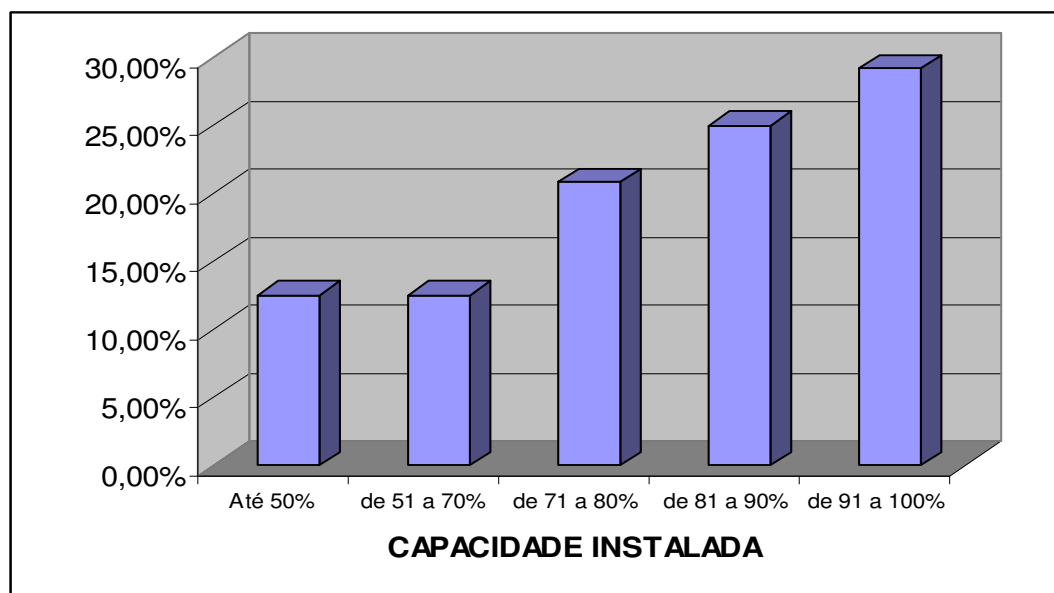
Fonte: Pesquisa de Campo (2009)

GRÁFICO 21 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2003



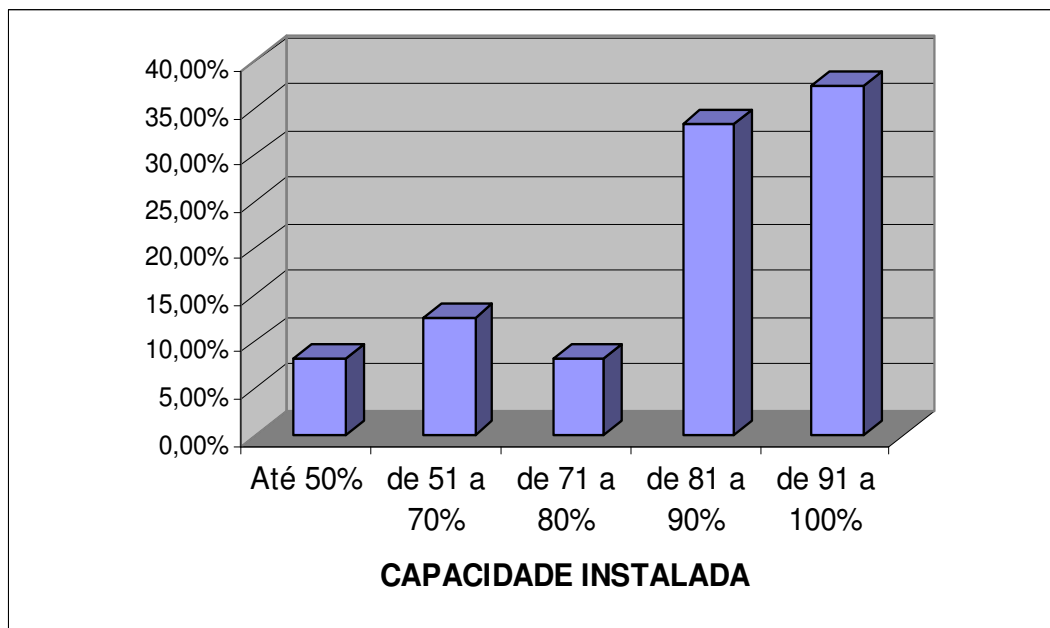
Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 22 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2004



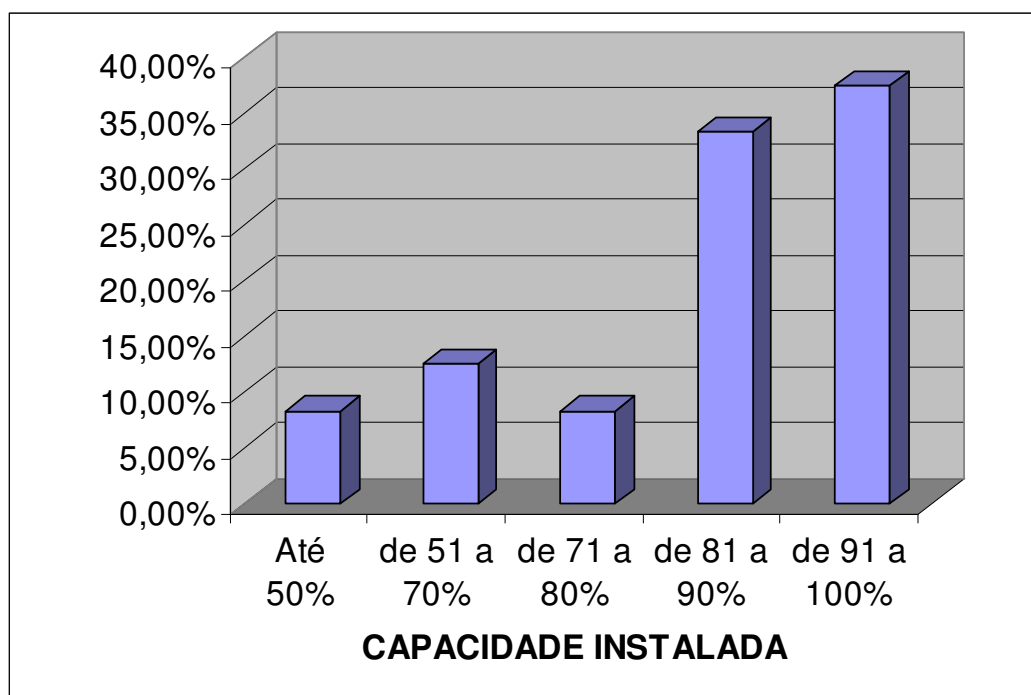
Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 23 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2005



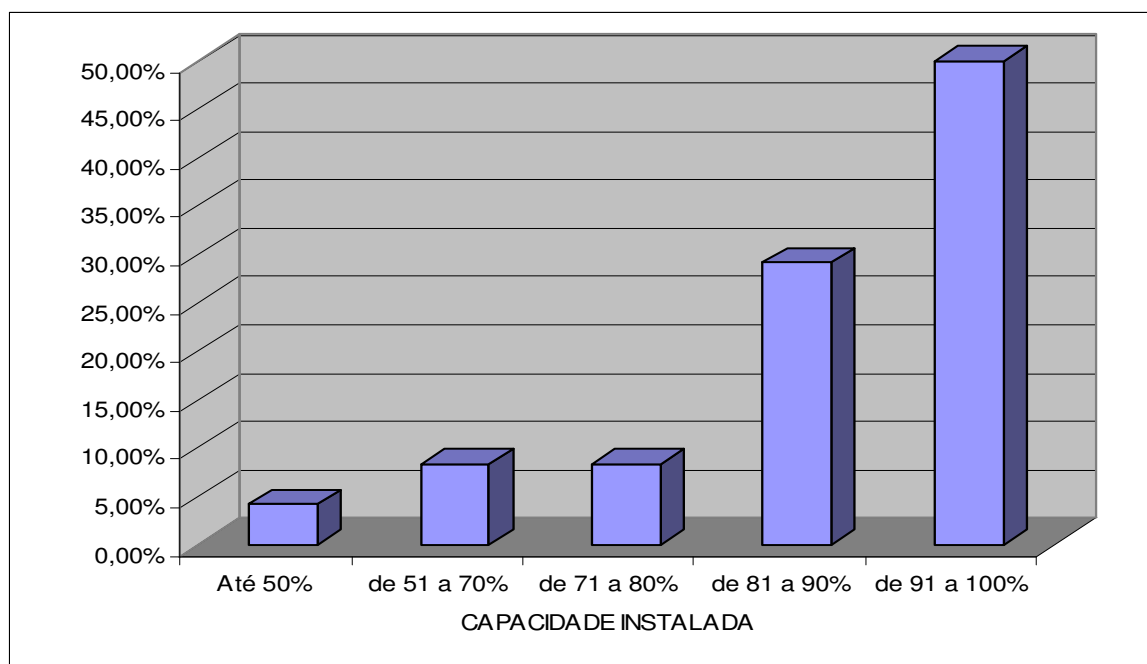
Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 24 - UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2006



Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 25- UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS DO POLO DE CIANORTE EM 2007



Fonte: Pesquisa de Campo (2009)
Elaborado pelo autor

A falta de mão-de-obra nas funções da costura parece ter uma forte relação com a natureza do trabalho das costureiras, que é um trabalho exaustivo e repetitivo, que impossibilita as iniciativas de criatividade, inovação, fatores que influenciam fortemente o ambiente de trabalho e o estado psicológico dos funcionários. Como foi apontado anteriormente, os salários médios da categoria são inferiores a outras categorias profissionais, que a priori, não exercem atividades tão estafantes como as atividades das costureiras. A pesquisa de campo identificou também que as empresas não oferecem grandes benefícios aos trabalhadores, sendo que 20% das empresas utilizam de sistemas de premiação por produção, 19,13% oferecem convênios com farmácias e 17,39% premiam a assiduidade dos trabalhadores. Das empresas entrevistadas, 12,17% possuem refeitório próprio e 14,78% oferecem vale transporte. Apenas 5,22% realizam a doação de cestas básicas, 5,22% tem convênios médico-odontológico e 6,09% tem convênios com supermercados.

Percebe-se que 80,50% das costureiras possuem baixa escolaridade, o que sugere que essas pessoas ao adquirirem um maior grau de escolaridade, acabam por optar por outras profissões, e que os trabalhadores mais jovens não se sentem motivados a trabalharem na linha de produção como costureiros, conforme apontam

dados do IPARDES (2004), em que a maioria dos trabalhadores da costura está na faixa etária de 30 anos.

Os salários praticados em Cianorte não são atrativos para atrair mão-de-obra de outras regiões. A pesquisa de campo apontou que 90,31% das empresas utilizam de 90 a 100% da mão-de-obra da própria região. Esses dados sugerem que é necessário o aprimoramento da mão-de-obra existente, visando a melhorar a produtividade dos trabalhadores. Somente produzindo mais é que será possível ser mais competitivo nessas condições, reduzindo os custos de fabricação não apenas com relação à mão-de-obra, mas também implementar sistemas de gestão que permitam a redução dos custos, como por exemplo, um sistema de gestão da qualidade, que auxilie a empresa a reduzir o retrabalho e o desperdício.

Como foi citado na fundamentação teórica, com base nos relatórios da OECD, os custos de produção podem afetar diretamente a competitividade da região no mercado nacional e internacional. Esses custos são influenciados pelos gastos com salários, custos de capital, custos de matéria-prima, custos dos insumos e nível tecnológico.

A pesquisa de campo identificou que 31,58% das empresas utilizam como método de controle da qualidade apenas a inspeção final do produto acabado, o que eleva os custos de produção em razão do desperdício de matéria-prima e do retrabalho necessário para corrigir defeitos de fabricação. Das empresas entrevistadas, nenhuma declarou adotar os requisitos ISO 9000 em seus processos. Essa prática tende a auxiliar na redução de custos, no aumento da produtividade e da qualidade dos produtos, e sua ausência pode indicar que as empresas encontram maiores dificuldades de manter um o padrão de qualidade de seus produtos, o que pode afetar a sua comercialização. A pesquisa identificou também que apenas 12,77% das empresas declararam ter introduzido novas técnicas de gestão no período em estudo.

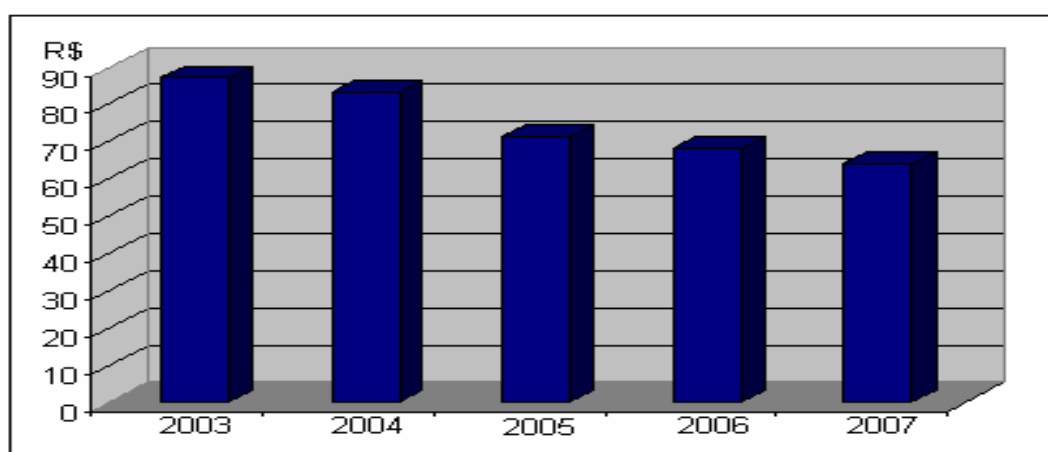
Para Albuquerque (2001), citado no embasamento teórico deste trabalho, ao adotar inovações tecnológicas a empresa incorpora novas técnicas que acabam modificando o sistema de produção e na maioria dos casos, leva a um incremento de produtividade e redução de custos operacionais. Contudo, isso exige novos métodos de gestão por parte das empresas.

A utilização de máquinas de terceira geração podem também contribuir para essa redução dos custos, no entanto, a sua operacionalização exige mão-de-obra

melhor qualificada e com maior grau de educação formal. Sem mão-de-obra as empresas não podem ampliar sua produção, mesmo que haja mercado para tanto. A pesquisa de campo identificou também, que algumas empresas deixaram de utilizar 50% de sua capacidade instalada, mesmo tendo novos clientes interessados em seus produtos. No que se refere ao uso de novas tecnologias, perguntamos aos empresários que nota de um a dez eles atribuíam às suas próprias empresas. Atribuíram notas abaixo de cinco 9,52% dos entrevistados; 23,80% atribuíram nota sete; 26,19% nota oito; 14,29% nota nove e 11,90% atribuíram nota dez. Essa informação indica que o próprio empresariado local reconhece que há defasagem tecnológica em suas empresas.

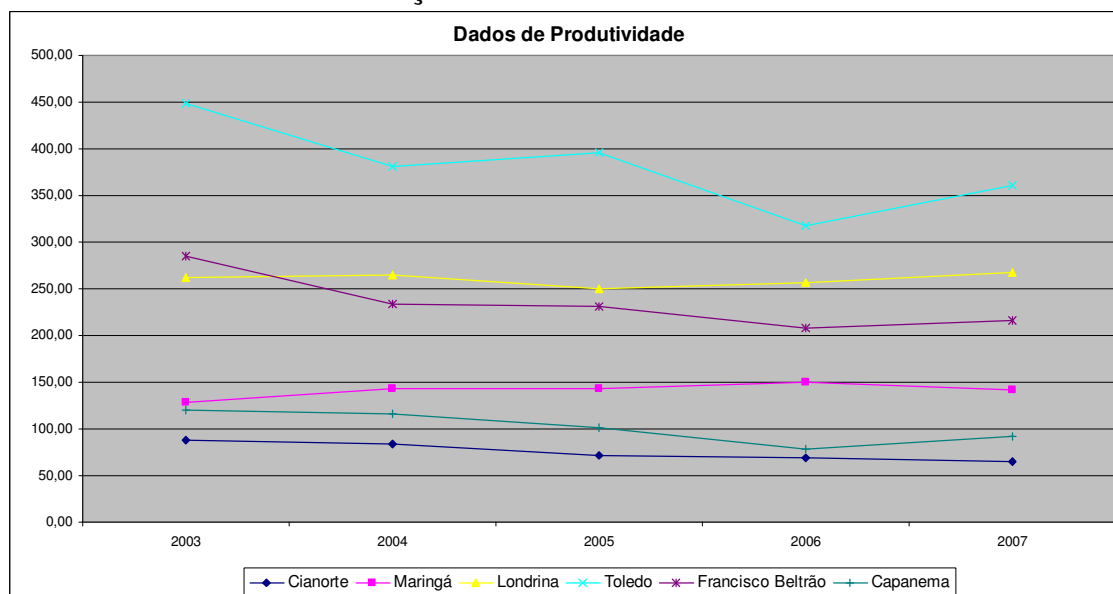
No Polo de Cianorte, a falta de mão-de-obra qualificada, a defasagem tecnológica e gerencial e a prática de baixos salários, parecem influenciar de forma negativa a produtividade do setor. O gráfico 26 evidencia que no período de 2003 a 2007, o Polo de Cianorte sofreu uma constante redução na sua produtividade. O gráfico 27 destaca a produtividade de outros Polos confeccionistas do estado do Paraná, permitindo uma comparação entre o desempenho da microrregião de Cianorte em relação a outras regiões.

GRÁFICO 26 - PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES DO POLO DE CIANORTE, CONSIDERANDO O VALOR EM R\$ DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007, POR HORA TRABALHADA



Fonte: SEFA (2009)
Elaborado pelo autor

GRÁFICO 27 – PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS POLOS CONFECCIONISTAS DO PARANÁ, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007



Fonte: SEFA (2009) e RAIS (2008)
Elaborado pelo autor

Como se pode observar, a produtividade do Polo de Cianorte declinou no período de 2003 a 2007, tendo a pior performance das regiões analisadas no estado do Paraná.

Os dados reunidos neste estudo indicam que os baixos salários praticados no Polo de Cianorte desmotivam os trabalhadores da região a atuarem no ramo confeccionista e dificultam atrair trabalhadores de outras regiões, acentuando a escassez de mão-de-obra especializada na microrregião. Da mesma forma, a defasagem tecnológica, a defasagem gerencial e a baixa escolaridade dos trabalhadores, indicam para o comprometimento da produtividade do setor, tornando a região menos competitiva no cenário nacional e internacional.

CONCLUSÃO

A atividade confeccionista no estado do Paraná apresentou um constante crescimento no período em estudo, demonstrando um aumento de 24,09% no número de estabelecimentos de indústrias confeccionistas e 36,50% na geração de empregos. Pode-se observar que mesmo em regiões menos desenvolvidas e mais pobres, essa atividade demonstrou crescimento, principalmente em razão do baixo investimento necessário para se instituir uma indústria de confecções. Um outro ponto relevante para esse crescimento foi que a indústria do vestuário não deixou de conquistar espaços nesse período, mesmo com a chegada dos produtos chineses, os produtos brasileiros conseguiram conquistar e manter mercados.

O Polo de confecções de Cianorte, de acordo com os dados desta pesquisa, não estagnou no período em estudo, contrariando as afirmações de lideranças empresarias e sindicais da região. A quantidade de estabelecimentos industriais cresceu 21,08%; o número de empregos teve uma elevação de 53,49%, e o valor adicionado do período teve um crescimento médio positivo de 3,12%. Esses dados indicam com clareza que no período de 2003 a 2007 não houve estagnação da capacidade produtiva do Polo de Cianorte.

Os dados da pesquisa apontam para uma real escassez de mão-de-obra na região, indicando que a principal causa da falta de interesse dos trabalhadores em preencher as vagas de trabalho oriundas do setor confeccionista pode ser o baixo nível salarial praticado na microrregião de Cianorte.

Os salários praticados no Polo de confecções de Cianorte são os mais baixos da região sul do Brasil e estão numa posição tímida comparados aos salários dos Polos confeccionistas localizados nos estados do sudeste brasileiro, o que fornece indícios de que há uma grande dificuldade de atrair trabalhadores dessas regiões. Entre as 27 microrregiões analisadas, Cianorte obteve a 13ª posição para a função de costureiro à máquina na confecção em série; 12ª posição na função de costureiro na confecção em série; e a 18ª posição na função de operador de máquinas de costura de acabamento. Ressalta-se que essas funções são as mais carentes de mão-de-obra especializada na região de Cianorte.

A pesquisa sugere também que a capacidade gerencial das empresas é deficitária, sendo necessária a implementação de modelos de gestão mais adequados e o uso de novas tecnologias para melhorar a produtividade das

empresas, como o uso do CAM e CAD, programas de gestão da qualidade; certificação ISO 9000 e planejamento estratégico.

No que se refere à caracterização do Polo, a pesquisa constatou que o Polo de Cianorte é composto por uma grande maioria de micro e pequenas empresas, e que a maioria dos empresários eram trabalhadores nas indústrias de confecções e com o passar do tempo e acúmulo de experiência, optaram por tornarem-se empreendedores, abrindo pequenos negócios e gerenciando-os. Uma considerável parcela dos empresários, 41,03% possui baixa escolaridade e 58,54% das empresas não tem acesso a serviços de consultoria administrativa para seus negócios. Esse grupo de empresa também tem dificuldade para qualificar seus recursos humanos e ter acesso às novas tecnologias, o que sugere que essas empresas encontram maiores dificuldades em serem competitivas no mercado nacional e internacional.

Talvez, como consequência desses fatores, a produtividade do Polo de confecções de Cianorte foi profundamente abalada e apresentou o pior desempenho entre as regiões estudadas, no período de 2003 a 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO – ABIT. Disponível em www.abit.org.br. Acesso em 18/12/2008.

ALBURQUERQUE, F. **Desenvolvimento econômico local**: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política. Tradução de Antonio Rubens Pompeu Braga, Rio de Janeiro, BNDS, 2001.

BAPTISTA, J. R. V. **Relações socioeconômicas em rede**: a governança no Arranjo Produtivo do Vestuário de Cianorte no Estado do Paraná. (Dissertação de Mestrado) Curitiba, UFPR, 2005.

BECKER, F; BANDEIRA, P. **Desenvolvimento local e regional**: Determinantes e desafios contemporâneos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BIANCHI, P. **Nuevo enfoque em el diseno de políticas para las P&MEs**: Aprendiendo de la experiencia europea. Buenos Aires: Cepal, 1996 (Documento de trabajo 72).

BOISIER, S. **Em busca do esquivo desenvolvimento regional**: entre a caixa-preta e o projeto político. Revista Planejamento e Políticas Públicas nº 13 - jun. de 1996

CAMPOS, A.C. **Arranjos produtivos no Estado do Paraná**: o caso do município de Cianorte. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ - FIEP -: Disponível em: <http://www.ielpr.org.br/apl/FreeComponent1574content28064.shtml>. Acesso em 04/12/2008.

GORINI, A.P.F. **Panorama no setor têxtil no Brasil e no mundo**: reestruturação e perspectivas, BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 12, p.17-50, set. 2000. Disponível em: <http://bndes.gov.br/conhecimento/bnsetl2002.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE - . Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 15/12/2008.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES - Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/imp.php?page=tabela>. Acesso em 08/12/2008.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Arranjo produtivo local do vestuário da Região de Umuarama-Cianorte no Estado do Paraná / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba : IPARDES, 2004.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL LTDA. Relatório setorial da indústria têxtil brasileira. São Paulo: RR Donnelley, 2008.

LUPATINI, M. **Relatório setorial da indústria têxtil-vestuário**. São Paulo: Finep, 2004. Disponível em: http://finep.gov.br/PortalDPP/relatório_setorial/impressão_relatorio.asp?Ist_setor+23>.

MAIA, K. **Confecções em Cianorte: um distrito industrial?** [Dissertação de mestrado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1994.

MARSHALL, A. *Princípios de economia*: trabalho introdutório. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE - Disponível em <http://perfildomunicipio.caged.com.br>. Acesso em 08/12/2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO MTE. Disponível em <http://mte.gov.br/rais/2007/arquivos/resultados.br>. Acesso em 08/12/2008.

NORONHA, E. G.; TURCHI, L. **Política industrial e ambiente institucional na análise de arranjos produtivos locais**. Brasília: IPEA, 2005. (Texto para discussão, 1076).

ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **A Study on the factors of regional competitiveness**: A draft final report for the European Commission Directorate-General regional policy. University of Cambridge, 2003.

PERROUX, F. **O conceito de Polo de crescimento**. In: SCHWARTZMAN, Jacques. *Economia Regional. Textos Escolhidos*. Belo Horizonte, Cedeplar, 1977.

PORTER, M., **A Vantagem Competitiva das Nações**. Tradução de Waltensir Dutra. Campus: Rio de Janeiro, 1993.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS – Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/imp.php?page=tabela>. Acesso em 08/12/2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSTOW, **The Stages of Economic Growth**, Cambridge University Press, 1960.

SCHWARTZMAN, J. **Economia regional**. Textos escolhidos. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL – SEPL -. Rede APL. Disponível em www.redeapl.gov.br. Acesso em 15/12/2008.

UNIÃO DOS REPRESENTANTES TÊXTEIS DO ESPÍRITO SANTO – URTEX disponível em: (http://www.costuraperfeita.com.br/edicao/mostrar_noticia.php?id=599).

www.portaisdamoda.com.br/noticialnt~id~17975~n~bras+o+maior+polo+de+confeccoes+do+pais.htm. Acesso em 22/05/2009.

ANEXOS

ANEXO I

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DO PARANÁ

01 - Microrregião Geográfica Paranavaí	Alto Paraná; Amaporã; Cruzeiro do Sul; Diamante do Norte; Guairaçá; Inajá; Itaúna do Sul; Jardim Olinda; Loanda; Marilena; Mirador; Nova Aliança do Ivaí; Nova Londrina; Paraíso do Norte; Paranacity; Paranaipoema; Paranavaí; Planaltina do Paraná; Porto Rico; Querência do Norte; Santa Cruz de Monte Castelo; Santa Isabel do Ivaí; Santa Mônica; Santo Antonio do Caiuá; São Carlos do Ivaí; São João do Caiuá; São Pedro do Paraná; Tamboara; Terra Rica
02 - Microrregião Geográfica Umuarama	Altônia; Alto Paraíso (1); Alto Piquiri; Brasilândia do Sul; Cafezal do Sul; Cruzeiro do Oeste; Douradina; Esperança Nova; Francisco Alves; Icaraíma; Iporã; Ivaté; Maria Helena; Mariluz; Nova Olímpia; Perobal; Pérola; São Jorge do Patrocínio; Tapira; Umuarama; Xambrê.
03 - Microrregião Geográfica Cianorte	Cianorte; Cidade Gaúcha; Guaporema; Indianópolis; Japurá; Jussara; Rondon, São Manoel do Paraná; São Tomé; Tapejara; Tuneiras do Oeste
04 - Microrregião Geográfica Goioerê	Altamira do Paraná; Boa Esperança; Campina da Lagoa; Goioerê; Janiópolis; Juranda; Moreira Sales; Nova Cantu; Quarto Centenário; Rancho Alegre D'Oeste; Ubitatã.
05 - Microrregião Geográfica Campo Mourão	Araruna; Barbosa Ferraz; Campo Mourão; Corumbataí do Sul; Engenheiro Beltrão; Farol; Fênix; Iretama; Luiziana; Mamborê; Peabiru; Quinta do Sol; Roncador; Terra Boa.
06 - Microrregião Geográfica Astorga	Ângulo; Astorga; Atalaia; Cafeara; Centenário do Sul; Colorado; Flórida; Guaraci; Iguaçu; Itaguajé; Jaguapitã; Lobato; Lupionópolis; Mandaguaçu; Munhoz de Melo; Nossa Senhora das Graças; Nova Esperança; Presidente Castelo Branco; Santa Fé; Santa Inês; Santo

	Inácio; Uniflor.
07 - Microrregião Geográfica Porecatu	Alvorada do Sul; Bela Vista do Paraíso; Florestópolis; Miraselva; Porecatu; Prado Ferreira; Primeiro de Maio; Sertanópolis.
08 - Microrregião Geográfica Floraí	Doutor Camargo; Floraí; Floresta; Itambé; Ivatuba; Ourizona; São Jorge do Ivaí.
09 - Microrregião Geográfica Maringá	Mandaguari; Marialva; Maringá; Paçandu; Sarandi.
10 - Microrregião Geográfica Apucarana	Apucarana; Arapongas; Califórnia; Cambira; Jandaia do Sul; Marilândia do Sul; Mauá da Serra; Novo Itacolomi; Sabáudia.
11 - Microrregião Geográfica Londrina	Cambe; Ibiporã; Londrina; Pitangueiras; Rolândia; Tamarana
12 - Microrregião Geográfica Faxinal	Bom Sucesso; Borrazópolis; Cruzmaltina; Faxinal; Kaloré; Marumbi; Rio Bom.
13 - Microrregião Geográfica Ivaiporã	Arapuã; Ariranha do Ivaí; Cândido de Abreu; Godoy Moreira; Grandes Rios; Ivaiporã; Jardim Alegre; Lidianópolis; Lunardelli; Manoel Ribas; Nova Tebas; Rio Branco do Ivaí; Rosário do Ivaí; São João do Ivaí; São Pedro do Ivaí.
14 - Microrregião Geográfica Assaí	Assaí; Jataizinho; Nova Santa Bárbara; Rancho Alegre; Santa Cecília do Pavão; São Jerônimo da Serra; São Sebastião da Amoreira; Uraí.
15 - Microrregião Geográfica Cornélio Procopio	Abatia; Andirá; Bandeirantes; Congonhinhas; Cornélio Procopio; Itambaracá; Leopólis; Nova América da Colina; Nova Fátima; Ribeirão do Pinhal; Santa Amélia; Santa Mariana; Santo Antônio do Paraíso; Sertaneja.

16 - Microrregião Geográfica Jacarezinho	Barra do Jacaré; Cambará; Jacarezinho; Jundiá do Sul; Ribeirão Claro; Santo Antônio da Platina.
17 - Microrregião Geográfica Ibaiti	Conselheiro Mairinck; Curiúva; Figueira; Ibaiti; Jaboti; Japira; Pinhalão; Sapopema.
18 - Microrregião Geográfica Wenceslau Braz	Carlópolis; Guapirama; Joaquim Távora; Quatiguá; Salto do Itararé; Santana do Itararé; São José da Boa Vista; Siqueira Campos; Tomazina; Wenceslau Braz.
19 - Microrregião Geográfica Telêmaco Borba	Imbaú; Ortigueira; Reserva; Telêmaco Borba; Tibagi; Ventania.
20 - Microrregião Geográfica	Jaguariaíva Arapoti; Jaguariaíva; Piraí do Sul; Sengés.
21 - Microrregião Geográfica Ponta Grossa	Carambeí; Castro; Palmeira; Ponta Grossa.
22 - Microrregião Geográfica Toledo	Assis Chateaubriand; Diamante D'Oeste; Entre Rios do Oeste; Formosa do Oeste; Guairá; Iracema do Oeste; Jesuítas; Marechal Cândido Rondon; Maripá; Mercedes; Nova Santa Rosa; Ouro Verde do Oeste; Palotina; Pato Bragado; Quatro Pontes; Santa Helena; São José das Palmeiras; São Pedro do Iguaçu; Terra Roxa; Toledo; Tupãssi.
23 - Microrregião Geográfica Cascavel	Anahy; Boa Vista da Aparecida; Braganey; Cafelândia; Campo Bonito; Capitão Leônidas Marques; Cascavel; Catanduvas; Corbélia; Diamante do Sul; Guaraniaçu; Ibema; Iguatu; Lindoeste; Nova Aurora; Santa Lúcia; Santa Tereza do Oeste; Três Barras do Paraná.
24 - Microrregião Geográfica Foz do Iguaçu	Céu Azul; Foz do Iguaçu; Itaipulândia; Matelândia; Medianeira; Missal; Ramilândia; Santa Terezinha de Itaipu; São Miguel do Iguaçu; Serranópolis do Iguaçu; Vera Cruz do

	Oeste.
25 - Microrregião Geográfica Capanema	Ampére; Bela Vista da Caroba; Capanema; Pérola d'Oeste; Planalto Pranchita; Realeza; Santa Izabel do Oeste.
26 - Microrregião Geográfica Francisco Beltrão	Barracão; Boa Esperança do Iguaçu; Bom Jesus do Sul; Cruzeiro do Iguaçu; Dois Vizinhos; Enéas Marques; Flor da Serra do Sul; Francisco Beltrão; Manfrinópolis; Marmeleiro; Nova Esperança do Sudoeste; Nova Prata do Iguaçu; Pinhal de São Bento; Renascença; Salgado Filho; Salto do Lontra; Santo Antônio do Sudoeste; São Jorge d'Oeste; Verê.
27 - Microrregião Geográfica Pato Branco	Bom Sucesso do Sul; Chopinzinho; Coronel Vivida; Itapejara d'Oeste; Mariópolis; Pato Branco; São João; Saudade do Iguaçu; Sulina; Vitorino.
28 - Microrregião Geográfica Pitanga	Boa Ventura de São Roque; Laranjal; Mato Rico; Palmital; Pitanga; Santa Maria do Oeste.
29 - Microrregião Geográfica Guarapuava	Campina do Simão; Candói; Cantagalo; Espigão Alto do Iguaçu; Foz do Jordão; Goioxim; Guarapuava; Inácio Martins; Laranjeiras do Sul; Marquinho; Nova Laranjeiras; Pinhão; Porto Barreiro; Quedas do Iguaçu; Reserva do Iguaçu; Rio Bonito do Iguaçu; Turvo; Virmond.
30 - Microrregião Geográfica Palmas	Clelândia; Coronel Domingos Soares; Honório Serpa; Mangueirinha; Palmas.
31 - Microrregião Geográfica Prudentópolis	Fernandes Pinheiro; Guamiranga; Imbituva; Ipiranga; Ivaí; Prudentópolis; Teixeira Soares.
32 - Microrregião Geográfica Irati	Irati; Mallet; Rebouças; Rio Azu.
33 - Microrregião Geográfica União da Vitória	Bituruna; Cruz Machado; General Carneiro; Paula Freitas; Paulo Frontin; Porto Vitória; União da Vitória
34 - Microrregião Geográfica São Mateus do Sul	Antônio Olinto; São João do Triunfo; São Mateus do Sul.
35 - Microrregião Geográfica Cerro Azul	Adrianópolis; Cerro Azul; Doutor Ulysses.

36 - Microrregião Geográfica Lapa	Lapa; Porto Amazonas.
37 - Microrregião Geográfica Curitiba	Almirante Tamandaré; Araucária; Balsa Nova; Bocaiúva do Sul; Campina Grande do Sul; Campo Largo; Campo Magro; Colombo; Contenda; Curitiba; Fazenda Rio Grande; Itaperuçu; Mandirituba; Pinhais; Piraquara; Quatro Barras; Rio Branco do Sul; São José dos Pinhais; Tunas do Paraná.
38 - Microrregião Geográfica Paranaguá	Antonina; Guaraqueçaba; Guaratuba; Matinhos; Morretes; Paranaguá; Pontal do Paraná.
39 - Microrregião Geográfica Rio Negro	Agudos do Sul; Campo do Tenente; Piên; Quitandinha; Rio Negro; Tijucas do Sul.

Fonte: IBGE 2000

Obs. Até março de 2004, o município de Alto Paraíso denominava-se Vila Alta

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

João Marcos Borges Avelar
Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico – UFPR
Questionário/Roteiro para Entrevista (adaptado do SEBRAE)

PÓLO CONFECCIONISTA DE CIANORTE

1 A ORGANIZAÇÃO (Classificação segundo critérios do SEBRAE

- () micro (até 19 funcionários)
() pequena (de 20 a 99 funcionários)
() média (de 100 a 499 funcionários)
() grande (mais de 500 funcionários)
- 1.1 Razão Social: _____
1.2 Endereço: _____
1.3 Fone: _____ Fax: _____ E-mail: _____
1.4 Data da Fundação: ____/____/____ N° de funcionários _____
1.5 Possui filiais: _____
Onde: _____
1.6 Responsável pelas informações: _____
1.7 Forma Societária () Limitada () Sociedade Anônima () Firma Individual

2. Qual o volume da produção no período de 2003 a 2007?

ANO	Total de peças produzidas
2003	63.448.100
2004	67.638.500
2005	71.980.574
2006	75.429.981
2007	80.222.707

4. A empresa terceiriza serviços?

A - () Sim B - () Não

Se SIM, qual a razão da terceirização? _____

Que tipo de serviços são terceirizados? _____

4. Qual a utilização da capacidade instalada no período em análise?

- 2003 - A () até 50% B () de 51 a 70% C () de 71 a 80% D () de 81 a 90% E () de 91 a 100%.
2004 A () até 50% B () de 51 a 70% C () de 71 a 80% D () de 81 a 90% E () de 91 a 100%.
2005 A () até 50% B () de 51 a 70% C () de 71 a 80% D () de 81 a 90% E () de 91 a 100%.
2006 A () até 50% B () de 51 a 70% C () de 71 a 80% D () de 81 a 90% E () de 91 a 100%.
2007 A () até 50% B () de 51 a 70% C () de 71 a 80% D () de 81 a 90% E () de 91 a 100%.

5. Qual o faturamento da empresa no período de 2003 a 2007?

ANO	TOTAL EM R\$
2003	
2004	
2005	
2006	
2007	

6. Qual a sistemática adotada para o controle da qualidade na sua empresa?

- A () Inspeção de processo
B () Inspeção final no produto acabado
C () Há registros de controle da qualidade
D () Há treinamento para monitoramento do processo
E () Os requisitos ISO 9000 estão implantados
F () Há manutenção preventiva nas máquinas
G () Há desenhos que acompanham o processo produtivo
H - () Especificação técnica na compra de matéria-prima

7. A empresa tem estabelecido formalmente uma política da qualidade?

A - () Sim B - () Não

8. Quais os indicadores gerenciais utilizados para monitorar a eficiência da produção?

- A () Produtividade hora/trabalhada
B () Índice de refugo
C () Índice de devoluções
D () Falta de funcionários
E () Turnover
F () Faturamento por funcionário

G () Outros (especificar) _____

9. Qual o principal canal de comercialização utilizado pela empresa?

- A () venda direta para grandes varejistas
 B () venda direta, para pequenos varejistas
 C () venda direta para atacados
 D () Representante comercial
 E () outros . Especificar _____

10. A empresa realiza pesquisa de mercado para lançamento de novos produtos?

- A () Sim B () Não

11. Quais as principais regiões que a empresa comercializa seus produtos? (estados e municípios).

R. _____

12. Quais são os principais produtos comercializados?

R. _____

13. Qual o segmento do mercado que a empresa atende?

Mercado Interno

- A () Classe A
 B () Classe B
 C () Classe C
 D () Classe D
 E () Classe E

Mercado Externo

- A () Classe A
 B () Classe B
 C () Classe C
 D () Classe D
 E () Classe E

14. A empresa possui sistema de informática em rede?

- A () Sim B () Não

Classe CCEB2008	Renda familiar média
Classe A1	9.733,47
Classe A2	6.563,73
Classe B1	3.479,36
Classe B2	2.012,67
Classe C1	1.194,53
Classe C2	726,26
Classe D	484,97
Classe E	276,70
Total	1.432,84

Fonte: ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

15. Possui sistema de produção CAD/CAM?

- A () Sim B () Não

16. Possui máquinas de terceira geração?

- A () Sim B () Não

17. A empresa utiliza de serviços de assessoria e consultoria? A () Sim B () Não . Em que áreas?

18. Qual a principal dificuldade à entrada de novas empresas concorrentes no pólo?

- A () valor do capital inicial do investimento
 B () falta de capital de giro
 C () acesso à tecnologia
 D () dificuldade de obtenção de matéria-prima
 E () dificuldade em obtenção de mão-de-obra especializada
 F () capacidade ociosa das empresas instaladas
 G () falta de terrenos disponíveis e o seu valor para instalação da fábrica
 H () falta de incentivos do município

19. Qual a sua principal estratégia de competição no mercado nacional

- A () melhoria da qualidade do produto
 B () redução do preço via redução de custos
 C () qualificação do pessoal
 D () investimento em tecnologia
 E () intensificação da propaganda/publicidade
 F () realização de pesquisa de mercado para descobrir novos nichos de mercado
 G () outros _____

20. Quais foram as principais inovações adotadas pela empresa em seus produtos e processo produtivo, no período de 2003 a 2007?

- A () Lançamento de novos produtos
 B () Inclusão de novas máquinas e equipamentos na fábrica
 C () Introdução de CAD/CAM
 D () Introdução de novas matérias-primas
 E () Mudanças no layout da fábrica
 F () Expansão das instalações físicas
 G () Introdução de novas técnicas de gestão
 H () outros _____

21. Qual o montante de novos investimentos em máquinas e equipamentos no período de 2003 a 2007?

- A () até R\$ 100.000,00
 B () de R\$ 100.000,00 até R\$ 200.000,00
 C () de R\$ 200.000,00 até R\$ 400.000,00
 D () de R\$ 400.000,00 até R\$ 800.000,00
 E () de R\$ 800.000,00 até R\$ 1,5 milhão
 F () acima de R\$ 1,5 milhão
 G () Não houve

22. Quais são os principais fornecedores de matérias-primas? (estados e municípios).

R. _____

23. Quais os principais fornecedores de máquinas e equipamentos?

24. Assinale quais os benefícios concedidos pela empresa aos funcionários.

- A () assistência médico-odontológica
 B () vale transporte
 C () convênios com farmácias
 D () refeitório próprio
 E () doação de cesta básica
 F () convênios com mercados
 G () premiação por assiduidade
 H () premiação por produção/racionalização
 I () outros (especificar) _____

25. Qual o turnover? (média mensal). _____%

Qual é o percentual de funcionários parentes? _____%

Qual é o percentual de funcionários da região _____% e de fora da região _____%

26. QUAL O NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS?

ANO	TOTAL
2003	
2004	
2005	
2006	
2007	

27. Quais as principais necessidades de treinamento de funcionários?

28. Qual a escolaridade dos recursos humanos da empresa?

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS	SETOR QUE ATUA
Analfabetos		
Ensino fundamental incompleto		
Ensino fundamental completo		
Ensino médio incompleto		
Ensino médio completo		
Nível universitário incompleto		
Nível universitário completo		
Nível de pós-graduação		

29. Há disponibilidade de mão-de-obra qualificada na região para atender a demanda das empresas?

A () Sim B () Não

Quais áreas são deficientes? _____

30. Qual o grau de escolaridade do diretor da empresa?

- A () Ensino fundamental
 B () Ensino Médio
 C () Ensino superior
 D () Pós-graduado

31. No período de 2003 a 2007, no que se refere à capacidade de produção, a empresa:

- A () Estagnou
 B () Reduziu a capacidade
 C () ampliou a capacidade.

32. Para as respostas a e b, qual a principal razão pela qual a empresa não ampliou a capacidade produtiva?

R. _____

33. A “Escola Fábrica” e os cursos do SENAI estão formando profissionais que atendam as exigências das empresas?

A () Sim B () Não

Justifique _____

34. Há apoio do governo municipal no que se refere á qualificação da mão-de-obra para as atividades das indústrias confeccionistas?

A () Sim B () Não

Justifique: _____

35. Em sua opinião, qual a solução para o problema da falta de mão-de-obra qualificada no pólo de confecções de Cianorte?

R. _____

36. Que nota de 1 a 10 você atribui a sua empresa no que se refere às questões tecnológicas quando comparada as outras empresas concorrentes?

R _____

37. Os salários praticados no Pólo estão acima ou abaixo da média salarial praticada em outras regiões confeccionistas? Justifique.

R . _____

38. Você considera que o nível salarial é o principal motivo da falta de mão-de-obra qualificada do setor? Justifique.

R. _____

39. Qual foi a faixa salarial para os trabalhadores da costura no período:

2003 _____ 2004 _____ 2005 _____ 2006 _____ 2007 _____

ANEXO III

**MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DAS MICRORREGIÕES DO
ESTADO DO PARANÁ, COM VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES
DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007**

TABELA 1 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE CIANORTE

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	283,47	341,69	343,07	389,64	389,81	421,44	427,54	449,60	441,62	441,62	377,10	408,80
763215	302,92	365,13	370,03	420,26	410,96	444,31	446,34	469,37	467,58	467,58	399,57	433,33
763305	242,76	292,62	284,11	322,68	308,72	333,77	356,50	374,90	391,93	391,93	316,80	343,18
760125	258,85	312,01	320,69	364,22	336,95	364,29	369,15	388,20	418,76	418,76	340,88	369,50
516415	250,74	302,23	294,97	335,01	312,81	338,19	369,45	388,51	396,29	396,29	324,85	352,05
763320	254,34	306,57	278,48	316,28	315,71	341,33	364,80	383,62	408,36	408,36	324,34	351,23
763110	375,81	452,99	428,57	486,75	472,76	511,12	570,55	599,99	576,87	576,87	484,91	525,54
760310	323,36	389,77	583,85	663,11	539,20	582,96	593,86	624,50	707,24	707,24	549,50	593,51
763105	298,11	359,33	334,70	380,13	377,22	407,83	429,44	451,60	445,61	445,61	377,02	408,90
784205	233,46	281,41	324,78	368,87	336,00	363,27	382,30	402,03	407,04	407,04	336,72	364,52

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têtil e de confecção); 516415 Passador de roupa, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 2 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE PATO BRANCO

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	338,93	408,54	274,73	312,02	330,48	357,30	393,66	413,97	414,98	414,98	350,56	381,36
763215	313,21	377,53	299,82	340,52	335,58	362,81	379,43	399,01	443,20	443,20	354,25	384,61
763305	256,75	309,48	-	-	328,00	354,62	-	-	-	-	-	-
760125	313,75	378,18	231,80	263,27	305,00	329,75	361,67	380,33	411,68	411,68	324,78	352,64
516415	291,47	351,33	321,00	364,58	373,00	403,27	350,00	368,06	432,00	432,00	353,49	383,85
763320	300,28	361,95	309,50	351,51	300,00	324,34	361,00	379,63	432,00	432,00	340,56	369,89
763110	344,25	414,95	365,00	414,55	400,00	432,46	278,00	292,34	432,00	432,00	363,85	397,26
760310	-	-	330,00	374,80	450,00	486,52	-	-	677,50	677,50	-	-
763105	357,36	430,75	270,83	307,59	316,04	341,69	382,47	402,21	408,47	408,47	347,03	378,14
784205	-	-	311,25	353,50	325,00	351,37	489,86	515,14	388,27	388,27	-	-

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têtil e de confecção); 516415 Passador de roupa, à mão; 763320 Operador de máquina de

costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 3 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE CAPANEMA

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	236,07	284,55	279,26	317,17	313,10	338,51	347,59	365,53	391,67	391,67	313,54	339,48
763215	264,59	318,93	310,82	353,01	344,63	372,60	368,39	387,40	400,25	400,25	337,74	366,44
763305	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
760125	273,50	329,67	316,44	359,40	326,00	352,45	360,88	379,50	421,42	421,42	339,65	368,49
516415	239,53	288,72	279,93	317,93	312,07	337,39	343,93	361,68	388,11	388,11	312,71	338,77
763320	250,27	301,67	290,95	330,45	309,94	335,09	354,90	373,21	377,14	377,14	316,64	343,51
763110	235,60	283,99	279,67	317,63	309,04	334,12	348,65	366,64	381,64	381,64	310,92	336,80
760310	-	-	1240,00	1.408,33	-	-	600,00	630,96	-	-	-	-
763105	285,33	343,93	280,50	318,58	-	-	400,00	420,64	385,71	385,71	-	-
784205	216,00	260,36	307,00	348,67	338,00	365,43	360,00	378,58	398,00	398,00	323,80	350,21

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 4 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO – PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	221,70	267,23	308,60	350,49	347,86	376,09	380,75	400,40	424,58	424,58	336,70	363,76
763215	266,00	320,63	320,80	364,35	345,37	373,40	364,91	383,74	404,44	404,44	340,30	369,31
763305	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
760125	282,12	340,06	296,55	336,81	352,16	380,74	363,33	382,08	402,08	402,08	339,25	368,35
516415	260,14	313,56	280,61	318,70	309,21	334,30	358,90	377,42	405,71	405,71	322,91	349,94
763320	236,47	285,03	282,04	320,33	295,21	319,17	342,03	359,68	379,03	379,03	306,96	332,65
763110	289,86	349,39	308,53	350,41	362,21	391,60	390,10	410,23	464,14	464,14	362,97	393,15
760310	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
763105	243,85	293,93	286,63	325,54	324,70	351,05	362,11	380,79	392,44	392,44	321,95	348,75
784205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 5 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE PALMAS – PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	225,50	271,81	277,56	315,24	313,00	338,40	372,94	392,18	432,83	432,83	324,37	350,09
763215	200,00	241,07	-	-	-	-	377,54	397,02	433,81	433,81	-	-
763305	-	-	-	-	-	-	-	-	422,00	422,00	-	-
760125	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
516415	-	-	129,00	146,51	-	-	-	-	427,00	427,00	-	-
763320	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
763110	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
760310	327,00	394,16	760,00	863,17	900,00	973,03	386,50	406,44	750,00	750,00	624,70	677,36
763105	-	-	-	-	356,10	385,00	451,00	474,27	447,93	447,93	-	-
784205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 6 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO – PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	270,18	325,67	309,10	351,06	348,21	376,47	392,38	412,63	421,94	421,94	348,36	377,55
763215	259,40	312,67	313,89	356,50	343,86	371,76	379,49	399,07	405,51	405,51	340,43	369,10
763305	-	-	-	-	-	-	352,00	370,16	381,60	381,60	-	-
760125	240,66	290,08	263,65	299,44	311,69	336,98	392,84	413,11	425,46	425,46	326,86	353,02
516415	238,80	287,84	247,80	281,44	351,29	379,80	348,22	366,19	387,75	387,75	314,77	340,60
763320	240,24	289,58	255,46	290,14	296,32	320,37	346,73	364,62	378,60	378,60	303,47	328,66
763110	323,45	389,88	348,89	396,25	377,76	408,42	402,79	423,57	437,78	437,78	378,13	411,18
760310	333,78	402,33	616,67	700,38	470,20	508,36	575,00	604,67	656,00	656,00	530,33	574,35
763105	239,93	289,20	271,59	308,46	295,21	319,17	347,39	365,32	373,52	373,52	305,53	331,13
784205	237,60	286,40	273,94	311,13	425,65	460,19	365,48	384,34	428,50	428,50	346,23	374,11

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 7 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE LONDRINA – PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	259,63	312,95	300,88	341,72	348,05	376,29	391,58	411,79	427,76	427,76	345,58	374,10
763215	265,32	319,81	301,66	342,61	349,83	378,22	406,97	427,97	448,19	448,19	354,39	383,36
763305	245,76	296,23	276,09	313,57	318,15	343,97	376,89	396,34	445,15	445,15	332,41	359,05
760125	286,43	345,25	386,33	438,77	418,75	452,73	515,57	542,17	-	-	-	-
516415	247,42	298,23	296,83	337,12	358,17	387,24	399,27	419,87	403,08	403,08	340,95	369,11
763320	265,91	320,52	331,16	376,11	360,99	390,28	388,76	408,82	424,05	424,05	354,17	383,96
763110	337,89	407,28	347,29	394,43	451,40	488,03	478,45	503,14	509,21	509,21	424,85	460,42
760310	649,40	782,77	657,35	746,58	471,08	509,31	755,48	794,46	649,75	649,75	636,61	696,57
763105	258,39	311,46	299,41	340,05	338,57	366,04	387,90	407,92	417,48	417,48	340,35	368,59
784205	259,95	313,34	288,60	327,78	332,88	359,89	382,22	401,94	515,64	515,64	355,86	383,72

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 8 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE MARINGÁ – PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	285,55	344,19	328,14	372,68	379,01	409,77	423,86	445,73	443,15	443,15	371,94	403,11
763215	310,46	374,22	355,73	404,02	409,32	442,54	459,40	483,11	518,51	518,51	410,68	444,48
763305	246,07	296,61	268,57	305,03	306,50	331,37	347,65	365,59	389,12	389,12	311,58	337,54
760125	260,00	313,40	-	-	645,00	697,34	-	-	800,00	800,00	-	-
516415	255,77	308,30	297,54	337,93	342,24	370,01	371,44	390,61	411,81	411,81	335,76	363,73
763320	252,65	304,54	283,81	322,34	320,27	346,26	356,91	375,33	393,61	393,61	321,45	348,41
763110	332,69	401,01	405,88	460,98	458,13	495,31	502,41	528,33	513,88	513,88	442,60	479,90
760310	424,45	511,62	565,39	642,14	617,42	667,52	736,88	774,90	666,00	666,00	602,03	652,44
763105	251,27	302,87	281,97	320,25	321,55	347,64	369,76	388,84	408,25	408,25	326,56	353,57
784205	275,12	331,62	304,41	345,73	335,32	362,53	373,05	392,30	394,89	394,89	336,56	365,41

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 9 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE PRUDENTÓPOLIS - PR

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	290,00	349,56	325,00	369,12	400,00	432,46	389,94	410,06	409,24	409,24	362,84	394,09
763215	282,86	340,95	-	-	305,00	329,75	406,50	427,48	406,41	406,41	-	-
763305	290,00	349,56	325,00	369,12	-	-	390,83	411,00	-	-	-	-
760125	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
516415	-	-	-	-	-	-	-	-	409,00	409,00	-	-
763320	303,62	365,97	329,00	373,66	396,33	428,49	359,23	377,77	381,18	381,18	353,87	385,41
763110	290,00	349,56	-	-	600,00	648,69	600,00	630,96	306,50	306,50	-	-
760310	-	-	329,00	373,66	-	-	389,00	409,07	716,67	716,67	-	-
763105	290,00	349,56	-	-	-	-	369,50	388,57	403,00	403,00	-	-
784205	384,00	462,86	292,50	332,21	345,70	373,75	350,60	368,69	399,30	399,30	354,42	387,36

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

ANEXO IV

MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, COM VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES A PREÇOS DE 2007

TABELA 1 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE ITAJAÍ –SC

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	304,85	367,46	343,15	389,73	393,87	425,83	447,99	471,11	498,50	498,50	397,67	430,53
763215	319,49	385,10	356,20	404,55	405,58	438,49	446,90	469,96	499,64	499,64	405,56	439,55
763305	250,00	301,34	786,33	893,07	357,00	385,97	388,50	408,55	416,49	416,49	439,66	481,08
760125	433,44	522,46	1057,78	1.201,37	610,00	659,50	610,00	641,48	544,70	544,70	651,18	713,90
516415	274,50	330,87	309,33	351,32	331,33	358,22	411,17	432,39	424,67	424,67	350,20	379,49
763320	257,90	310,86	337,15	382,92	418,89	452,88	396,56	417,02	420,90	420,90	366,28	396,92
763110	354,23	426,98	403,28	458,02	447,92	484,27	462,76	486,64	499,25	499,25	433,49	471,03
760310	300,00	361,61	642,50	729,72	665,75	719,78	663,00	697,21	705,29	705,29	595,31	642,72
763105	264,67	319,03	316,36	359,31	395,62	427,72	410,23	431,40	405,87	405,87	358,55	388,66
784205	442,14	532,94	331,34	376,32	419,66	453,72	463,00	486,89	524,00	524,00	436,03	474,77

Fonte: MTE/CAGED

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 2 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE BLUMENAU – SC

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	336,43	405,52	386,99	439,52	435,62	470,97	487,42	512,57	529,19	529,19	435,13	471,56
763215	343,38	413,90	388,76	441,53	437,58	473,09	484,65	509,66	544,29	544,29	439,73	476,49
763305	-	-	352,50	400,35	363,15	392,62	417,05	438,57	435,81	435,81	-	-
760125	506,50	610,52	611,99	695,07	574,31	620,92	725,20	762,62	832,17	832,17	650,03	704,26
516415	316,43	381,42	390,92	443,99	441,53	477,36	427,24	449,29	531,00	531,00	421,42	456,61
763320	321,21	387,18	374,04	424,82	444,52	480,59	489,02	514,25	511,93	511,93	428,14	463,75
763110	392,32	472,89	436,36	495,60	501,07	541,73	552,75	581,27	608,98	608,98	498,30	540,09
760310	605,39	729,72	604,97	687,09	674,96	729,73	781,71	822,05	898,14	898,14	713,03	773,35
763105	315,35	380,11	383,00	434,99	415,08	448,76	468,61	492,79	513,82	513,82	419,17	454,10
784205	332,98	401,36	374,18	424,97	414,66	448,31	472,79	497,19	509,53	509,53	420,83	456,27

Fonte: MTE/CAGED

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura

de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 3 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE JOINVILLE - SC

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	382,23	460,73	425,52	483,28	471,60	509,87	515,79	542,40	558,41	558,41	470,71	510,94
763215	401,96	484,51	442,79	502,90	488,36	527,99	524,60	551,67	580,36	580,36	487,61	529,49
763305	269,00	324,24	362,67	411,90	339,00	366,51	-	-	-	-	-	-
760125	630,74	760,27	627,68	712,89	695,14	751,55	892,73	938,79	961,50	961,50	761,56	825,00
516415	357,28	430,65	586,67	666,31	-	--	460,40	484,16	475,57	475,57	-	-
763320	349,60	421,40	400,09	454,40	415,16	448,85	487,63	512,79	509,68	509,68	432,43	469,42
763110	435,47	524,90	474,95	539,42	514,76	556,53	562,75	591,79	587,82	587,82	515,15	560,09
760310	786,58	948,12	670,98	762,06	818,48	884,90	784,71	825,20	1.016,12	1.016,12	815,37	887,28
763105	367,16	442,56	412,48	468,47	443,74	479,75	488,15	513,34	500,71	500,71	442,45	480,97
784205	374,53	451,45	419,17	476,07	443,63	479,63	476,76	501,36	519,13	519,13	446,64	485,53

Fonte: MTE/CAGED

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 4 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE CAXIAS DO SUL – RS

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	344,69	415,48	382,80	434,76	417,55	451,43	452,57	475,92	501,00	501,00	419,72	455,72
763215	337,75	407,11	387,20	439,76	414,61	448,26	484,63	509,64	511,03	511,03	427,04	463,16
763305	350,37	422,33	355,49	403,75	385,67	416,97	435,00	457,45	476,52	476,52	400,61	435,40
760125	347,50	418,87	518,22	588,57	838,69	906,75	453,75	477,16	655,50	655,50	562,73	609,37
516415	352,47	424,86	353,73	401,75	435,56	470,91	458,79	482,46	478,97	478,97	415,90	451,79
763320	328,71	396,22	328,71	373,33	370,39	400,45	395,67	416,09	449,12	449,12	374,52	407,04
763110	448,98	541,19	477,65	542,49	500,76	541,40	583,83	613,96	595,87	595,87	521,42	566,98
760310	462,90	557,97	463,75	526,70	730,40	789,67	928,00	975,88	722,67	722,67	661,54	714,58
763105	294,00	354,38	352,15	399,95	370,16	400,20	401,34	422,05	448,15	448,15	373,16	404,95
784205	312,87	377,12	349,32	396,74	374,86	405,28	443,49	466,37	473,31	473,31	390,77	423,77

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 5 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE GRAMADO/CANELA - RS

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	342,75	413,14	391,93	445,13	403,79	436,56	454,74	478,20	495,44	495,44	417,73	453,70
763215	369,40	445,26	442,02	502,02	464,04	501,70	515,84	542,46	545,17	545,17	467,29	507,32
763305	-	-	316,11	359,02	353,40	382,08	389,00	409,07	505,00	505,00	-	-
760125	318,18	383,52	-	-	676,50	731,40	-	-	-	-	-	-
516415	398,38	480,20	316,00	358,90	328,00	354,62	444,50	467,44	482,00	482,00	393,78	428,63
763320	318,57	383,99	371,51	421,94	382,92	413,99	410,86	432,06	432,51	432,51	383,27	416,90
763110	403,77	486,69	397,00	450,89	454,32	491,19	480,57	505,37	559,57	559,57	459,05	498,74
760310	-	-	-	-	1150,00	1.243,32	970,40	1.020,47	426,00	426,00	-	-
763105	290,33	349,95	356,38	404,76	374,40	404,78	435,07	457,52	485,75	485,75	388,39	420,55
784205	328,74	396,25	337,75	383,60	419,11	453,12	480,33	505,12	529,24	529,24	419,03	453,47

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arremateira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 6 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE PORTO ALEGRE - RS

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	347,80	419,23	404,71	459,65	403,60	436,35	449,23	472,41	462,74	462,74	413,62	450,08
763215	331,80	399,94	391,53	444,68	423,09	457,42	456,56	480,12	486,93	486,93	417,98	453,82
763305	313,42	377,79	350,21	397,75	-	-	443,30	466,17	476,06	476,06	-	-
760125	625,75	754,26	561,17	637,35	1039,75	1.124,13	540,83	568,74	708,78	708,78	695,26	758,65
516415	337,58	406,91	397,56	451,53	428,81	463,61	-	-	464,13	464,13	-	-
763320	333,79	402,34	392,21	445,45	411,63	445,03	456,91	480,49	463,66	463,66	411,64	447,39
763110	414,57	499,71	445,80	506,32	426,20	460,79	481,22	506,05	556,60	556,60	464,88	505,89
760310	337,25	406,51	-	-	841,67	909,97	544,00	572,07	840,81	840,81	-	-
763105	308,62	372,00	360,34	409,26	377,21	407,82	447,88	470,99	501,74	501,74	399,16	432,36
784205	324,16	390,73	412,64	468,66	397,03	429,25	420,29	441,98	454,34	454,34	401,69	436,99

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arremateira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

ANEXO V

MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS DO SUDESTE BRASILEIRO, VALORES NOMINAIS E VALORES CONSTANTES DEFLACIONADOS A PREÇOS DE 2007

TABELA 1 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE SÃO PAULO - SP

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	441,74	532,46	506,20	574,92	546,86	591,24	585,86	616,09	618,79	618,79	539,89	586,70
763215	466,72	562,57	518,41	588,78	579,94	627,00	624,47	656,69	684,25	684,25	574,76	623,86
763305	417,90	503,72	484,51	550,28	518,04	560,08	555,03	583,67	580,01	580,01	511,10	555,55
760125	506,01	609,93	609,90	692,69	664,12	718,01	682,25	717,45	674,95	674,95	627,45	682,61
516415	480,83	579,58	546,29	620,45	583,56	630,92	629,53	662,01	690,00	690,00	586,04	636,59
763320	387,11	466,61	440,64	500,46	470,72	508,92	515,48	542,08	553,84	553,84	473,56	514,38
763110	594,32	716,38	685,36	778,40	715,03	773,05	757,60	796,69	819,93	819,93	714,45	776,89
760310	799,45	963,63	806,58	916,07	1049,73	1.134,92	884,75	930,40	1010,85	1.010,85	910,27	991,17
763105	403,04	485,81	446,70	507,34	475,82	514,43	518,13	544,87	547,19	547,19	478,18	519,93
784205	401,56	484,03	444,87	505,26	478,37	517,19	513,66	540,16	533,45	533,45	474,38	516,02

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 2 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE SOROCABA - SP

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	366,76	442,08	404,65	459,58	432,26	467,34	466,05	490,10	495,42	495,42	433,03	470,90
763215	423,88	510,93	478,28	543,21	498,70	539,17	554,60	583,22	578,14	578,14	506,72	550,93
763305	302,75	364,93	416,00	472,47	421,60	455,81	457,36	480,96	451,13	451,13	409,77	445,06
760125	394,56	475,59	488,44	554,74	571,40	617,77	641,08	674,16	602,46	602,46	539,59	584,94
516415	431,79	520,47	465,00	528,12	479,60	518,52	545,00	573,12	563,82	563,82	497,04	540,81
763320	413,32	498,20	530,85	602,91	500,43	541,04	507,73	533,93	493,01	493,01	489,07	533,82
763110	420,00	506,26	553,41	628,53	596,00	644,37	666,56	700,95	754,10	754,10	598,01	646,84
760310	675,00	813,62	755,00	857,49	1014,42	1.096,74	963,12	1.012,82	847,67	847,67	851,04	925,67
763105	357,75	431,22	373,32	424,00	433,64	468,83	441,95	464,75	470,53	470,53	415,44	451,87
784205	374,94	451,94	433,75	492,63	447,46	483,77	487,51	512,67	534,56	534,56	455,64	495,11

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 3 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE CAMPINAS - SP

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	376,24	453,51	440,68	500,50	469,74	507,86	512,95	539,42	540,17	540,17	467,96	508,29
763215	367,33	442,77	415,54	471,95	442,32	478,21	495,12	520,67	524,16	524,16	448,89	487,55
763305	337,32	406,60	336,81	382,53	373,00	403,27	445,09	468,06	495,13	495,13	397,47	431,12
760125	622,86	750,78	693,62	787,78	770,56	833,09	1233,86	1.297,53	1086,78	1.086,78	881,54	951,19
516415	451,33	544,02	534,15	606,66	567,78	613,86	580,37	610,32	630,13	630,13	552,75	601,00
763320	349,22	420,94	393,21	446,59	448,17	484,54	486,73	511,85	528,14	528,14	441,09	478,41
763110	455,11	548,58	510,01	579,24	532,08	575,26	631,61	664,20	645,29	645,29	554,82	602,51
760310	497,93	600,19	611,17	694,14	797,30	862,00	807,64	849,31	818,05	818,05	706,42	764,74
763105	342,45	412,78	374,91	425,80	423,11	457,45	477,80	502,45	515,99	515,99	426,85	462,89
784205	386,97	466,44	452,75	514,21	488,99	528,67	527,94	555,18	565,63	565,63	484,46	526,03

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 4 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE JUIZ DE FORA – MG

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	268,51	323,65	299,12	339,72	332,62	359,61	376,13	395,54	409,04	409,04	337,08	365,51
763215	279,83	337,30	313,91	356,52	340,54	368,17	379,19	398,76	415,48	415,48	345,79	375,25
763305	267,44	322,36	290,77	330,24	319,70	345,64	364,38	383,18	406,52	406,52	329,76	357,59
760125	361,34	435,55	310,69	352,87	335,91	363,17	373,32	392,58	400,08	400,08	356,27	388,85
516415	265,11	319,56	282,07	320,36	324,00	350,29	386,79	406,75	-	-	-	-
763320	265,76	320,34	289,99	329,36	289,15	312,61	345,12	362,93	388,81	388,81	315,77	342,81
763110	281,53	339,35	323,71	367,65	343,65	371,54	405,75	426,69	432,08	432,08	357,34	387,46
760310	-	-	405,31	460,33	585,36	632,86	521,78	548,70	583,05	583,05	-	-
763105	265,74	320,31	283,54	322,03	315,10	340,67	359,47	378,02	368,55	368,55	318,48	345,92
784205	379,20	457,08	392,51	445,79	353,00	381,65	423,93	445,80	496,87	496,87	409,10	445,44

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 5 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE DIVINÓPOLIS - MG

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	322,96	389,29	343,47	390,10	397,90	430,19	433,27	455,63	463,11	463,11	392,14	425,66
763215	327,81	395,13	449,84	510,90	401,40	433,97	451,99	475,31	475,50	475,50	421,31	458,16
763305	254,10	306,28	290,97	330,47	318,43	344,27	363,72	382,49	401,17	401,17	325,68	352,94
760125	894,89	1.078,67	660,00	749,59	584,50	631,93	1495,40	1.572,56	1143,90	1.143,90	955,74	1.035,33
516415	234,00	282,06	317,00	360,03	325,33	351,73	374,88	394,22	391,14	391,14	328,47	355,84
763320	271,15	326,84	279,65	317,61	328,96	355,66	379,48	399,06	404,24	404,24	332,70	360,68
763110	308,71	372,11	387,90	440,56	432,63	467,74	459,45	483,16	529,79	529,79	423,70	458,67
760310	231,87	279,49	322,80	366,62	427,00	461,65	503,24	529,21	684,27	684,27	433,84	464,25
763105	275,84	332,49	294,86	334,89	333,55	360,62	370,05	389,14	389,79	389,79	332,82	361,39
784205	239,56	288,76	276,27	313,77	303,48	328,11	353,47	371,71	388,86	388,86	312,33	338,24

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 6 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE MURIAÉ - MG

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	258,32	311,37	308,08	349,90	323,20	349,43	361,08	379,71	402,42	402,42	330,62	358,57
763215	256,70	309,42	296,68	336,95	320,56	346,57	359,14	377,67	417,03	417,03	330,02	357,53
763305	241,77	291,42	264,87	300,83	292,76	316,52	341,82	359,46	379,82	379,82	304,21	329,61
760125	-	-	683,00	775,72	-	-	742,00	780,29	-	-	-	-
516415	238,86	287,91	266,00	302,11	-	-	355,00	373,32	385,00	385,00	-	--
763320	269,50	324,85	293,44	333,27	394,86	426,90	415,82	437,28	424,55	424,55	359,63	389,37
763110	299,23	360,68	358,71	407,40	365,55	395,21	394,27	414,61	428,52	428,52	369,26	401,29
760310	-	-	299,00	339,59	517,00	558,95	517,00	543,68	-	-	-	-
763105	243,88	293,97	278,12	315,87	306,65	331,53	352,95	371,16	383,41	383,41	313,00	339,19
784205	234,81	283,03	284,80	323,46	324,25	350,56	401,57	422,29	440,25	440,25	337,14	363,92

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 7 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE NOVA FRIBURGO - RJ

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	307,35	370,47	348,53	395,84	382,88	413,95	405,42	426,34	424,82	424,82	373,80	406,28
763215	314,56	379,16	359,50	408,30	394,35	426,35	415,06	436,48	431,95	431,95	383,08	416,45
763305	265,62	320,17	298,88	339,45	327,67	354,26	356,12	374,50	389,40	389,40	327,54	355,56
760125	289,43	348,87	787,63	894,55	551,00	595,71	867,88	912,66	662,54	662,54	631,70	682,87
516415	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
763320	275,00	331,48	302,61	343,69	323,94	350,23	351,60	369,74	380,59	380,59	326,75	355,15
763110	328,07	395,45	378,93	430,37	400,68	433,20	428,43	450,54	450,19	450,19	397,26	431,95
760310	362,63	437,10	379,58	431,11	413,33	446,87	533,69	561,23	590,60	590,60	455,97	493,38
763105	272,04	327,91	308,80	350,72	333,06	360,09	360,08	378,66	386,51	386,51	332,10	360,78
784205	288,60	347,87	351,87	399,64	393,12	425,02	403,01	423,81	412,20	412,20	369,76	401,71

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arremateira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 8 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DO RIO DE JANEIRO RJ

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	350,51	422,49	388,74	441,51	413,73	447,30	454,54	477,99	518,07	518,07	425,12	461,47
763215	340,28	410,16	380,90	432,61	420,00	454,08	414,49	435,88	462,16	462,16	403,57	438,98
763305	283,48	341,70	419,40	476,33	372,30	402,51	386,85	406,81	432,17	432,17	378,84	411,90
760125	323,19	389,56	379,14	430,61	534,70	578,09	519,49	546,30	610,46	610,46	473,40	511,00
516415	336,80	405,97	406,53	461,72	413,13	446,66	506,24	532,36	490,87	490,87	430,71	467,51
763320	295,62	356,33	323,31	367,20	355,98	384,87	408,50	429,58	457,59	457,59	368,20	399,11
763110	464,27	559,62	481,15	546,47	541,64	585,59	567,69	596,98	583,89	583,89	527,73	574,51
760310	589,26	710,28	627,11	712,24	623,24	673,82	763,38	802,77	891,31	891,31	698,86	758,08
763105	295,64	356,36	329,61	374,35	361,06	390,36	399,32	419,92	437,39	437,39	364,60	395,68
784205	282,61	340,65	312,89	355,36	339,07	366,59	374,21	393,52	446,78	446,78	351,11	380,58

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arremateira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 9 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE ITAPERUNA - RJ

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	297,10	358,12	340,16	386,34	367,60	397,43	409,98	431,13	436,15	436,15	370,20	401,83
763215	298,08	359,30	336,49	382,17	367,69	397,53	407,62	428,65	443,95	443,95	370,77	402,32
763305	277,14	334,06	272,40	309,38	332,71	359,71	374,00	393,30	418,09	418,09	334,87	362,91
760125	-	-	-	-	327,20	-	-	-	-	-	-	-
516415	275,00	331,48	-	-	345,44	373,47	401,80	422,53	446,67	446,67	-	-
763320	-	-	308,00	349,81	320,20	346,18	382,00	401,71	372,27	372,27	-	-
763110	316,00	380,90	345,17	392,03	357,40	386,40	418,25	439,83	429,00	429,00	373,16	405,63
760310	-	-	-	-	-	-	383,00	402,76	-	-	-	-
763105	261,67	315,41	295,83	335,99	331,00	357,86	369,71	388,79	418,15	418,15	335,27	363,24
784205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 10 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE VITÓRIA - ES

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	299,23	360,68	334,02	379,36	380,15	411,00	415,07	436,49	453,42	453,42	376,38	408,19
763215	288,62	347,89	325,10	369,23	365,59	395,26	401,50	422,22	479,28	479,28	372,02	402,78
763305	260,21	313,65	281,68	319,92	313,95	339,43	371,94	391,13	422,44	422,44	330,04	357,31
760125	281,36	339,14	315,50	358,33	340,09	367,69	419,16	440,79	392,91	392,91	349,80	379,77
516415	246,00	296,52	319,50	362,87	328,17	354,80	373,75	393,04	397,86	397,86	333,06	361,02
763320	256,71	309,43	296,42	336,66	321,52	347,61	353,72	371,97	393,02	393,02	324,28	351,74
763110	389,43	469,41	405,39	460,42	458,72	495,95	467,63	491,76	552,00	552,00	454,63	493,91
760310	-	-	498,42	566,08	420,57	454,70	604,82	636,03	640,25	640,25	-	-
763105	273,26	329,38	304,48	345,81	322,12	348,26	378,29	397,81	411,08	411,08	337,85	366,47
784205	258,71	311,84	338,57	384,53	332,20	359,16	366,06	384,95	440,95	440,95	347,30	376,29

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 11 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE COLATINA – ES

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	249,22	300,40	278,88	316,74	337,44	364,82	399,70	420,32	434,55	434,55	339,96	367,37
763215	255,33	307,77	291,48	331,05	349,51	377,87	467,43	491,55	495,43	495,43	371,84	400,73
763305	260,40	313,88	270,00	306,65	333,50	360,56	331,90	349,03	440,00	440,00	327,16	354,02
760125	272,85	328,89	283,18	321,62	327,34	353,90	410,11	431,27	408,87	408,87	340,47	368,91
516415	306,20	369,08	309,08	351,04	331,33	358,22	438,15	460,76	478,89	478,89	372,73	403,60
763320	241,95	291,64	255,78	290,50	296,29	320,33	389,68	409,79	398,69	398,69	316,48	342,19
763110	298,68	360,02	309,16	351,13	384,62	415,83	466,48	490,55	470,66	470,66	385,92	417,64
760310	340,35	410,25	424,87	482,55	444,79	480,88	573,15	602,72	555,30	555,30	467,69	506,34
763105	243,63	293,66	291,15	330,67	307,34	332,28	376,92	396,37	397,95	397,95	323,40	350,19
784205	240,85	290,31	223,30	253,61	317,30	343,05	337,79	355,22	382,54	382,54	300,36	324,95

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

TABELA 12 - MÉDIA SALARIAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, DO VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, CONSIDERANDO OS SALÁRIOS NOMINAIS E OS SALÁRIOS CORRIGIDOS, NA MICRORREGIÃO DE NOVA VENECIA - ES

CBO	SALÁRIOS 2003		SALÁRIOS 2004		SALÁRIOS 2005		SALÁRIOS 2006		SALÁRIOS 2007		MÉDIA PERÍODO	
	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C	V.N	V.C
763210	237,76	286,59	258,68	293,80	311,35	336,62	384,42	404,26	413,81	413,81	321,20	347,01
763215	255,21	307,62	289,66	328,98	339,02	366,53	407,88	428,93	437,32	437,32	345,82	373,88
763305	269,43	324,76	296,67	336,94	337,14	364,50	395,00	415,38	473,32	473,32	354,31	382,98
760125	235,46	283,82	262,60	298,25	293,50	317,32	391,25	411,44	365,00	365,00	309,56	335,16
516415	240,00	289,29	266,80	303,02	334,33	361,46	390,00	410,12	439,80	439,80	334,19	360,74
763320	200,00	241,07	-	-	-	-	365,00	383,83	386,67	386,67	-	-
763110	240,77	290,22	259,32	294,52	309,43	334,54	389,36	409,45	408,59	408,59	321,49	347,46
760310	310,00	373,66	354,00	402,05	-	-	465,91	489,95	524,90	524,90	-	-
763105	262,58	316,51	273,52	310,65	308,95	334,02	373,86	393,15	396,67	396,67	323,12	350,20
784205	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: MTE/CAGED 2008

Elaborado pelo autor

VN = Valor nominal

VC = Valor corrigido

CBO:

763210 Costureiro na confecção em série; 763215 Costureiro, a máquina na confecção em série; 763305 Arrematadeira; 760125 Mestre (indústria têxtil e de confecção); 516415 Passador de roupas, à mão; 763320 Operador de máquina de costura de acabamento; 763110 Cortador de Roupas; 760310 Encarregado de Costura na confecção do vestuário; 763105 Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas; 784205 Alimentador de linha de produção.

ANEXO VI

VALOR ADICIONADO DAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ

TABELA 1 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE CIANORTE NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE CIANORTE	2003	2004	2005	2006	2007
CIDADE GAUCHA	299.839.450,00	390.820.331,00	420.682.746,00	435.974.875,00	523.200.046,00
GUAPOREMA	115.345.334,00	139.716.410,00	153.884.419,00	136.277.109,00	74.161.259,00
INDIANOPOLIS	19.462.602,00	25.554.656,00	24.548.869,00	24.630.716,00	30.219.111,00
JAPURA	33.304.441,00	41.599.237,00	52.327.637,00	50.781.011,00	71.615.311,00
JUSSARA	53.521.240,00	62.439.040,00	57.088.985,00	56.188.266,00	70.280.132,00
RONDON	86.851.380,00	107.691.882,00	82.082.869,00	95.769.773,00	98.956.185,00
SAO MANOEL DO PARANA	98.569.812,00	119.425.578,00	120.686.990,00	146.562.158,00	158.916.448,00
SAO TOME	17.413.416,00	25.722.148,00	21.671.022,00	24.755.053,00	30.364.151,00
TAPEJARA	87.379.289,00	85.278.929,00	84.675.806,00	122.359.941,00	112.388.435,00
TUNEIRAS DO OESTE	129.893.387,00	133.987.898,00	90.995.586,00	127.652.501,00	193.815.670,00
TOTAL	55.395.903,00	71.204.089,00	55.743.304,00	56.372.719,00	73.912.272,00
	996.976.254,00	1.203.440.198,00	1.164.388.233,00	1.277.324.122,00	1.437.829.020,00
FONTE: SEFA Elaborado pelo autor					

TABELA 2 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE MARINGÁ NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE MARINGÁ	2003	2004	2005	2006	2007
MANDAGUARI	125.087.995,00	155.172.397,00	174.959.544,00	217.143.881,00	215.151.676,00
MARIALVA	135.295.499,00	181.927.732,00	172.168.980,00	215.109.030,00	233.760.798,00
MARINGA	2.075.476.278,00	2.665.174.107,00	2.689.457.261,00	3.073.177.977,00	3.085.609.020,00
PAICANDU	57.869.319,00	94.314.793,00	80.431.893,00	79.998.977,00	96.322.614,00
SARANDI	131.377.496,00	171.649.312,00	186.406.624,00	170.627.480,00	247.237.959,00
TOTAL	2.525.106.587,00	3.268.238.341,00	3.303.424.302,00	3.756.057.345,00	3.878.082.067,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 3 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE LONDRINA NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE LONDRINA	2003	2004	2005	2006	2007
CAMBE	548.968.025,00	647.231.194,00	680.415.062,00	817.085.801,00	907.528.282,00
IBIPORA	170.020.394,00	202.597.549,00	270.543.444,00	388.010.430,00	477.258.227,00
LONDRINA	3.117.501.179,00	3.669.267.167,00	3.649.560.197,00	3.575.057.749,00	3.951.492.836,00
PITANGUEIRAS	28.148.447,00	33.658.349,00	22.303.854,00	22.985.872,00	31.341.296,00
ROLANDIA	484.740.710,00	591.665.329,00	528.638.239,00	594.734.669,00	678.744.343,00
TAMARANA	52.579.712,00	57.995.955,00	66.967.257,00	54.900.168,00	72.549.472,00
TOTAL	4.401.958.467,00	5.202.415.543,00	5.218.428.053,00	5.452.774.689,00	6.118.914.456,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 4 – TABELA – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE TOLEDO	2003	2004	2005	2006	2007
ASSIS				272.398.161	427.486.428
CHATEAUBRIAND	362.892.324,00	338.595.106,00	324.105.265,00		
DIAMANTE D'OESTE	14.380.425,00	14.179.211,00	15.291.774,00	14.154.100	16.865.835
ENTRE RIOS DO OESTE	45.314.159,00	50.339.676,00	50.117.362,00	55.083.872	64.421.190
FORMOSA DO OESTE	67.517.208,00	73.758.635,00	80.045.520,00	73.922.900	91.776.422
GUAIRA	151.527.272,00	152.336.691,00	135.838.133,00	160.669.157	238.459.908
IRACEMA DO OESTE	21.605.129,00	22.105.595,00	19.641.500,00	23.035.793	26.339.899
JESUITAS	55.554.932,00	77.563.481,00	69.513.303,00	61.902.062	84.574.206
MARECHAL CANDIDO RONDON	395.284.801,00	429.390.765,00	410.634.394,00	499.108.202	642.229.549
MARIPA	131.677.036,00	118.962.851,00	122.354.457,00	116.812.845	170.673.696
MERCEDES	49.925.453,00	42.057.103,00	44.920.325,00	46.554.038	62.561.112
NOVA SANTA ROSA	102.582.407,00	108.336.719,00	104.929.772,00	108.556.208	152.198.584
OURO VERDE DO OESTE	50.659.794,00	60.686.609,00	52.594.187,00	49.783.667	68.304.268
PALOTINA	382.498.392,00	390.891.825,00	364.875.480,00	354.584.958	511.530.841
PATO BRAGADO	42.754.960,00	40.682.135,00	34.131.635,00	39.443.104	52.299.446
QUATRO PONTES	43.914.236,00	51.024.794,00	53.561.528,00	54.378.605	73.027.653
SANTA HELENA	164.384.228,00	181.596.829,00	171.793.882,00	181.986.216	236.391.947
SAO JOSE DAS PALMEIRAS	13.289.415,00	18.021.804,00	16.410.514,00	16.037.608	19.152.159
SAO PEDRO DO IGUAÇU	63.009.365,00	69.188.130,00	54.363.323,00	50.306.875	71.207.811
TERRA ROXA	192.100.649,00	157.156.243,00	158.778.520,00	142.436.215	217.647.218

TOLEDO	1.121.133.561,0 0	1.117.592.762,00	1.332.970.559,00	1.324.249.929	1.508.368.131
TUPASSI	112.565.201,00	113.391.085,00	112.302.710,00	96.664.134	150.712.161
TOTAL	3.584.570.947,0 0	3.627.858.049,00	3.729.174.143,00	3.742.068.649, 00	4.886.228.464,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 5 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO	2003	2004	2005	2006	2007
BARRACAO					
BOA ESPERANCA DO IGUACU	20.121.527,00	30.330.322,00	29.747.650,00	27.121.227,00	38.791.766,00
BOM JESUS DO SUL	32.533.749,00	37.760.706,00	36.010.978,00	33.845.544,00	44.627.252,00
CRUZEIRO DO IGUACU	4.477.338,00	5.112.174,00	5.384.108,00	4.451.446,00	5.279.152,00
DOIS VIZINHOS	56.610.663,00	66.882.477,00	68.121.489,00	67.826.511,00	104.469.246,00
ENEAS MARQUES	299.885.156,00	269.185.381,00	354.456.320,00	390.305.386,00	376.102.056,00
FLOR DA SERRA DO SUL	50.482.442,00	71.057.210,00	76.311.876,00	73.979.998,00	99.712.223,00
FRANCISCO BELTRAO	21.961.261,00	24.295.611,00	23.305.204,00	24.165.329,00	28.118.105,00
MANFRINOPOLIS	396.539.260,00	478.587.651,00	482.348.020,00	515.589.904,00	587.149.873,00
MARMELEIRO	12.585.052,00	18.258.374,00	17.832.741,00	16.527.930,00	20.372.524,00
NOVA ESPERANCA DO SUDOESTE	77.250.980,00	83.216.052,00	79.747.928,00	80.921.358,00	105.332.384,00
NOVA PRATA DO IGUACU	26.451.729,00	33.713.170,00	33.723.676,00	29.542.453,00	39.834.923,00
PINHAL DE SAO BENTO	80.915.816,00	96.920.307,00	101.150.749,00	97.767.629,00	115.726.981,00
RENASCENCA	6.444.137,00	8.676.448,00	8.199.597,00	8.223.984,00	8.659.976,00
SALGADO FILHO	70.001.265,00	75.568.304,00	62.575.893,00	61.426.710,00	80.835.077,00
SALTO DO LONTRA	12.038.365,00	18.545.251,00	23.272.285,00	20.481.186,00	21.642.400,00
SANTO ANTONIO DO SUDOESTE	60.911.916,00	76.397.666,00	68.283.130,00	63.039.533,00	81.401.518,00
SAO JORGE DO OESTE	57.886.334,00	60.814.404,00	61.943.797,00	61.336.785,00	76.847.833,00
VERE	148.437.183,00	172.276.250,00	187.266.769,00	188.245.928,00	218.543.581,00
TOTAL	72.094.803,00 1.507.628.976,00	84.851.646,00 1.712.449.404,00	75.265.838,00 1.794.948.048,00	69.108.283,00 1.833.907.124,00	91.988.545,00 2.145.435.415,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 6 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE PATO BRANCO NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE PATO BRANCO	2003	2004	2005	2006	2007
BOM SUCESSO DO SUL	46.033.149,00	54.103.619,00	40.232.746,00	48.278.288,00	60.992.481,00
CHOPINZINHO	171.453.090,00	191.692.779,00	176.691.879,00	182.762.594,00	229.016.582,00
CORONEL VIVIDA	125.698.372,00	145.480.005,00	112.947.102,00	119.955.741,00	156.968.965,00
ITAPEJARA D'OESTE	109.324.944,00	118.102.646,00	151.349.569,00	133.916.254,00	146.270.690,00
MARIOPOLIS	58.582.838,00	61.915.850,00	55.265.096,00	49.477.503,00	70.382.556,00
PATO BRANCO	541.472.391,00	560.167.914,00	574.050.423,00	585.989.065,00	764.425.678,00
SAO JOAO	107.321.380,00	116.273.040,00	101.856.753,00	98.294.264,00	130.924.363,00
SAUDADE DO IGUACU	180.210.133,00	219.322.738,00	264.552.462,00	254.636.863,00	297.634.429,00
SULINA	43.840.873,00	47.355.975,00	46.847.696,00	47.233.579,00	58.255.661,00
VITORINO	59.714.196,00	63.970.851,00	69.194.669,00	76.054.578,00	95.905.792,00
TOTAL	1.443.651.366,00	1.578.385.417,00	1.592.988.395,00	1.596.598.729,00	2.010.777.197,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 7 - VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE CAPANEMA, NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE CAPANEMA	2003	2004	2005	2006	2007
AMPERE	70.842.787,00	86.968.607,00	91.052.767,00	94.547.830,00	121.765.056,00
BELA VISTA DO CAROBA	12.109.494,00	12.354.577,00	10.694.654,00	9.845.341,00	12.100.879,00
CAPANEMA	158.515.991,00	175.862.192,00	181.061.817,00	146.219.788,00	203.103.660,00
PEROLA D'OESTE	27.628.358,00	29.977.257,00	27.601.066,00	25.277.772,00	34.114.080,00
PLANALTO	51.759.284,00	58.175.435,00	53.965.145,00	48.059.875,00	56.518.778,00
PRANCHITA	44.898.199,00	48.286.050,00	32.318.405,00	37.066.349,00	54.094.138,00
REALEZA	74.083.885,00	82.990.714,00	73.433.744,00	77.518.462,00	97.526.611,00
SANTA IZABEL DO OESTE	58.230.791,00	66.831.153,00	56.810.796,00	49.262.992,00	80.485.866,00
TOTAL	498.068.789,00	561.445.985,00	526.938.394,00	487.798.409,00	659.709.068,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 8 – VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE PALMAS NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE PALMAS	2003	2004	2005	2006	2007
CLEVELANDIA					134.806.218,00
CORONEL DOMINGOS	86.502.507,00	113.272.326,00	90.524.197,00	96.981.626,00	55.923.518,00
SOARES	36.048.653,00	64.299.636,00	51.274.880,00	62.148.883,00	71.373.729,00
HONORIO SERPA	58.868.206,00	75.631.581,00	54.878.936,00	60.478.610,00	537.356.670,00
MANGUEIRINHA	336.089.108,00	432.676.638,00	462.297.975,00	487.999.469,00	301.722.562,00
PALMAS	292.920.024,00	372.442.902,00	270.138.997,00	239.261.842,00	
TOTAL	810.428.498,00	1.058.323.083,00	929.114.985,00	946.870.430,00	1.101.182.697,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

TABELA 9 - VALOR ADICIONADO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO PARANÁ, NA MICRORREGIÃO DE PRUDENTÓPOLIS NO PERÍODO DE 2003 A 2007, VALORES NOMINAIS EM R\$

MICRORREGIÃO DE PRUDENTÓPOLIS	2003	2004	2005	2006	2007
FERNANDES	30.235.204,00	33.831.175,00			57.884.568,00
PINHEIRO			35.014.969,00	40.559.904,00	
GUAMIRANGA	31.332.898,00	40.457.198,00	33.949.465,00	32.171.919,00	36.083.059,00
IMBITUVA	151.979.948,00	207.806.129,00	161.102.453,00	174.783.405,00	198.873.881,00
IPIRANGA	97.803.419,00	116.748.529,00	102.808.914,00	101.275.094,00	106.752.075,00
IVAI	44.217.604,00	50.938.334,00	49.104.178,00	53.385.546,00	62.302.717,00
PRUDENTOPOLIS	113.275.184,00	153.159.412,00	145.033.838,00	157.076.747,00	171.789.880,00
TEIXEIRA SOARES	87.257.689,00	96.336.807,00	91.960.137,00	78.823.867,00	83.463.535,00
TOTAL	556.101.946,00	699.277.584,00	618.973.954,00	638.076.482,00	717.149.715,00

FONTE: SEFA
Elaborado pelo autor

ANEXO VII
VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA CONFECCIONISTA
DOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ
 Secretaria de Estado e da Fazenda (SEFA)

No Paraná o valor adicionado é obtido através da Declaração Fisco-Contábil – DFC. Essa declaração é um demonstrativo anual de informações, das operações de entradas e saídas de mercadorias e serviços abrangidos pelo ICMS, fornecidas pelos contribuintes inscritos no cadastro do ICMS, dos setores da indústria, comércio e prestadores de serviços de transporte e de comunicação, à Secretaria da Fazenda.

Informações fornecidas pela Sra. Paula Maria Bandeira Costamilan, chefe da divisão de assuntos municipais e coordenadora de assuntos econômicos da Secretaria, que elaborou uma planilha contendo informações do valor adicionado relativo ao período de 2003 a 2007,

	2003	2004	2005	2006	2007
Nome Município	VA Total	VA Total	VA Total	VA Total	VA Total
ABATIA	15.129.472	26.234.791	20.364.219	19.822.585	23.167.579
ADRIANOPOLIS	3.652.924	8.898.477	11.249.451	20.777.046	18.434.534
AGUDOS DO SUL	10.673.515	16.064.995	22.029.307	22.433.963	20.595.873
ALMIRANTE TAMANDARE	247.938.786	309.854.217	336.946.051	255.126.420	280.737.775
ALTAMIRA DO PARANA	11.021.495	15.245.414	14.836.704	18.305.143	15.957.953
ALTO PARAISO	25.658.894	30.499.864	27.393.281	24.851.504	25.259.739
ALTO PARANA	42.373.766	53.278.719	51.224.339	51.400.922	56.370.490
ALTO PIQUIRI	62.626.033	61.801.483	61.220.536	67.322.351	85.080.419
ALTONIA	47.478.100	62.800.992	71.012.801	84.013.136	88.288.016
ALVORADA DO SUL	95.084.176	90.805.897	83.302.639	76.654.232	92.885.407
AMAPORA	25.577.883	34.339.880	32.564.355	32.321.560	35.686.971
AMPERE	70.842.787	86.968.607	91.052.767	94.547.830	121.765.056
ANAHY	19.906.417	20.145.954	17.377.960	15.485.765	24.150.492
ANDIRA	140.074.399	164.791.883	150.289.105	152.013.255	268.850.850
ANGULO	20.175.663	20.118.712	17.149.544	15.861.069	25.822.185
ANTONINA	20.003.802	23.943.135	37.896.941	29.567.546	30.226.177
ANTONIO OLINTO	20.582.683	24.223.333	24.934.833	25.309.575	31.327.639
APUCARANA	552.678.632	652.173.803	630.944.906	732.869.380	756.581.396
ARAPONGAS	870.565.030	1.077.672.236	992.106.507	966.109.120	1.139.425.690
ARAPOTI	469.941.957	497.679.410	515.926.208	494.547.209	474.416.932
ARAPUA	25.430.780	29.865.727	26.068.735	24.582.537	30.911.096
ARARUNA	121.422.374	131.825.939	111.215.315	116.050.032	149.540.295
ARAUCARIA	8.624.300.760	9.984.499.012	10.669.350.838	10.877.633.761	11.658.150.583
ARIRANHA DO IVAI	16.147.645	17.012.659	13.255.884	15.327.484	19.429.353
ASSAI	95.289.312	113.627.592	101.633.258	103.639.161	124.612.201
ASSIS CHATEAUBRIAND	362.892.324	338.595.106	324.105.265	272.398.161	427.486.428
ASTORGA	170.716.083	189.573.545	195.679.726	199.567.240	215.708.668
ATALAIA	31.317.790	32.441.130	29.292.814	26.966.913	32.280.651
BALSA NOVA	307.908.009	321.706.111	293.085.821	278.121.136	297.482.172
BANDEIRANTES	98.955.849	163.743.817	125.315.213	182.784.609	196.419.207
BARBOSA FERRAZ	33.720.599	44.228.295	39.143.380	35.998.976	46.554.679
BARRA DO JACARE	22.415.596	29.706.887	22.362.934	25.580.970	32.120.469
BARRACAO	20.121.527	30.330.322	29.747.650	27.121.227	38.791.766
BELA VISTA DO CAROBA	12.109.494	12.354.577	10.694.654	9.845.341	12.100.879
BELA VISTA DO PARAISO	84.481.257	92.749.981	74.571.243	87.043.743	111.761.573
BITURUNA	114.195.744	170.179.640	181.274.474	173.935.884	185.792.797
BOA ESPERANCA	80.867.563	87.872.485	54.532.916	56.538.097	90.409.124
BOA ESPERANCA DO IGUAU	32.533.749	37.760.706	36.010.978	33.845.544	44.627.252
BOA VENTURA DE SAO ROQUE	58.273.765	66.595.524	59.289.742	56.348.472	74.935.860
BOA VISTA DA APARECIDA	48.799.369	64.206.957	68.998.600	65.794.406	72.128.939

BOCAIUVA DO SUL	41.599.354	60.170.344	78.890.949	68.067.483	70.240.222
BOM JESUS DO SUL	4.477.338	5.112.174	5.384.108	4.451.446	5.279.152
BOM SUCESSO	34.284.981	43.636.232	39.227.550	48.299.070	50.276.598
BOM SUCESSO DO SUL	46.033.149	54.103.619	40.232.746	48.278.288	60.992.481
BORRAZOPOLIS	48.653.066	68.687.627	47.289.861	45.042.816	63.174.653
BRAGANEY	49.318.726	60.879.152	47.646.199	39.822.263	60.488.010
BRASILANDIA DO SUL	43.685.227	44.983.070	39.145.637	39.482.155	58.503.506
CAFEARA	11.261.666	14.306.566	15.443.917	13.803.965	17.663.394
CAFELANDIA	240.470.151	277.240.740	282.462.407	251.424.688	338.238.597
CAFEZAL DO SUL	17.074.710	21.728.753	23.496.474	26.192.005	25.483.989
CALIFORNIA	23.533.817	27.126.493	30.609.154	33.855.819	38.757.503
CAMBARA	128.579.264	165.990.874	168.824.769	238.971.327	227.533.339
CAMBE	548.968.025	647.231.194	680.415.062	817.085.801	907.528.282
CAMBIRA	51.656.478	61.463.123	56.129.928	52.337.640	61.494.686
CAMPINA DA LAGOA	101.695.079	118.998.867	102.107.568	94.405.932	119.369.182
CAMPINA DO SIMAO	22.721.153	25.828.637	22.509.688	29.488.992	27.297.865
CAMPINA GRANDE DO SUL	129.222.522	175.233.750	203.799.860	200.204.866	228.305.361
CAMPO BONITO	32.921.931	44.645.154	38.040.925	29.920.146	37.664.058
CAMPO DO TENENTE	36.685.866	31.324.844	48.967.998	45.420.801	57.695.298
CAMPO LARGO	908.323.167	1.045.654.466	852.416.117	1.022.284.665	904.970.361
CAMPO MAGRO	32.757.133	38.073.544	40.699.079	44.157.468	54.060.228
CAMPO MOURAO	508.313.018	588.777.247	527.194.825	541.845.750	646.968.599
CANDIDO DE ABREU	34.947.976	49.808.900	52.413.360	49.921.768	47.739.573
CANDOI	193.179.718	237.384.740	224.857.645	249.922.177	290.438.439
CANTAGALO	43.086.174	50.765.963	39.816.496	38.725.396	55.423.301
CAPANEMA	158.515.991	175.862.192	181.061.817	146.219.788	203.103.660
CAPITAO LEONIDAS MARQUES	192.996.107	252.449.223	281.502.607	261.077.199	302.384.139
CARAMBEI	387.112.563	436.133.343	459.159.769	440.573.527	587.684.364
CARLOPOLIS	50.840.418	60.970.242	60.430.768	61.210.599	48.686.434
CASCADEVEL	1.562.476.082	1.774.257.003	1.877.808.018	1.908.660.328	2.308.752.101
CASTRO	550.446.661	612.252.338	582.412.453	615.958.807	771.705.101
CATANDUVAS	61.959.945	80.403.358	73.254.163	67.295.685	76.664.707
CENTENARIO DO SUL	50.984.290	45.514.503	42.376.960	35.926.579	44.663.476
CERRO AZUL	22.302.819	32.797.860	45.413.600	40.415.083	43.646.054
CEU AZUL	116.105.081	138.252.084	144.247.939	127.394.399	158.305.491
CHOPINZINHO	171.453.090	191.692.779	176.691.879	182.762.594	229.016.582
CIANORTE	299.839.450	390.820.331	420.682.746	435.974.875	523.200.046
CIDADE GAUCHA	115.345.334	139.716.410	153.884.419	136.277.109	74.161.259
CLEVELANDIA	86.502.507	113.272.326	90.524.197	96.981.626	134.806.218
COLOMBO	573.964.542	726.508.760	791.936.805	842.519.392	1.035.430.008
COLORADO	228.198.199	192.330.169	191.883.265	328.679.663	272.407.369
CONGONHINHAS	21.539.596	30.878.606	38.567.681	38.412.531	36.530.706
CONSELHEIRO MAIRINCK	9.424.765	10.293.685	9.870.208	10.846.343	12.401.107
CONTENDA	72.510.549	92.224.483	69.671.800	68.049.537	72.981.562
CORBELIA	144.002.671	155.073.245	139.654.390	131.991.117	169.868.828
CORNELIO PROCOPIO	311.736.612	317.077.383	266.005.020	290.729.856	279.535.785
CORONEL DOMINGOS SOARES	36.048.653	64.299.636	51.274.880	62.148.883	55.923.518
CORONEL VIVIDA	125.698.372	145.480.005	112.947.102	119.955.741	156.968.965
CORUMBATAI DO SUL	8.395.710	12.014.295	10.078.269	13.633.309	10.896.842
CRUZ MACHADO	94.288.676	135.131.866	159.612.530	163.173.384	173.729.061
CRUZEIRO DO IGUACU	56.610.663	66.882.477	68.121.489	67.826.511	104.469.246
CRUZEIRO DO OESTE	72.346.068	91.375.553	89.641.094	111.652.797	123.918.567
CRUZEIRO DO SUL	40.041.913	38.065.007	44.199.951	46.605.927	53.293.560
CRUZMALTINA	24.660.159	24.544.500	19.364.267	18.838.851	25.381.792
CURITIBA	12.840.921.687	15.955.245.123	17.448.588.701	18.223.319.323	19.998.875.629
CURIUVA	39.986.852	41.958.797	52.243.294	33.971.260	44.773.405
DIAMANTE DO NORTE	72.335.763	73.831.625	69.325.617	63.379.959	60.816.114
DIAMANTE DO SUL	3.239.237	5.717.701	5.690.197	8.371.390	8.158.934
DIAMANTE D'OESTE	14.380.425	14.179.211	15.291.774	14.154.100	16.865.835
DOIS VIZINHOS	299.885.156	269.185.381	354.456.320	390.305.386	376.102.056
DOURADINA	49.230.144	64.943.428	101.079.857	120.360.771	130.561.223
DOUTOR CAMARGO	37.613.601	40.948.370	32.501.068	32.406.442	39.365.828

DOUTOR ULYSSES	5.292.485	10.911.854	19.357.483	11.656.275	8.746.849
ENEAS MARQUES	50.482.442	71.057.210	76.311.876	73.979.998	99.712.223
ENGENHEIRO BELTRAO	145.734.931	124.585.756	99.115.764	97.605.145	134.917.157
ENTRE RIOS DO OESTE	45.314.159	50.339.676	50.117.362	55.083.872	64.421.190
ESPERANCA NOVA	7.733.617	7.754.469	8.765.335	8.737.849	13.925.960
ESPIGAO ALTO DO IGUACU	22.030.654	24.637.214	20.045.003	20.213.273	25.345.148
FAROL	57.370.447	57.603.564	36.347.672	41.455.379	58.585.599
FAXINAL	77.532.461	96.656.104	81.775.576	71.734.267	115.821.062
FAZENDA RIO GRANDE	153.811.324	239.133.474	199.064.234	237.873.400	226.802.275
FENIX	41.335.437	50.524.934	34.015.927	31.507.972	44.623.006
FERNANDES PINHEIRO	30.235.204	33.831.175	35.014.969	40.559.904	57.884.568
FIGUEIRA	24.154.351	29.363.880	35.998.742	34.560.530	40.781.930
FLOR DA SERRA DO SUL	21.961.261	24.295.611	23.305.204	24.165.329	28.118.105
FLORAI	45.987.443	48.662.172	39.719.804	40.158.773	58.943.785
FLORESTA	40.810.335	46.888.354	40.433.995	39.444.069	51.491.821
FLORESTOPOLIS	47.494.497	60.530.609	52.466.900	58.077.492	77.067.713
FLORIDA	13.251.271	16.923.040	12.924.754	13.702.474	20.033.191
FORMOSA DO OESTE	67.517.208	73.758.635	80.045.520	73.922.900	91.776.422
FOZ DO IGUACU	4.065.176.543	4.055.330.447	4.014.438.707	3.918.671.785	4.199.383.306
FOZ DO JORDAO	38.980.849	47.696.216	49.353.315	57.739.568	99.904.694
FRANCISCO ALVES	42.415.060	42.388.962	36.620.609	34.186.077	53.918.597
FRANCISCO BELTRAO	396.539.260	478.587.651	482.348.020	515.589.904	587.149.873
GENERAL CARNEIRO	49.541.730	65.049.287	57.547.773	59.015.837	65.091.047
GODOY MOREIRA	5.597.879	8.918.709	6.152.917	5.854.263	7.041.603
GOIOERE	152.351.826	163.749.711	133.502.486	146.722.367	172.023.003
GOIOXIM	45.363.684	40.960.396	35.603.683	49.263.802	58.494.616
GRANDES RIOS	13.412.727	14.899.051	16.261.611	19.395.391	22.884.356
GUAIRA	151.527.272	152.336.691	135.838.133	160.669.157	238.459.908
GUAIRACA	43.571.201	45.091.853	48.568.798	47.998.842	53.479.112
GUAMIRANGA	31.332.898	40.457.198	33.949.465	32.171.919	36.083.059
GUAPIRAMA	16.727.814	9.583.633	14.575.059	12.594.944	18.508.723
GUAPOREMA	19.462.602	25.554.656	24.548.869	24.630.716	30.219.111
GUARACI	23.203.440	33.067.704	33.778.880	33.922.914	53.412.648
GUARANIACU	107.927.809	115.920.649	113.556.864	113.385.870	140.807.860
GUARAPUAVA	1.162.949.668	1.260.111.044	1.182.430.954	1.183.852.336	1.292.835.573
GUARAQUECABA	1.860.703	2.056.164	2.470.803	2.525.422	3.463.118
GUARATUBA	45.053.861	53.152.097	57.310.404	59.724.550	70.397.093
HONORIO SERPA	58.868.206	75.631.581	54.878.936	60.478.610	71.373.729
IBAITI	100.813.315	152.357.937	102.961.064	114.126.971	113.066.883
IBEMA	37.697.397	51.443.816	41.608.258	41.104.436	44.273.998
IBIPORA	170.020.394	202.597.549	270.543.444	388.010.430	477.258.227
ICARAIMA	46.355.316	49.676.323	41.852.675	49.945.029	60.040.552
IGUARACU	31.924.120	35.782.848	35.402.569	36.653.778	49.567.232
IGUATU	12.601.717	15.609.358	13.532.901	11.159.869	13.526.453
IMBAU	13.068.373	22.949.724	28.216.243	24.862.203	28.905.493
IMBITUVA	151.979.948	207.806.129	161.102.453	174.783.405	198.873.881
INACIO MARTINS	50.090.296	50.385.213	57.743.991	45.060.152	32.814.422
INAJA	12.299.931	14.330.932	15.682.881	20.866.959	20.275.716
INDIANOPOLIS	33.304.441	41.599.237	52.327.637	50.781.011	71.615.311
IPIRANGA	97.803.419	116.748.529	102.808.914	101.275.094	106.752.075
IPORA	51.477.881	68.182.223	64.903.276	62.761.875	90.024.628
IRACEMA DO OESTE	21.605.129	22.105.595	19.641.500	23.035.793	26.339.899
IRATI	219.265.415	265.423.946	264.880.012	289.804.033	299.027.569
IRETAMA	32.786.156	42.154.887	40.528.472	38.871.488	43.957.687
ITAGUAJE	19.461.017	21.722.036	20.849.115	22.385.940	20.492.771
ITAIPULANDIA	61.552.065	66.371.865	72.151.481	79.279.821	99.216.853
ITAMBARACA	57.835.405	63.953.051	51.670.042	47.804.575	55.070.589
ITAMBE	57.506.128	64.564.091	48.954.180	46.343.371	60.020.503
ITAPEJARA D'OESTE	109.324.944	118.102.646	151.349.569	133.916.254	146.270.690
ITAPERUCU	31.374.162	57.444.362	58.536.978	57.764.133	72.103.348
ITAUNA DO SUL	6.839.121	9.131.558	8.294.296	6.965.890	7.743.561
IVAI	44.217.604	50.938.334	49.104.178	53.385.546	62.302.717
IVAIPORA	103.257.981	122.152.897	105.428.115	98.994.465	126.776.072
IVATE	95.933.875	100.406.378	90.715.376	114.138.630	110.049.440

IVATUBA	27.644.558	29.689.525	22.400.832	21.956.824	30.955.616
JABOTI	9.053.121	8.046.847	14.162.987	11.132.019	12.421.939
JACAREZINHO	214.290.155	221.627.118	281.812.534	284.790.803	272.703.613
JAGUAPITA	105.103.511	153.492.190	184.574.138	197.784.731	282.303.602
JAGUARIAIVA	453.957.571	625.016.514	513.661.046	569.790.944	598.732.615
JANDAIA DO SUL	106.143.607	142.205.376	146.818.210	184.434.159	169.100.094
JANIOPOLIS	50.797.469	55.869.895	42.615.367	35.403.641	53.520.728
JAPIRA	42.814.635	14.466.735	14.051.286	15.764.302	13.526.854
JAPURA	53.521.240	62.439.040	57.088.985	56.188.266	70.280.132
JARDIM ALEGRE	35.307.050	42.910.467	41.827.179	42.462.241	52.061.008
JARDIM OLINDA	9.130.313	9.420.582	9.058.680	6.619.548	10.354.828
JATAIZINHO	38.515.847	45.255.507	51.453.001	42.195.536	53.532.625
JESUITAS	55.554.932	77.563.481	69.513.303	61.902.062	84.574.206
JOAQUIM TAVORA	34.811.649	56.734.331	79.232.149	63.232.980	85.545.930
JUNDIAI DO SUL	6.951.526	12.837.542	13.435.636	11.276.125	
JURANDA	116.040.518	113.520.761	79.729.369	73.978.033	106.582.149
JUSSARA	86.851.380	107.691.882	82.082.869	95.769.773	98.956.185
KALORE	29.960.427	36.596.212	26.827.549	23.438.211	31.806.845
LAPA	336.671.334	377.976.574	355.724.332	340.717.914	416.171.605
LARANJAL	9.569.882	11.717.314	14.152.127	14.487.744	13.204.367
LARANJEIRAS DO SUL	94.058.297	102.506.974	102.577.995	106.352.557	121.835.523
LEOPOLIS	39.478.760	46.500.211	36.076.201	25.261.667	43.924.818
LIDIANOPOLIS	12.630.778	13.971.267	13.728.749	14.802.116	19.813.994
LINDOESTE	20.083.430	27.530.966	27.167.723	21.339.439	29.920.595
LOANDA	66.176.416	92.882.192	103.405.377	87.756.484	90.313.788
LOBATO	79.273.098	84.903.094	69.654.270	80.915.564	96.240.574
LONDRINA	3.117.501.179	3.669.267.167	3.649.560.197	3.575.057.749	3.951.492.836
LUIZIANA	130.362.392	144.331.774	108.659.069	106.515.409	140.006.406
LUNARDELLI	16.165.416	21.975.165	16.275.336	16.628.498	24.541.391
LUPIONOPOLIS	17.288.604	16.775.881	20.731.007	22.991.288	26.767.396
MALLET	78.921.032	92.696.928	94.045.319	101.827.095	109.654.734
MAMBORE	222.120.834	221.480.759	165.569.917	149.417.040	199.195.487
MANDAGUACU	75.442.599	87.857.434	100.108.005	98.466.843	154.876.990
MANDAGUARI	125.087.995	155.172.397	174.959.544	217.143.881	215.151.676
MANDIRITUBA	116.264.242	138.951.302	144.860.780	150.327.245	188.725.587
MANFRINOPOLIS	12.585.052	18.258.374	17.832.741	16.527.930	20.372.524
MANGUEIRINHA	336.089.108	432.676.638	462.297.975	487.999.469	537.356.670
MANOEL RIBAS	83.322.499	267.794.290	188.036.349	188.290.675	225.842.519
MARECHAL CANDIDO RONDON	395.284.801	429.390.765	410.634.394	499.108.202	642.229.549
MARIA HELENA	16.770.829	21.961.447	19.555.142	24.142.950	24.359.039
MARIALVA	135.295.499	181.927.732	172.168.980	215.109.030	233.760.798
MARILANDIA DO SUL	62.232.339	80.011.688	62.375.344	63.264.164	87.255.258
MARILENA	16.394.290	15.388.715	16.671.989	14.891.435	15.758.111
MARILUZ	46.107.990	53.935.514	49.806.667	54.838.883	69.471.048
MARINGA	2.075.476.278	2.665.174.107	2.689.457.261	3.073.177.977	3.085.609.020
MARIOPOLIS	58.582.838	61.915.850	55.265.096	49.477.503	70.382.556
MARIPOA	131.677.036	118.962.851	122.354.457	116.812.845	170.673.696
MARMELEIRO	77.250.980	83.216.052	79.747.928	80.921.358	105.332.384
MARQUINHO	10.818.199	11.758.919	13.716.297	13.117.069	12.317.095
MARUMBI	19.136.009	22.700.456	19.334.844	24.485.674	31.402.164
MATELANDIA	156.743.275	170.203.027	165.756.574	141.391.741	172.217.262
MATINHOS	44.596.543	50.623.661	54.526.661	60.628.014	62.765.028
MATO RICO	11.204.281	12.971.279	12.839.023	11.261.853	13.869.371
MAUA DA SERRA	124.698.618	140.481.592	112.578.635	111.421.517	91.026.955
MEDIANEIRA	236.368.883	271.269.918	262.373.419	263.794.983	319.955.227
MERCEDES	49.925.453	42.057.103	44.920.325	46.554.038	62.561.112
MIRADOR	20.131.038	19.081.603	19.630.552	23.651.455	39.979.467
MIRASELVA		9.021.193	9.833.920	10.351.588	
MISSAL	78.258.558	87.431.470	73.892.458	81.856.716	105.815.405
MOREIRA SALES	75.674.169	86.138.991	83.981.336	111.156.376	105.413.215
MORRETES	20.077.841	25.216.632	28.196.717	34.183.038	42.758.250
MUNHOZ DE MELO	22.018.940	22.686.744	25.360.937	24.103.616	28.046.459
NOSSA SENHORA DAS	18.446.910	18.992.593	20.666.276	24.211.261	25.590.370

GRACAS					
NOVA ALIANCA DO IVAI	12.865.141	16.470.903	14.103.060	14.909.785	18.688.348
NOVA AMERICA DA COLINA	24.932.483	24.936.481	19.320.435	34.444.398	39.899.090
NOVA AURORA	162.318.970	159.906.370	177.402.629	154.421.128	190.474.171
NOVA CANTU	46.404.018	49.956.077	39.747.853	38.862.778	47.333.583
NOVA ESPERANCA	94.089.520	110.716.227	108.827.524	118.532.918	213.534.257
NOVA ESPERANCA DO SUDOESTE	26.451.729	33.713.170	33.723.676	29.542.453	39.834.923
NOVA FATIMA	38.272.867	47.940.271	42.214.515	35.084.847	43.828.031
NOVA LARANJEIRAS	30.010.985	32.005.575	33.916.251	33.896.668	38.571.145
NOVA LONDRINA	91.469.233	78.008.371	78.832.906	86.947.206	105.306.139
NOVA OLIMPIA	16.125.560	21.880.998	28.535.318	24.712.558	36.245.686
NOVA PRATA DO IGUAQU	80.915.816	96.920.307	101.150.749	97.767.629	115.726.981
NOVA SANTA BARBARA	12.595.166	12.366.620	10.855.408	8.593.983	15.578.925
NOVA SANTA ROSA	102.582.407	108.336.719	104.929.772	108.556.208	152.198.584
NOVA TEBAS	15.813.402	19.992.010	19.743.813	16.666.152	19.521.453
NOVO ITACOLOMI	16.718.900	19.325.079	22.660.795	20.739.601	29.153.892
ORTIGUEIRA	42.097.897	61.344.778	73.399.660	87.875.767	125.025.169
OURIZONA	40.239.425	40.330.414	30.033.788	28.647.208	44.148.758
OURO VERDE DO OESTE	50.659.794	60.686.609	52.594.187	49.783.667	68.304.268
PAICANDU	57.869.319	94.314.793	80.431.893	79.998.977	96.322.614
PALMAS	292.920.024	372.442.902	270.138.997	239.261.842	301.722.562
PALMEIRA	263.189.885	309.822.477	281.058.948	260.451.059	309.407.480
PALMITAL	24.067.724	30.380.346	30.422.168	30.130.653	35.113.746
PALOTINA	382.498.392	390.891.825	364.875.480	354.584.958	511.530.841
PARAISO DO NORTE	51.117.694	52.577.347	51.754.133	61.603.142	83.482.982
PARANACITY	113.887.354	100.792.285	74.240.514	87.660.671	107.455.729
PARANAGUA	1.196.739.645	1.798.882.605	1.472.138.868	1.242.983.374	1.370.816.753
PARANAPOEMA	13.422.764	15.490.451	12.603.138	14.174.859	21.058.594
PARANAVAI	336.462.630	441.186.897	446.422.157	485.535.410	487.106.808
PATO BRAGADO	42.754.960	40.682.135	34.131.635	39.443.104	52.299.446
PATO BRANCO	541.472.391	560.167.914	574.050.423	585.989.065	764.425.678
PAULA FREITAS	34.137.586	41.138.541	38.175.036	37.746.014	42.215.039
PAULO FRONTIN	31.719.438	42.271.071	40.475.661	37.797.730	43.093.566
PEABIRU	90.808.872	100.700.030	71.403.397	71.010.306	92.659.895
PEROBAL	19.455.044	54.819.233	32.131.306	58.477.001	65.127.700
PEROLA	27.673.078	30.234.404	31.922.028	49.588.316	44.164.680
PEROLA D'OESTE	27.628.358	29.977.257	27.601.066	25.277.772	34.114.080
PIEN	203.308.003	248.266.785	265.530.380	299.305.978	335.112.556
PINHAIS	849.900.345	1.066.024.397	1.336.772.791	1.693.619.700	1.730.301.261
PINHAL DE SAO BENTO	6.444.137	8.676.448	8.199.597	8.223.984	8.659.976
PINHALAO	14.462.272	24.763.943	19.065.025	20.381.376	20.786.015
PINHAO	209.891.044	245.221.317	241.180.341	282.272.397	331.963.885
PIRAI DO SUL	260.541.525	313.373.991	296.547.695	294.516.854	326.504.446
PIRAQUARA	80.625.067	87.469.267	163.890.419	141.237.817	220.169.701
PITANGA	159.383.097	172.071.521	147.174.476	146.568.440	167.810.669
PITANGUEIRAS	28.148.447	33.658.349	22.303.854	22.985.872	31.341.296
PLANALTINA DO PARANA	20.750.876	23.682.744	23.117.225	22.155.919	26.390.091
PLANALTO	51.759.284	58.175.435	53.965.145	48.059.875	56.518.778
PONTA GROSSA	2.756.744.616	3.497.964.914	3.283.303.096	3.222.221.905	3.543.186.555
PONTAL DO PARANA	24.702.677	32.993.319	37.757.505	120.773.633	40.634.176
PORECATU	64.147.809	91.067.868	70.883.699	106.622.753	70.016.778
PORTO AMAZONAS	19.226.725	29.202.808	24.040.731	26.715.326	23.769.223
PORTO BARREIRO	50.539.056	70.256.143	59.641.867	57.441.690	69.849.300
PORTO RICO	7.726.312	13.043.748	14.023.581	15.043.309	15.069.012
PORTO VITORIA	22.025.137	29.562.640	30.420.478	32.839.792	36.721.399
PRADO FERREIRA	26.523.668	41.235.141	32.134.128	29.881.122	42.092.620
PRANCHITA	44.898.199	48.286.050	32.318.405	37.066.349	54.094.138
PRESIDENTE CASTELO BRANCO	20.696.899	23.175.714	19.295.501	25.663.760	28.846.191
PRIMEIRO DE MAIO	111.049.177	124.616.983	98.196.952	84.336.964	118.896.005
PRUDENTOPOLIS	113.275.184	153.159.412	145.033.838	157.076.747	171.789.880
QUARTO CENTENARIO	67.512.930	68.447.928	55.952.306	62.148.199	77.479.156
QUATIGUA	20.125.114	22.172.227	27.355.396	29.089.428	33.711.011

QUATRO BARRAS	219.611.365	239.019.407	265.796.591	250.099.631	310.564.165
QUATRO PONTES	43.914.236	51.024.794	53.561.528	54.378.605	73.027.653
QUEDAS DO IGUAÇU	253.259.747	332.596.252	302.610.079	312.232.132	339.115.347
QUERENCIA DO NORTE	54.727.484	66.680.418	62.726.648	55.253.696	61.046.103
QUINTA DO SOL	57.131.391	65.565.104	52.553.295	56.721.795	62.836.123
QUITANDINHA	27.673.641	35.743.959	36.685.370	44.297.727	45.205.744
RAMILANDIA	17.105.460	16.955.115	17.155.009	15.938.247	19.709.735
RANCHO ALEGRE	34.908.423	39.897.812	30.760.074	21.415.991	35.007.281
RANCHO ALEGRE D'OESTE	42.522.810	50.395.603	43.434.420	43.752.949	54.840.683
REALEZA	74.083.885	82.990.714	73.433.744	77.518.462	97.526.611
REBOUCAS	47.364.782	67.916.326	70.619.335	64.390.405	70.514.494
RENASCENÇA	70.001.265	75.568.304	62.575.893	61.426.710	80.835.077
RESERVA	49.181.207	61.468.974	66.590.700	70.674.007	94.667.418
RESERVA DO IGUAÇU	64.287.415	66.989.500	67.889.453	71.050.781	76.418.036
RIBEIRAO CLARO	65.498.104	76.153.511	72.059.057	90.702.582	78.183.837
RIBEIRAO DO PINHAL	18.084.592	24.787.451	22.300.897	29.234.802	27.572.077
RIO AZUL	60.186.293	85.003.342	77.191.324	93.690.677	126.010.991
RIO BOM	12.462.005	13.269.954	11.925.859	12.013.609	14.440.697
RIO BONITO DO IGUAÇU	113.681.786	132.203.683	128.551.054	130.109.291	150.519.386
RIO BRANCO DO IVAI	13.812.707	24.289.671	24.384.973	19.507.138	27.930.996
RIO BRANCO DO SUL	706.448.013	738.584.954	670.871.960	593.505.900	706.023.184
RIO NEGRO	173.371.608	229.520.406	229.904.009	239.650.844	330.052.803
ROLANDIA	484.740.710	591.665.329	528.638.239	594.734.669	678.744.343
RONCADOR	83.361.054	81.452.428	80.427.745	66.924.984	89.583.006
RONDON	98.569.812	119.425.578	120.686.990	146.562.158	158.916.448
ROSARIO DO IVAI	6.985.281	9.630.550	10.449.446	9.166.011	12.611.085
SABAUDIA	40.621.170	51.567.618	49.085.974	48.121.873	58.954.214
SALGADO FILHO	12.038.365	18.545.251	23.272.285	20.481.186	21.642.400
SALTO DO ITARARE	7.423.235	8.451.253	9.835.696	9.227.546	9.848.805
SALTO DO LONTRA	60.911.916	76.397.666	68.283.130	63.039.533	81.401.518
SANTA AMELIA	12.076.112	15.211.754	12.073.428	9.759.715	13.494.888
SANTA CECILIA DO PAVAO	18.806.259	24.047.088	20.843.554	17.210.847	21.853.508
SANTA CRUZ DO MONTE CASTELO	26.975.698	33.912.865	34.106.969	34.615.136	45.563.462
SANTA FE	58.536.869	61.444.659	57.305.951	53.058.983	66.987.919
SANTA HELENA	164.384.228	181.596.829	171.793.882	181.986.216	236.391.947
SANTA INES	10.271.892	11.498.005	11.135.888	10.798.173	14.349.533
SANTA ISABEL DO IVAI	26.690.682	30.549.772	34.881.271	33.124.204	36.344.069
SANTA IZABEL DO OESTE	58.230.791	66.831.153	56.810.796	49.262.992	80.485.866
SANTA LUCIA	14.360.868	18.399.858	16.742.536	16.007.371	20.405.109
SANTA MARIA DO OESTE	30.664.079	42.414.994	42.007.392	36.507.084	37.059.546
SANTA MARIANA	95.562.451	120.957.522	81.406.023	73.994.376	96.244.891
SANTA MONICA	18.763.256	21.390.088	19.986.461	21.572.675	24.855.618
SANTA TEREZA DO OESTE	49.379.559	56.184.124	51.691.217	52.567.582	71.776.505
SANTA TEREZINHA DE ITAIPU	92.842.130	94.262.472	92.288.552	100.965.823	123.705.899
SANTANA DO ITARARE	14.504.359	19.711.950	19.310.566	16.859.254	23.576.999
SANTO ANTONIO DA PLATINA	93.462.262	108.394.457	128.058.581	135.062.917	168.077.573
SANTO ANTONIO DO CAIUA	9.422.401	10.187.955	8.510.974	9.818.310	13.272.803
SANTO ANTONIO DO PARAISO	21.818.397	23.175.189	18.934.641	16.776.791	23.791.244
SANTO ANTONIO DO SUDOESTE	57.886.334	60.814.404	61.943.797	61.336.785	76.847.833
SANTO INACIO	48.825.577	51.702.366	47.394.147	47.084.212	79.802.028
SAO CARLOS DO IVAI	83.002.612	93.334.384	101.270.126	141.680.415	128.143.238
SAO JERONIMO DA SERRA	29.638.138	45.511.801	36.104.584	38.855.061	47.057.681
SAO JOAO	107.321.380	116.273.040	101.856.753	98.294.264	130.924.363
SAO JOAO DO CAIUA	18.076.446	22.095.621	23.201.724	23.448.419	26.866.368
SAO JOAO DO IVAI	60.913.649	76.923.895	59.108.533	50.277.662	71.099.842
SAO JOAO DO TRIUNFO	59.428.469	69.408.488	69.280.699	63.897.549	67.573.436
SAO JORGE DO IVAI	86.156.760	88.458.329	68.549.286	70.502.169	96.121.530
SAO JORGE DO OESTE	148.437.183	172.276.250	187.266.769	188.245.928	218.543.581
SAO JORGE DO PATROCINIO	15.570.788	18.834.300	19.883.011	23.679.965	24.629.277
SAO JOSE DA BOA VISTA	18.632.345	24.562.877	27.601.470	27.925.613	37.456.547
SAO JOSE DAS PALMEIRAS	13.289.415	18.021.804	16.410.514	16.037.608	19.152.159
SAO JOSE DOS PINHAIS	4.387.827.996	5.545.346.925	6.009.264.268	7.761.668.649	9.418.396.735

SAO MANOEL DO PARANA	17.413.416	25.722.148	21.671.022	24.755.053	30.364.151
SAO MATEUS DO SUL	287.778.647	360.832.807	371.993.880	394.533.961	446.293.350
SAO MIGUEL DO IGUACU	258.697.775	254.697.900	218.049.303	206.359.601	284.717.018
SAO PEDRO DO IGUACU	63.009.365	69.188.130	54.363.323	50.306.875	71.207.811
SAO PEDRO DO IVAI	92.259.882	104.894.803	98.546.993	150.670.465	178.974.572
SAO PEDRO DO PARANA	14.817.545	17.476.229	15.839.330	15.595.458	17.748.806
SAO SEBASTIAO DA AMOREIRA	58.733.448	66.286.880	43.469.009	44.976.323	59.303.626
SAO TOME	87.379.289	85.278.929	84.675.806	122.359.941	112.388.435
SAPOPEMA	11.502.738	23.179.235	16.251.714	16.050.674	19.353.933
SARANDI	131.377.496	171.649.312	186.406.624	170.627.480	247.237.959
SAUDADE DO IGUACU	180.210.133	219.322.738	264.552.462	254.636.863	297.634.429
SENGES	244.796.461	339.684.701	313.213.207	232.022.489	246.358.020
SERRANOPOLIS DO IGUACU	60.698.431	65.383.650	57.626.342	52.705.552	84.167.279
SERTANEJA	123.452.624	116.370.987	100.018.422	75.097.506	130.141.893
SERTANOPOLIS	164.406.276	211.200.167	179.517.676	142.722.109	199.157.873
SIQUEIRA CAMPOS	46.429.140	59.548.987	79.786.147	87.950.214	87.221.449
SULINA	43.840.873	47.355.975	46.847.696	47.233.579	58.255.661
TAMARANA	52.579.712	57.995.955	66.967.257	54.900.168	72.549.472
TAMBOARA	20.814.624	27.323.737	26.911.504	36.308.557	37.345.339
TAPEJARA	129.893.387	133.987.898	90.995.586	127.652.501	193.815.670
TAPIRA	30.119.779	36.180.216	33.292.353	34.545.470	32.733.709
TEIXEIRA SOARES	87.257.689	96.336.807	91.960.137	78.823.867	83.463.535
TELEMACO BORBA	973.607.457	1.167.509.634	1.227.032.548	1.334.538.495	983.191.455
TERRA BOA	69.053.645	81.783.147	87.911.790	96.936.147	94.478.713
TERRA RICA	46.049.508	50.157.850	45.527.767	46.871.995	79.141.882
TERRA ROXA	192.100.649	157.156.243	158.778.520	142.436.215	217.647.218
TIBAGI	260.649.215	296.187.752	241.656.192	263.173.337	346.113.589
TIJUCAS DO SUL	48.750.321	69.828.380	65.742.531	83.575.279	89.514.818
TOLEDO	1.121.133.561	1.117.592.762	1.332.970.559	1.324.249.929	1.508.368.131
TOMAZINA	20.288.594	31.109.815	29.590.060	33.996.679	37.815.519
TRES BARRAS DO PARANA	116.056.800	136.698.428	148.251.283	139.963.025	156.335.079
TUNAS DO PARANA	20.079.509	49.103.517	71.821.174	52.881.494	40.774.888
TUNEIRAS DO OESTE	55.395.903	71.204.089	55.743.304	56.372.719	73.912.272
TUPASSI	112.565.201	113.391.085	112.302.710	96.664.134	150.712.161
TURVO	55.066.255	99.100.238	87.691.994	85.132.298	120.520.382
UBIRATA	185.317.203	166.416.727	159.165.812	148.180.178	189.554.120
UMUARAMA	359.095.506	395.152.482	448.160.217	478.027.379	505.203.801
UNIAO DA VITORIA	302.855.272	378.524.266	356.107.347	395.341.614	381.129.521
UNIFLOR	11.672.512	10.679.407	8.233.849	10.100.446	11.821.010
URAI	40.634.947	46.327.592	39.541.814	38.114.610	49.813.238
VENTANIA	87.574.233	101.263.113	121.247.790	110.451.028	163.573.402
VERA CRUZ DO OESTE	64.047.634	61.432.968	58.418.234	56.168.055	70.701.322
VERE	72.094.803	84.851.646	75.265.838	69.108.283	91.988.545
VIRMOND	26.838.562	29.697.927	26.435.253	26.694.804	33.139.553
VITORINO	59.714.196	63.970.851	69.194.669	76.054.578	95.905.792
WENCESLAU BRAZ	49.606.473	52.065.245	54.009.877	60.042.347	67.037.660
XAMBRE	17.512.745	18.226.347	22.311.876	21.084.714	22.399.282